

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

DA CIDADE COLONIAL A METRÓPOLE MODERNIZADA
LIMA BARRETO E AS REFORMAS URBANAS NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Trabalho Final de Graduação apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no semestre de 2013.1, como requisito para a obtenção do grau de Arquitecta e Urbanista.

Graduanda: Rebeca Grilo de Sousa

Orientador: Prof. Dr. George Alexandre Ferreira Dantas

NATAL/RN

2013.1



REBECA GRILO DE SOUSA

Da Cidade Colonial a Metrópole Modernizada: Lima Barreto e as Reformas Urbanas do Rio de Janeiro no início do século XX

Trabalho Final de Graduação apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no semestre de 2013.1, como requisito para a obtenção do grau de Arquitecta e Urbanista.

Aprovado em: ____ de junho de 2013
BANCA EXAMINADORA:

Professor Dr. George Alexandre Ferreira Dantas – UFRN
(Orientador)

Professor(a): _____ – UFRN
(Examinador interno)

Arquiteto(a) e Urbanista convidado(a): _____
(Examinador externo)

Natal / RN





Agradecimentos

Agradeço a minha família, principalmente a minha mãe, Eliane, por todas as suas preocupações nesses cinco anos, por vibrar comigo nas minhas pequenas conquistas diárias: Mãezinha, obrigada por todo seu apoio, esta conquista também é sua. Ao meu pai, Leodoro, que mesmo que não tenha me visto entrar na faculdade, tenho certeza que está muito feliz onde quer que esteja: espero que o plano B que criei seja tão bom quanto o nosso plano A. Saudades de sonhar contigo, muitas! Aos meus avós inspiradores: minha avó Geralda que sempre atendia meus pedidos antes de dormir e voltava ao passado para me contar as histórias da Natal que não conheci; ao meu avô Agripino que tudo sabia e quando não sabia, criava; e ao meu avô Luís que, sem saber, era um pouco arquiteto. Aos meus irmãos Felipe e André, que mesmo distantes, estão sempre presentes.

Ao Luiz que, se pudesse, deveria colar grau como arquiteto e urbanista por todas as vezes em que me acompanhou nos trabalhos de campo, nos levantamentos, nas maquetes, nas madrugadas e todas as outras ajudas diárias que às vezes eram só uma palavra de incentivo que causavam toda a diferença. Obrigada rapaz, ainda vou precisar muito de você, talvez para o resto da vida.

Aos meninos e meninas que conheci ao longo do curso nas imediações do nosso querido galinheiro, peço desculpas antecipadas porque provavelmente vai faltar alguém nesta lista: Kaká & Lu, Marcela Karla, Rachel, Cleyton, Philippe, Jéssica Bittencourt, Marina Régis, Alanne Kissia, Deisyane, Musse, Cecília Marilaine, Júnior Farias e Iran. Aos ICs queridos do HCurb: Maísa, Désio, Kelly, Ítalo: obrigada pela companhia e pela ótima convivência diária. Um obrigada mais que especial a minha queridíssima, lindíssima, incrível quase-filha Bárbara Lambert: obrigada por tudo Barbie Girl, estarei por aqui sempre que precisar!

Aos meninos do HCurb: Yuri, Gabriel, Fred e principalmente a você Adriano, suas sugestões me ajudaram muitíssimo. A professora Amadja e toda a equipe da minha época de bolsista do GERAH: Marcela, Cecília, Amanda Cunha, Fernanda Karoline, Mafra e Luis Carlos. Ao professor Eugênio, que sempre me levou a pensar além. A Professora Angela pelos livros que indicou e pelas orientações que me deu desde quando esta pesquisa começou na disciplina de PPUR06. E é claro, ao professor George, por acreditar neste trabalho e por toda sua dedicação, paciência, calma, conhecimentos compartilhados e livros emprestados.





Aos dois companheiros de grupo que os co-requisitos do curso tentaram separar, mas amizade e a vida reuniram novamente: Igor e Jay. Gordo, não vou nem listar aqui por que nunca caberia, eu deveria fazer de mim a voz de todos no curso e agradecer por todo seu esforço em tornar nossa graduação melhor e por mostrar que sempre temos que pensar *out of the box*. Jay, se não fosse por você certamente estes meus cinco anos e meio seriam sem cor (principalmente a roxa), obrigada por tudo, por me dar de presente a amizade das doces Maria Helena e Mônica Lhamas e, é claro, de todos os *edificamigos* do Cefet.

As queridas Maira Nascimento, Renata Santiago, Camilla Bandeira, Livia Medeiros, Marcela Lemos e Barbara Elali: saudades, foi muito bom estar ao lado de vocês no começo da jornada. Aos companheiros de turma, Louise, Érica, Victor, Patrícia, Júlio, Ana Gabi, Daniel, Marina e Mariana. Em especial para: Deberth, obrigada por todos os ensinamentos; Juliana, obrigada por ser esta alma iluminada disposta a ajudar a todos; e a Guanabara, que fez a linda estampa da guarda desta monografia.

A todos que me hospedaram durante a pesquisa e me fizeram sentir mais perto de casa: família Mussato: Eliana, minha quase mãe, Cassiano, que sempre será meu arquiteto preferido, Naiana, por nossos diários compartilhados, Caio Lopes, por todas nossas risadas de madrugada enquanto eu fazia algum trabalho da faculdade e a Amanda, minha guia turística no centro antigo do Rio de Janeiro e companheira de todas as horas. A família Teles Baptista: Celso, Marisinha, Guilherme e Júlia: obrigada pela hospitalidade e carinho de sempre. E a nova família Baptista-Ostanello: Luisa, Rodrigo e Antônia, muito obrigada! Lu, eu deveria me estender muito mais para agradecer tudo que fez por mim, mas acho que estes longos anos de amizade e cumplicidade falam por si só. Aos meus queridos do Montessori, Fernando Bueno, Leonardo Bagarolo, Ana Carolina, Rogério Piva e Raíssa Lenz: foi um presente reencontrá-los durante a viagem de pesquisa.

E a família A Gente Transforma: Larissa, Jully Anne, Keyla, Alexandra, Joel, Jorge, Italo, Luciana, Gabriela, Andressa, Sabrina, Adeliane, Zargos, Alessandro, Leandro, Carlise, Natália Nadaletto e Natalia Dittimar, Renata, Paulo, Natasha, Dimas, Sarah, Thais, Tamires, Luciana, Romeu, Mônica, Lívia, Jackson, Tia Dag, Marcelo, Adriana e a todos os meninos e meninas da Casa do Zezinho: esta é a história de um rapaz que, assim como nós, sonhava com uma cidade menos desigual.

Obrigada a Deus, por ter guiado meus caminhos e me concedido toda a força e dedicação para terminar mais esta etapa.





“Rode-se, portanto, pensar numa história dos desejos não consumados, dos possíveis não realizados, das ideias não consumidas.”

Nicolaï Sevcenko





Resumo

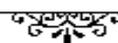
As transformações urbanas mobilizadas por Pereira Passos no Rio de Janeiro do início do século XX remodelavam a urbe de aspectos coloniais para uma cidade embelezada e salubre. Neste espaço de efervescência de mudanças urbanas, imagéticas e sociais, pululavam questionamentos sobre a cidade em construção e a cidade que deveria ser construída, tendo em vista que as reformas engendradas se concentravam no centro antigo e na zona sul da cidade - que possuía status de nobreza - enquanto a zona norte da cidade passava a abrigar as classes populares atingidas pelas demolições de moradias e pelo aumento dos aluguéis no centro antigo fluminense. A visão do morador do subúrbio, uma testemunha das transformações urbanas é aqui representada pelo escritor Lima Barreto; sua obra apresenta a sua visão particular da cidade que, por vezes, era a mesma partilhada por aqueles que nada puderam interferir na nova cidade em construção. Para tanto, as representações sobre a dimensão material da cidade em romances e contos barretianos foram confrontadas com as representações em publicações periódicas e outras publicações literárias da época que se ativeram ao mesmo aspecto. De um modo geral, Lima Barreto apresentou o Rio de Janeiro remodelado por Pereira Passos como uma cidade que reproduzia o que havia sido feito na Paris de Haussmann e, portanto não possuía identidade, além de ser ostensiva, desigual, segregadora e preconceituosa. Mesmo que Barreto não se opusesse a modernização da urbe, este propôs a construção de uma cidade modernizada atendesse aos reais condicionantes físicos, sociais, e culturais, além disto, que se pensasse na preservação da memória da cidade através da manutenção de seus edifícios antigos antes mesmo que o IPHAN fosse institucionalizado no Brasil. O estudo da história urbana propõe, também, a reflexão e contextualização sobre os processo contemporâneos de transformações urbanas.

Palavras-chave: representações, subúrbio, Lima Barreto, Rio de Janeiro, transformação urbana.

Abstract

The urban transformations mobilized by Pereira Passos in Rio de Janeiro in the early twentieth century have reshaped aspects of the colonial town to an embellished and salubrious city. Within this space of effervescence urban, social and imagery changes, questions about the city under construction and the city that should be built emerged considering that the engendered reforms were focused in the old center and in the south of the city - which possessed noble status - while the north side of the city was been occupied by the popular houses affected by the demolition process and by rent increases in the old center of Rio de Janeiro. The vision from a resident of the suburb, an eye witness of the urban transformations, is represented here by the writer Lima Barreto; His work presents his own vision of the city, which sometimes was shared by those incapable of interfering in the new city under construction. The representations of the city's material dimension in *barretian* novels and short stories were confronted with the representations in periodicals and other literary publications from that period of time related to the same aspect. In general, Lima Barreto presented the Rio de Janeiro, remodeled by Pereira Passos, as a city that reproduced what had been done in the Paris from Haussmann and therefore had no identity, besides being ostentatious, unequal, segregated and prejudiced. Even if Barreto did not oppose to the modernization of the town, he proposed the construction of a modernized city capable of attending to the actual physical, social and cultural conditions, taking in consideration the preservation of the city's memory by maintaining its ancient buildings even if the IPHAN was institutionalized in Brazil. The study of urban history also proposes a reflection on the process and context of contemporary urban transformations.

Keywords: representations, suburb, Lima Barreto, Rio de Janeiro, urban transformation.





Lista de figuras

Figura 1 - Evolução da cidade do Rio de Janeiro feitas pelo jornal A Avenida "como foi", "como é" e "como será", em agosto de 1903.	28
Figura 2 - Reprodução de Pintura de William Smyth: "Largo do Paço", 1832.	30
Figura 3 - Propostas de Beaurepaire para a cidade velha (esquerda) e a cidade nova (direita). Observar que já se considerava o desmonte do Morro do Senado e de Santo Antônio.	31
Figura 4 - Esquema das linhas de trens e bondes no final do século XIX	32
Figura 5: Detalhe do Carimbo da Planta original de Melhoramentos da Cidade do Rio de Janeiro (1875) elaborada pela Comissão de Melhoramentos.	34
Figura 6 - Paris em transformação por Charles Marville – fotos feitas durante a Reforma de Haussmann – (1858 - 1878)	36
Figura 7: Avenue de l'Opéra, uma das obras de Haussmann.	39
Figura 8: As ruas do Sacramento e Camerino antes das obras municipais – feitas por Augusto Malta, 1903.	40
Figura 9 - Apresentação das obras de saneamento e "aformoseamento" da cidade com texto de apresentação de A. Morales de Los Rios	43
Figura 10: Obra de alargamento na Rua da Carioca em 1905 - foto de Augusto Malta	44
Figura 11 - Trecho do mapa da nova configuração para o encontro das Ruas Camerino e Sacramento	45
Figura 12 – Vista da Rua Direita de cima do Morro do Castelo, antes da construção da Avenida Central – foto de Marc Ferrez.	46
Figura 13 - Início do primeiro desmonte do Morro do Castelo, para a construção da Avenida Central em 1904 – foto de Marc Ferrez	46
Figura 14 – Construção dos edifícios vencedores do concurso de fachadas da Avenida Central em 1905 – foto de João Martins Torres	47
Figura 15 - A Avenida Central em 1910 com o Morro do Castelo à esquerda - foto de Marc Ferrez	47
Figura 16 - Projetos de fachadas feitas para o concurso promovido pela Comissão Construtora Avenida Central	48
Figura 17 – Trecho de Planta do Rio de Janeiro de 1911 destacando a Avenida Central.	48
Figura 19 - Vendedores ambulantes no Rio de Janeiro em 1895 - foto de Marc Ferrez	49
Figura 20 - Charge do jornal O Malho - "Meu amigo tenha paciência. São cousas da Prefeitura! Trate de ver outra casa...".	50
Figura 20: Fotografia de Lima Barreto. (sem data).	54
Figura 21 – Foto de Júlio Ferrez, 1922: Desmonte do Morro do Castelo. A Igreja de Santa Luzia ainda se encontrava perto do mar.	63
Figura 22 - Rua dos Andradas com Alfândega, 1906. Abaixo da identificação, segue o comentário “está pedindo picareta”.	65
Figura 23 - Indicação da proximidade dos bairros dos personagens em relação ao centro - Clara dos Anjos 1904	68
Figura 24 - <i>Mapa da Linha do Centro e da Linha Auxiliar, da EFCB, em 1928.</i>	70
Figura 25 – Faixa de subúrbio de acordo com Lima Barreto em Clara dos Anjos 1922	72
Figura 7 - Favela Morro do Pinto, Rio de Janeiro – foto de Augusto Malta, 1912.	73
Figura 27 - Trecho da Carta Cartográfica do Rio de Janeiro em comemoração ao centenário da independência - 1922	76
Figura 28 - Anúncio de liquidação de estabelecimento por conta das demolições da Avenida Central	77
Figura 29 - Charge - "Photograpria Prophetica - Prova negativa de uma scena positiva na futura avenida"	78
Figura 11 - "A tradicional loja Parc Royal, templo da moda na Belle Epóque carioca" - foto de Marc Ferrez 1905-1910	80





Figura 31 - Indicação da proximidade dos bairros dos personagens em relação ao centro - Clara dos Anjos 1922	83
Figura 32 - Diligência e Bonde à tração animal.	85
Figura 33 – Charge - "Zé Povo em camisa!"	89
Figura 34 – Cortiço da rua do Senado visto por dentro. Foto de Augusto Malta, 1906.	90
Figura 35 – Início da Avenida Beira-mar e Jardins da Glória.	91
Figura 36 - Ladeira da Misericórdia. Fotografia de Augusto Malta, 1921.	94
Figura 37 - Tirinha - "Procurando a casa"	95
Figura 38 - Charge - "Descendo o Castello"	97
Figura 39 – Engenharia á Muller - série de reportagens sobre os erros técnicos e "esbanjamentos" do dinheiro publico.	101
Figura 40 - Desabamento do Clube de Engenharia. Fotografia de Malta, 1906.	103
Figura 41 - Alagamento da Rua do Senado. Fotografia de autor desconhecido, 1909.	104
Figura 42 - O Prefeito inspeciona a muralha feita na Avenida Beira-Mar.	106
Figura 26 - Charge – “Senhorio - Os senhores é que me vão pagar o desaforo da prefeitura./Inquilinos - Nós?!”. Nós?!”.	107

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Volume de passageiros no sistema de trens suburbanos da Estrada de Ferro Central do Brasil (1866-1910)	51
Tabela 2 - Volume de passageiros transportados na Cia de Ferro-Carril Vila Isabel (1876-1906)	51





Sumário

Introdução	10
1. Leituras sobre a cidade	18
1.1 Representação como um conceito	18
1.2 Representação como um método	21
2. O Rio de Janeiro na virada para o século XX.....	27
2.1 O Rio de Janeiro antes da Reforma.....	28
2.2 Pereira Passos na Paris de Haussmann	34
2.3 A Reforma de Pereira Passos	39
3. A Capital carioca em transformação.....	53
3.1 A cidade em Romance	60
3.2 Quem conta um conto aumenta um ponto	92
Considerações finais	113
Referências Bibliográficas	116
Apêxos.....	123





Introdução

As reformas urbanas imprimem na cidade o contexto de uma época, nelas estão os imaginários tanto dos que as projetam quanto dos que anseiam por elas, nestes imaginários se inclui o senso estético e de valor. Às vezes as estruturas urbanas já existentes são postas em segundo plano, porque algo de “melhor” virá a ocupar seu lugar, deste modo, a cidade se transforma em um mosaico de temporalidades. Num espaço como este, e no contexto de virada do século XIX e XX, de plena efervescência de mudanças urbanas, imagéticas e sociais, é que a presente monografia se propõe a analisar alguns dos fatores e atores sociais destas transformações, com foco no caso do Rio de Janeiro visto pela produção literária de Lima Barreto.

Os séculos XIX e XX foram marcados por grandes transformações urbanas no Rio de Janeiro. Além do grande crescimento populacional (entre os anos de 1850 e 1900 saltou de 169.419 para 687.699¹ habitantes) a construção das estradas de ferro a partir de meados do século XIX propiciou a expansão da cidade para muito além dos seus arrabaldes².

A estrutura da cidade não acompanhou o crescimento anunciado pelas modificações das relações sociais de trabalho que operava na transição da sociedade escravista para livre. O espaço ainda mantinha, em grande medida, a sua estrutura e paisagem coloniais³ e urgia por uma série de transformações urbanas, na tentativa de consolidar uma imagem de cidade moderna, salubre, regular, higiênica, funcional, fluida e bem administrada a exemplo das grandes metrópoles mundiais, como Paris, que havia sofrido uma grande mudança sob a administração de Eugéne Haussmann. No ano de 1902, o Engenheiro Francisco Pereira Passos assumiu a Prefeitura do Rio de Janeiro e concretizou a grande Reforma Urbana, promovendo alterações na sua morfologia e no seu acervo edilício. As modificações ocasionadas pela reforma não tinham apenas o objetivo de criar ou aperfeiçoar os logradouros

¹ Dados do “Anuário Estatístico do Brasil” de 1935, disponibilizado no site do IBGE, fonte: <<http://seculoxx.ibge.gov.br/populacionais-sociais-politicas-e-culturais/busca-por-palavra-chave/populacao>> acessado em 31/03/2013.

² A estrada de ferro Central do Brasil era anteriormente conhecida como Estrada de Ferro Dom Pedro II, com o primeiro ramal entregue em 1859, seus ramais ficavam entre o Rio de Janeiro e São Paulo. Já a estrada de ferro Leopoldina, com primeiro ramal entregue em 1872, comunicava Minas Gerais com o Rio de Janeiro e com o Espírito Santo. Mais informações no site Estações Ferroviárias: <<http://www.estacoesferroviarias.com.br/index.html>> acessado em 14/03/13.

³ Neste trabalho será utilizado o termo “colonial” para caracterizar a cidade herdada do período Brasil-colônia, que posteriormente acabou sendo classificada dentro de um estilo. Este conceito não era utilizado até o início do século XX, quando os resultados da Reforma Urbana no Rio consolidaram uma cidade “modernizada”. Portanto, a cidade colonial era, na época, uma associação feita à cidade brasileira anterior ao século XX.





para melhorar a circulação da cidade, mas também havia o intuito de se explorar novos tipos de arquitetura, novos espaços públicos, e assim criar o substrato ideal para se implantar uma política sanitaria. Com a explosão demográfica, as doenças epidêmicas e o ambiente insalubre da capital federal estavam sendo um fator inibidor da imigração estrangeira de que tanto o país precisava, o que afetava diretamente a sua economia devido à falta de investidores e à carência de uma mão-de-obra que suprisse a recém-extinta mão-de-obra escrava.⁴

O Plano de Pereira Passos demandou uma grande valorização das áreas centrais, que até então ainda eram ocupadas, em parte, pela população de baixa renda, que foi levada a morar ou nos subúrbios ou nos morros mais próximos do centro. Apesar de todas as melhorias sanitárias e urbanísticas, a reforma implicou num alto custo social, sendo um dos fatores que ajudou a consolidar a ocupação das primeiras favelas na cidade.

Junto às alterações físicas da cidade, foram promovidas novas posturas municipais pelo governo de Pereira Passos, com intuito de complementar o embelezamento e higienização da urbe. Enquanto algumas se atinham ao aspecto físico que as edificações deveriam ter – como impedir a construção, reforma ou ampliação de residências multifamiliares nas regiões centrais, outras limitavam o acesso das classes menos abastardas em certas partes da cidade.

Observa-se assim, os impactos diretos e indiretos que a reforma da cidade vem causar, além do seu aspecto estrutural, esta também reflete no modo como que cada estrato social participa desse fenômeno. Parafraseando a historiadora Cláudia Paixão⁵, as diferentes subjetividades sociais formam o fenômeno urbano e fazem dele uma representação das disputas sociais.

Em meio a todas estas mudanças acontecendo na urbe, várias vozes se manifestaram a respeito da cidade em transformação. Os jornais de grande circulação como *O Paiz* e *O Jornal do Comércio* e revistas como *O Malho*, *Fon-Fon* e *Kosmos* apresentavam os eixos da reforma e suas implicações como inevitáveis para se atingir o progresso. Os guias de viagem vendiam *The New Brazil*⁶ tendo como ponto de partida a nova e transformada capital carioca.

⁴ As iniciativas dos governos Federal e Municipal para atrair investimentos e mão de obra para o Brasil serão melhor explicitadas no Capítulo 2 desta monografia.

⁵ PAIXÃO, Cláudia Miriam Quelhas. *O Rio de Janeiro e o morro do Castelo: populares, estratégias de vida e hierarquias sociais*. 2008, 159 p. Dissertação – Universidade Federal Fluminense. Niterói: 2008. p.5

⁶ Alguns destes guias podem ser encontrados digitalizados. A edição de 1907, por exemplo, encontra-se disponível na Biblioteca Digital da California University: <<http://archive.org/details/newbrazilitsreso00wrigrich>>, acesso em 12/04/13.





Concomitantemente, alguns escritores davam forma ao movimento literário hoje chamado de Pré-Modernismo⁷, que tinha como uma de suas características principais o posicionamento crítico do real, mas dentro de uma obra de ficção. Monteiro Lobato, Euclides da Cunha e Lima Barreto eram algumas das vozes dessa época, cada um em seu contexto, o primeiro no interior de São Paulo, o segundo nos sertões nordestinos e o terceiro no subúrbio carioca. Nicolau Sevcenko⁸, diz que todo escritor possui uma espécie de liberdade condicional de criação, tendo em vista que os seus temas, motivos, valores, normas ou revoltas são fornecidos ou sugeridos pela sua sociedade e seu tempo e que é destes que eles falam, mas que ao contrário do historiador que fala sobre possibilidades que se concretizaram, o escritor pode falar daquelas possibilidades que não ocorreram. No excerto a seguir, ele sintetiza a obra de Euclides da Cunha e de Lima Barreto:

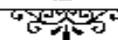
Cada um deles é como que uma síntese das alternativas históricas possíveis, que se colocavam diante dos olhos dos autores, pelas quais lutaram energeticamente, derrubando moinhos de vento para o sorriso desconfortável dos poderosos.⁹

Filho de um tipógrafo com uma professora primária, Lima Barreto (1881-1922), teve uma criação que primava para que fosse levado à Escola Politécnica e se tornasse “doutor”. Mas as adversidades da vida e a rejeição dos colegas de curso – mais abastados - o levaram a abandonar os estudos e entrar no funcionalismo público, paralelamente a isso começou a publicar crônicas esporadicamente nos jornais de grande circulação e mais sistematicamente nos pequenos periódicos que surgiam no início do século XX. Através de suas crônicas, contos e romances, foi um incansável crítico no que diz respeito ao processo de remodelação da então capital federal, ocorrido na virada do século XIX para o século XX. Sua obra volta-se para uma crítica à sociedade em geral, trazendo à tona o cotidiano do preconceito e marginalização social e racial tendo como pano de fundo o Rio de Janeiro em transformação. Pertencente a uma geração de escritores preocupados com as questões sociais, via na literatura uma forma de denunciar toda a “hipocrisia reinante” que via tanto no governo quanto na

⁷ Este movimento, mais tarde chamado de Pré-modernismo é uma convenção criada para delimitar estilisticamente e temporalmente os autores que já não se enquadravam nos movimentos do fin-de-siècle como o Romantismo, o Naturalismo, o Realismo, o Parnasianismo e o Simbolismo, mas que eram anteriores ao Modernismo, iniciado no Brasil oficialmente na Semana 1922.

⁸ SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1995. 4ª edição. p.20

⁹ SEVCENKO, Nicolau. op. cit., p.23.





imprensa, a quem chamava de “Quarto Poder fora da constituição”¹⁰. Sendo Lima Barreto um personagem histórico que transcendeu seu horizonte de possibilidades, tal qual o moleiro descrito por Carlo Ginzburg em *Os Queijos e os Vermes*¹¹, tem-se acesso a um discurso originado na periferia das transformações da urbe carioca, o que suscita a seguinte questão: Como a obra de Lima Barreto representou a remodelação do acervo edilício, do arruamento e do parcelamento da capital transformada por Pereira Passos?

Para responder a esta pergunta, retoma-se o pensamento de Sevcenko que diz que nem toda a história se resume aos fatos e a seu sucesso, e que a literatura permite ao pesquisador histórico ter acesso à história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram e sobre planos que não se concretizaram¹². Sendo assim, cria-se a hipótese de que haveria no imaginário de Lima Barreto uma possibilidade de cidade modernizada e saneada que não privilegiaria apenas as áreas centrais da cidade-delimitadas por Pereira Passos, que chegaria – por que não – aos subúrbios. Suscitou-se outra hipótese que infere que devido à necessidade de desapropriação de lotes para a concretização dos projetos de alargamento de ruas e de outros espaços públicos, a reforma urbana de Pereira Passos criou um lugar negativo (criou uma experiência urbana negativa) para os indivíduos das classes populares¹³. Em contrapartida, a inserção de uma nova paisagem e a configuração de uma nova estrutura urbana modernizadora representaram um lugar positivo para as classes não prejudicadas pela desapropriação de lotes e pela transformação da vida urbana.

Por tanto, este trabalho, tem como objeto de estudo as leituras das imagens de Lima Barreto, sobre a dimensão material da cidade “colonial” e as representações da cidade transformada suscitadas pela Reforma Urbana do Rio de Janeiro no início do século XX.

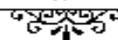
Dentre os fatores que justificam esta pesquisa primeiramente há a motivação pessoal, há aproximadamente um ano e meio, a discente é pesquisadora de iniciação científica do grupo de pesquisa em História da Cidade, do Território e do Urbanismo (HCURB - UFRN), onde lhe foi apresentada uma linha de pesquisa sobre o tema, que ainda não havia sido abordado com enfoque na cidade do Rio de Janeiro. Soma-se a isto o desejo da aluna em conhecer mais sobre os vários aspectos e implicações da Reforma de Pereira Passos,

¹⁰ LIMA BARRETO, apud SEVCENKO, Nicolau. op. cit., p.174.

¹¹ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 3ª edição

¹² SEVCENKO, Nicolau. op. cit., p.21-22.

¹³ I.e.: os trabalhadores formais e informais, os pobres sem ocupação definida, os remediados de classe média baixa, até mesmo os *vadios*.





suscitados quando estudou a disciplina de História e Teoria da Arquitetura e Urbanismo 02, na qual teve contato com o assunto pela primeira vez. As outras experiências acadêmicas, como ter sido bolsista de extensão no Grupo de Estudos em Reforma Agrária e Habitat (GERAH) e com a participação em trabalhos voluntários de intervenção urbana em regime de mutirão assistido, trouxeram a temática da habitação de interesse social e do habitat que se forma em seu entorno como substrato para se criar questionamentos. Como executar grandes intervenções urbanas, pactuando coletivamente os custos e ganhos a todos os indivíduos formadores da sociedade?

Reformas urbanas nos moldes que ocorreram na Paris de Haussmann e no Rio de Janeiro de Pereira Passos podem ser observados em recortes temporais mais próximos dos dias de hoje como Barcelona, Londres, Pequim, Pretória e Joanesburgo todas estas cidades sofreram grandes mudanças em sua estrutura urbana (malha viária, traçado, edificações, processos de gentrificação, etc) por outros motivos: eventos esportivos de grande porte que demandaram a construção de grandes edificações como estádios, centros de treinamento, cidades olímpicas, etc. Todas estas tiveram as suas implicações sociais, no caso de Pequim (onde ocorreram as Olimpíadas em 2008), as ruas se modificavam de tal maneira (tanto de largura quanto de posição e de nome constantemente, que se tornava difícil localizar-se. Em Pretoria e Joanesburgo (duas das cidades sede da Copa de 2010 na África do Sul) as denúncias feitas pela imprensa estrangeira mostraram o acelerado processo de “favelização” das duas cidades, as quais os governantes tentaram esconder a pobreza da cidade colocando-as fora das rotas de circulação criadas para os visitantes da cidade. Exemplos como estes poderiam e devem ser estudados, mas no entender da aluna, por serem muito recentes alguns desdobramentos dessas reformas ainda não foram sedimentados. Sendo assim, volta-se para o século passado para poder se entender melhor o que está se construindo hoje.

Seguindo o pensamento de Carlo Ginzburg, que aponta para a pesquisa que se até à um fator “pormenor” acabará por suscitar questionamentos maiores. Ao se examinar o desenvolvimento de uma cidade e o surgimento da necessidade de uma reforma, além das consequências desta reforma já executada, criam-se parâmetros para que, como arquitetos e urbanistas, possamos considerar em outros âmbitos a importância e o impacto de uma obra, seja ela de um edifício ou urbanística, de pequenas ou de grandes proporções. Ambiciona-se, também, colaborar com o preenchimento dessa lacuna nos estudos da história urbana, ainda que seja com uma pequena contribuição. Afinal, a função de um arquiteto e urbanista não se





restringe apenas a criar e remodelar as cidades, para tanto, é fundamental ajudar a recontar as suas histórias.

O objetivo principal desta monografia é compreender as transformações urbanas ocorridas no Rio de Janeiro no início do século XX por meio das representações, contribuindo assim para os estudos sobre história cultural urbana, da arquitetura e do urbanismo. Nesse contexto, desdobram-se pelo menos três objetivos específicos: (i) apreender o conceito de modernidade da época da reforma, e como ele foi assimilado pela produção arquitetônica e urbanística nos eixos analisados; (ii) analisar as visões da cidade transformada e em transformação, feitas por representantes das classes sociais que não possuíam tanta expressão social (expressos nos textos de Lima Barreto), (iii) compreender a diferença da imagem da cidade formada por representações sociais distintas.

A delimitação espacial do universo de estudo desta monografia compreende a cidade do Rio de Janeiro, capital do estado do Rio de Janeiro, que está localizado na região sudeste do Brasil. As áreas da cidade que são abordadas nesta pesquisa são delimitadas de acordo com que foi encontrado no material analisado (citados mais adiante). O recorte temporal compreende o momento de transição entre os séculos XIX e XX, especificamente no período compreendido entre 1890 e 1920, que abrangem a situação do Rio de Janeiro imediatamente antes da Reforma Urbana, o período de concretização dos projetos e o processo de transformação da cidade, passando pelo final do mandato do prefeito Pereira Passos até se chegar aos relatos das transformações já sedimentadas na cidade. Por isso, é importante ressaltar que serão utilizadas algumas reflexões ou dados de autores feitos posteriormente a essa época, mas que sempre se referem ao mesmo recorte temporal.

Como alguns dos substratos para esta análise se fará uso de textos do escritor Lima Barreto, de jornais da época, dados do IBGE, Posturas Municipais e mapas temáticos da capital carioca e adjacências, tendo como foco a reforma urbana e suas implicações, busca-se desta forma ter acesso a um discurso que muitas vezes não é ouvido: os discursos “não-oficiais”, como o da literatura criativa¹⁴.

Por meio deste procedimento têm-se, em princípio, dois tipos textuais principais dos quais se poderá fazer a análise dos “imaginários urbanos” mencionados por Adrian

¹⁴ Sobre o uso da literatura criativa como fonte histórica ver “O Homem e o Mundo Natural” de Keith Thomas, 1989. p.19





Gorelik¹⁵ que, constituiriam dois grupos sociais. Esse fato se deve principalmente porque foi percebida no relato do autor a análise crítica dos eventos e situações que ocorriam em seu cotidiano, deste modo, algumas de suas produções agregam o valor de terem como pano de fundo a então Capital Federal, e também o fato de remeterem aos processos da reforma urbana.

O primeiro capítulo desta monografia abrange a parte mais conceitual, que tem como base os autores George Dantas¹⁶, Carlos Ginzburg¹⁷ e Antônio Cândido¹⁸, Nicolau Sevcenko¹⁹ e David Harvey²⁰, abordará a representação como o conceito e como o método para a análise do tema.

O segundo capítulo refere-se à contextualização dos acontecimentos históricos que inspiraram a concretização da Reforma Urbana de Pereira Passos. Utilizando como base as referências Verena Andreatta²¹, Eloísa Petti Pinheiro²², Nelson da Nóbrega Fernandes²³ e Carlo Kessel²⁴; serão apresentadas nele três seções na seguinte ordem: (i) o Plano de Melhoramentos, que foi desenvolvido pela Comissão de Melhoramentos (da qual Francisco Pereira Passos foi membro) e que traçou as diretrizes e metas para a realização da reforma urbana, (ii) a Reforma Urbana de Haussmann, ocorrida em Paris no século XIX e que serviu de inspiração para o novo Rio de Janeiro planejado por Pereira Passos, e (iii) a Reforma Urbana do Rio de Janeiro no início do século XX, destacando os seus projetos, a trajetória da realização de suas obras e os impactos físicos imediatos.

O terceiro e último capítulo, que utilizará os textos literários de Lima Barreto será dividido em duas partes. A primeira se ateu aos romances escritos pelo autor, tomando como

¹⁵ GORELIK, Adrián. *Imaginos urbanos y imaginación urbana. Para um recorrido por los lugares comunes de los estudios culturales urbanos*. In: _____. *Miradas sobre Buenos Aires, historia cultural y critica urbana*. Buenos Aires: 2004. p.2.

¹⁶ DANTAS, George A. F. *A formação das representações sobre a cidade colonial no Brasil*. 2009. 237p. Tese - Escola de Engenharia de São Carlos (EESC). São Carlos: Junho de 2009.

¹⁷ GINZBURG, Carlo. *Os queijos e os vermes*. 2006.

¹⁸ CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro Azul, 2006. 9ª edição.

¹⁹ SEVCENKO, Nicolau. op. cit.

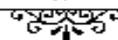
²⁰ HARVEY, David. *Paris, capital of modernity*. Oxon (Great Britain): Routledge, 2006.

²¹ ANDREATTA, Verena Vicentini. *Cidades Quadradas Paraísos Circulares*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

²² PINHEIRO, Eloísa Petti. *Europa, França e Bahia: difusão e adaptação de modelos urbanos (Paris, Rio e Salvador)*. Salvador: EDUFBA, 2002.

²³ FERNANDES, Nelson da Nóbrega. *O Rapto Ideológico da Categoria Subúrbio*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

²⁴ KESSEL, Carlos. *Entre o Pastiche e a Modernidade: Arquitetura Neocolonial no Brasil*. Tese. 2002. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2002.





base o seu texto mais rico em descrições da cidade – *Clara dos Anjos*²⁵, juntamente com outros excertos de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha e Vida*; para a segunda parte foram utilizadas crônicas e contos de Lima Barreto contextualizados e comparados com recortes da imprensa periódica da época da reforma de Passos. Estes periódicos são edições originais que foram digitalizadas pela Biblioteca Nacional e disponibilizadas em sua hemeroteca virtual²⁶, ou retirados do livro *O Rio de Janeiro de Pereira Passos*.²⁷

Por fim, as considerações finais desta monografia destacam as discussões sobre a cidade modernizada no início do século XX na visão de Lima Barreto e os seus desdobramentos.

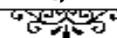
Para realizar as leituras sobre a cidade em transformação através da obra de Lima Barreto, foram utilizados alguns mapas coletados na mapoteca virtual do site da Biblioteca Nacional²⁸. Para que o leitor possua a mesma possibilidade de se localizar espacialmente de acordo com as descrições do escritor, foi selecionado o mapa que abrangia a maior parte das localidades referenciadas por Lima Barreto durante o estudo. Este se encontra no anexo desta monografia.

²⁵ Serão utilizadas as duas versões de *Clara dos Anjos*, a de 1904 e a de 1922.

²⁶ Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em: 20/02/13

²⁷ Importante publicação que remete ao governo de Pereira Passos que compila charges, decretos municipais, reportagens, crônicas e fotografias que foram selecionadas por Giovana Del Brenna (1985).

²⁸ Mapoteca Digital da Biblioteca Nacional, disponível em: <http://catcrd.bn.br/scripts/odwp012k.dll?INDEXLIST=cartografia_pr:cartografia>. Acesso em: 20/02/13





1. Leituras sobre a cidade

A cidade, em seus mais variados aspectos físicos, políticos e sociais, desperta questionamentos e quando está em um processo de grande transformação provoca, direta ou indiretamente, os cidadãos para (re) encontrarem seus nichos na nova realidade urbana que se constrói às suas vistas. Claude Duchet apresenta a cidade como um lugar simbólico, onde se marca a história, o macrocosmo social, o encontro de funções e sinergia de criações, texto e discurso, “a cidade atravessa as ciências humanas e fecunda artes e letras, como questão (o que é cidade?) e como problema (por que a cidade?)”²⁹.

Em meio a tantos quesitos a serem considerados na leitura da cidade, o presente capítulo visa propiciar a criação de um roteiro de leitura capaz de apreender de forma equiparável os diferentes substratos desta pesquisa que são estilos literários como romances, crônicas e textos jornalísticos – todos estes com temas vinculados à perspectiva da história cultural urbana e à dimensão material da cidade, considerando que estas serão, em tese, fontes das representações de diferentes estratos sociais que se atém ao universo de estudo já mencionado.

1.1 Representação como um conceito

Em sua tese, George Alexandre Ferreira Dantas retoma o conceito de *representação* em prol de uma história cultural do urbanismo, partindo da narrativa do livro *Palomar*, de Ítalo Calvino, cujo contexto envolve a percepção do personagem sobre o mundo enquanto nada no mar durante uma tarde ensolarada. Sobre isso afirma que:

Construindo-se como uma metanarrativa que problematiza tanto a natureza quanto a confiabilidade da percepção, da capacidade de o homem descrever e explicar aquilo que vê e vivencia (e, em consequência, como “reflexão acerca do próprio ato de ler”), o final do conto aqui citado expressa aquilo que os fenomenologistas chamam de o “a priori do mundo”.³⁰

Em seguida, defende que Calvino propõe uma diferenciação entre o “nível de realidade”, que diz respeito ao mundo da obra, e o “nível de verdade”, que diz respeito ao

²⁹ DUCHET, Claude. apud MACHADO, Maria Salete Kern. O imaginário urbano. In: Brescianni (org). Palavras da Cidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001.

³⁰ DANTAS, George A.F., op. cit., p.35.





mundo externo à obra, sendo ambos importantes para que se possa construir uma compreensão (visão) acerca do universo da escrita.

A *representação* pode ser entendida como a visão que um determinado indivíduo tem acerca de um acontecimento e a consequente reflexão sobre ele. Para a historiografia e para a compreensão da formação e/ou uso de imagens³¹ é necessário relacionar a discussão do conceito de representação ao de *lugar-comum* e *fundo-comum*. O *lugar-comum*, segundo Maria Stella Bresciani³², é uma palavra cuja compreensão é imediata e considerada do ponto de vista da coletividade, o *lugar-comum* parte de um *fundo-comum* onde se trocam palavras, crenças, preconceitos, argumentos e opiniões. Bresciani e Dantas fomentam seus conceitos nos dizeres de Myriam R. D’Allones em *Le dépéressiment de la politique*, aonde afirma:

[o *lugar-comum* é] constituído por palavras, crenças, opiniões ou mesmo preconceitos que têm significado para uma “comunidade política efetiva” e que, mesmo confusas, erráticas e sem precisão, deitam raízes na vida e na experiência das pessoas; o *fundo-comum* é o repositório das idéias, noções, etc., que subsidiam análises, interpretações. Isto é, o *lugar-comum* é a “imagem resultante, [e o] *fundo-comum* o material com o qual é elaborada e cuja genealogia necessita ser interrogada”.³³

Na história do Brasil, mais especificamente sobre o estudo do passado das cidades - que remete ao tema deste trabalho, Dantas refere-se ao uso das representações para que se possa investigar o processo de formação da imagem das cidades brasileiras de acordo com as visões de diversos autores:

Representações que não são necessariamente homogêneas – embora compartilhem, amiúde, lugares-comuns, interpretações, idéias e palavras chaves, a exemplo dessa imagem em negativo (de falta de ordem, eficiência, racionalidade), uma das representações mais correntes e significativas (com clara dimensão operativa), defende-se aqui como hipótese, sobre a história do Brasil e, mais especificamente, sobre o passado de suas cidades. Investigar o processo de formação das representações sobre a cidade colonial no Brasil pressupõe deslindar uma trama muitas vezes emaranhada e difusa em várias matrizes do pensamento e de tradições intelectuais e profissionais

³¹ Perspectivas (visão e reflexão) que os indivíduos têm sobre a cidade.

³² BRESCIANI, Maria Stella. Melhoramentos entre Intervenções e Projetos estéticos. In: _____ (org). Palavras da Cidade. Porto Alegre: Editora Universitária UFRS, 2001.

³³ D’ALONNES, Myriam R. *apud* DANTAS, 2009, p. 36-37 – nota 38.





do Brasil, seus lugares-comuns, seus pontos de convergência e de dissensão, suas lógicas narrativas. Mais ainda, tal investigação implica, do ponto de vista metodológico, pôr em questão o próprio conceito de representação – seus usos, possibilidades e problemas para a história da cidade e do urbanismo.³⁴

Havendo uma consonância entre as representações de determinados grupos sociais (lugares-comuns) tem-se aí os *imaginários* destes grupos (ou da sociedade como um todo caso apenas os discursos oficiais estejam sendo considerados). Os conceitos de *imaginário* e *imaginação* urbana são essenciais para o entendimento da configuração da história da cidade brasileira (e latino-americana) nas dimensões econômicas, políticas, sociais e culturais. Segundo Maria Salete Kern Machado (2001), o imaginário pode ser entendido como a imaginação produtiva ou criadora, revelada individual ou coletivamente, sobre determinados pontos de vista da vida cidadina, ela é única em cada sociedade e cultura, porém é variável conforme o tempo e a conjuntura.

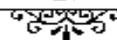
Adrián Gorelik, em seu texto *Imaginarios urbanos e imaginación urbana*, afirma que:

Los imaginarios urbanos como reflexión cultural (por lo general, académica) sobre las más diversas maneras en que las sociedades se representan a sí mismas en las ciudades y construyen sus modos de comunicación y sus códigos de comprensión de la vida urbana, y la imaginación urbana como dimensión de la reflexión político-técnica (por lo general, concentrada en un manejo de profesiones: arquitectura, urbanística, planificación) acerca de cómo la ciudad debe ser.³⁵

A análise a ser desenvolvida neste trabalho baseia-se no conceito *do imaginário urbano*, uma vez que a reflexão cultural da sociedade sobre a vida urbana será constituída sob a perspectiva de, pelo menos, dois grupos sociais distintos: os promotores/beneficiários diretos da reforma (representados pelos discursos oficiais nos jornais de grande circulação da época) e as classes populares que foram atingidas de forma negativa pela reforma (representados pelo discurso de Lima Barreto).

³⁴ DANTAS, George A.F., *op. cit.*, p. 37

³⁵ GORELIK, Adrian, *op. cit.*, p. 01





1.2 Representação como um método

A partir do cenário que será recriado nos capítulos que se seguem, se terá substrato para questionar sobre as possíveis consequências da reforma urbana para a sociedade, não somente direcionadas àquela camada diretamente ligada aos responsáveis pela mudança, mas também por aqueles que foram, de certo modo, remanejados compulsoriamente de seus locais de moradia e trabalho, com o seu direito de circular livremente pela cidade, limitado pelas novas políticas de “boas maneiras” instauradas pelo governo Pereira Passos.

Tem-se então um conflito, formado por diferentes grupos sociais com diferentes formas de representatividade no fenômeno urbano. David Harvey³⁶ defende que não se pode se aproximar da cidade e da experiência urbana por meio de uma visão unilateral. É sabida a impossibilidade de se abarcar os discursos de todos os atores sociais deste processo, tanto pela impossibilidade de se ter acesso a todos esses discursos quanto pela dificuldade em se criar um processamento de dados que tenha o mesmo nível de tratamento para todas as fontes. Carlo Ginzburg³⁷, afirma que se numa pesquisa histórica os dados se limitam a documentos alternativos, deve-se criar um método de “conexões puramente formais”, aonde o produto final da pesquisa terá sua confiabilidade intacta. Este pensamento é partilhado por Harvey, que afirma que a partir do uso de várias fontes secundárias, estudos feitos sob diferentes perspectivas, se fazia necessário criar um mecanismo de estudo maior para se chegar a uma síntese convergente entre essas fontes.

Tomou-se como referência as explicações de Ginzburg³⁸ para a importância do uso de fontes alternativas e singulares para se coletar dados de determinadas frações da sociedade que normalmente não deixam muitos (ou não deixam nenhum) registros escritos de sua cultura. Sabe-se que a cultura aristocrática não é a única base para a formação da cultura popular, Ginzburg adota o termo “circularidade” para definir o intercâmbio de culturas interclasses; apesar de ser uma cultura de existência conhecida, seus dados chegam até nós, em sua maioria, de documentos oriundos das classes mais superiores, principalmente pelo fato de que a maioria das culturas populares é oral, “as classes inferiores estariam da mesma forma condenadas a permanecer silenciosas”³⁹. Sendo assim, Ginzburg explica que se pode então

³⁶ Harvey, David. op.cit. p.18.

³⁷ GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais: morfologia e história*. Tradução de Federico Carotti; São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p.13

³⁸ GINZBURG, Carlo. *Os queijos e os vermes*. 2006.

³⁹ GINZBURG, Carlo. *Os queijos e os vermes*. 2006. p.20.





fazer uso de uma fonte que se atenha à casos isolados, como no exemplo do livro em questão, onde o autor tenta descrever a cultura popular na Europa pré-industrial⁴⁰ por meio dos dados coletados a respeito de um só indivíduo: um camponês acusado de bruxaria pelo Tribunal da Santa Inquisição. Para esta pesquisa, fundamentou-se nos seguintes dizeres:

(...) mesmo um caso limite pode se tornar representativo, seja negativamente – porque permite circunscrever as possibilidades latentes de algo que nos chega apenas através de documentos provenientes de quase todos de arquivos de repressão.⁴¹

Deste modo, pode-se utilizar uma obra de arte como a literária como uma fonte de representação, tendo em vista que ela apresenta histórias ou estórias tendo como pano de fundo cidades reais ou imaginárias. A literatura é, segundo Machado⁴², uma das primeiras áreas do conhecimento a buscar respostas a questões relativas ao cotidiano dos habitantes urbanos, dando seu testemunho por meio das diferentes perspectivas pelas quais o homem tem avaliado a cidade ao longo da história e que, no caso do Brasil, a literatura detém um ponto de vista privilegiado na interpretação deste mundo circundante e na reflexão sobre a vida cidadina.

Mas, para instrumentalizá-la, isto é, utilizá-la de modo que não se cometa anacronismos ou interpretações genéricas, fez-se necessário o uso de uma metodologia de análise textual, a exemplo daquela proposta pelo crítico literário Antônio Cândido, em seu livro *Literatura e Sociedade*.

Estes estudos de Cândido⁴³ procuram focalizar os vários níveis da correlação entre literatura e sociedade, evitando o ponto de vista mais usual, que se pode qualificar paralelístico, pois consiste essencialmente em mostrar, de um lado, os aspectos sociais e, de outro, a sua ocorrência nas obras, sem chegar ao conhecimento de uma efetiva interpenetração. De acordo com Cândido, o problema fundamental para a análise literária em grande número de obras, sobretudo de teatro e ficção é averiguar como a realidade social se transforma em componente de uma estrutura literária, a ponto dela poder ser estudada em si

⁴⁰ Ao contrário do personagem de Ginzburg, a produção literária de Lima Barreto se deu num período em que estes tipos de produção popularizaram e se tornaram mais acessíveis às classes populares. Os escritores fora dos círculos de poder conseguiam publicar seu material, tal qual fez Lima Barreto com a criação da revista *Floreal* em 1907.

⁴¹ GINZBURG, Carlo. *Os queijos e os vermes*. 2006, p.21.

⁴² MACHADO, Maria Salete Kern. *op. cit.* 2001.

⁴³ CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro Azul, 2006. 9ª edição.





mesma; e como só o conhecimento desta estrutura permite compreender a função que a obra exerce. Como exemplo desta metodologia, tem-se o livro *Ao Vencedor, as Batatas*⁴⁴ de Roberto Schwarcz, afirma que o artista é fruto do processo social em que registra, e que o romancista precisa tratar de questões da história mundial sob sua perspectiva:

(...) a matéria do artista mostra assim não ser informe: é historicamente formada, e registra de algum modo o processo social a que deve a sua existência. Ao formá-la, por sua vez, o escritor sobrepõe uma forma à outra forma, e é da felicidade desta operação, desta relação com a matéria pré-formada – em que imprevisível dormita a História – que vão depender profundidade, força, complexidade dos resultados. São relações que nada têm de automático, (...) o nosso romancista sempre teve como matéria, que ordena como pode, questões da história mundial; e que não as trata, se as tratar diretamente.⁴⁵

Complementando a citação anterior, a proposta de Cândido é criar um conjunto de formulações que impeçam, dentro do possível, o uso dos pontos de vista do interlocutor na análise literária. Citando Sainte Beuve, o autor explica como deve ser interpretado o eu-lírico (ou o narrador):

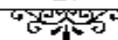
O poeta não é uma resultante, nem mesmo um simples foco refletor; possui o seu próprio espelho, a sua mônada individual e única. Tem o seu núcleo e o seu órgão, através do qual tudo que se passa se transforma, porque ele combina e cria ao devolver à realidade.⁴⁶

Uma das formas de análise textual apresentadas é a interpretação dialética, onde se questiona a influência do meio na obra de arte e a influência da obra de arte no meio. Algumas das tendências da estética moderna, segundo o autor, estudam como a obra de arte molda o meio, cria o seu público e as suas vias de penetração, agindo em sentido inverso ao das influências externas; neste contexto Cândido argumenta que se deve inferir sobre as possíveis influências efetivas do meio sobre a obra. Há duas respostas tradicionais, a primeira é analisar em que medida a arte é expressão da sociedade (a arte é expressão da realidade?); a segunda é em que medida a arte é social (a obra deve ter um conteúdo deste tipo e esta é a medida do seu valor).

⁴⁴ SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor, as batatas*. São Paulo: Editora 34, 2000. 5ª edição

⁴⁵ SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor, as batatas*. São Paulo: Editora 34, 2000. 5ª edição. p.31

⁴⁶ CÂNDIDO, Antônio. *op.cit*,p.28





Parafrazeando Leon Tolstói, Cândido apresenta aquele que estuda a posição e função social do escritor, procurando relacionar sua posição com a natureza da sua produção e ambas com a organização da sociedade:

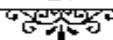
(...) ambas as tendências tiveram a virtude de mostrar que a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra e independe do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores de arte.⁴⁷

Na análise do texto, o autor explica que a primeira tarefa é investigar as influências concretas exercidas pelos fatores socioculturais. É difícil discriminá-los, na sua quantidade e variedade, mas pode-se dizer que os mais decisivos se ligam à estrutura social, aos valores e as ideologias, e às técnicas de comunicação. O grau e a maneira por que influem estes três grupos de fatores variam conforme o aspecto considerado no processo artístico:

- ❖ Estrutura social: elemento percebido mais prontamente no texto, ou pela posição social do artista ou na configuração de grupos receptores;
- ❖ Valores e Ideologias: percebidos na forma e conteúdo da obra;
- ❖ Técnicas de comunicação: na fatura e transmissão.

Serão analisados, então, a “estrutura social” e “valores e ideologias”, tendo em vista que a análise das “técnicas de comunicação” implicaria num estudo mais aprofundado de análise textual, por hora inviável no tempo hábil para a pesquisa. As palavras chave da pesquisa que foram utilizadas são aquelas que remetem às dimensões materiais da cidade como arruamentos, parcelamento e casario, sejam essas as novas ou as antigas repartições do espaço físico da capital carioca em transformação, serão estes os filtros utilizados para o substrato literário, buscando analisar o imaginário criado na literatura de Lima Barreto. No excerto abaixo, extraído de *Clara dos Anjos*, exemplifica-se como um excerto de sua obra é considerado importante para se fazer esta análise. O seguinte trecho mostra uma pausa na narrativa da história concebida por Lima Barreto para fazer uma descrição do cenário em que o personagem Cassi Jones está transitando até chegar ao seu destino:

⁴⁷ *apud* CÂNDIDO. Op.cit, p.30.





Aqueles becos escuros, guarnecidos, de um e outro lado, por altos sobrados, de cujas janelas pendiam peças de roupa a enxugar, mal varridos, pouco transitados, formavam uma estranha cidade à parte, onde se iam refugiar homens e mulheres que haviam caído na mais baixa degradação e jaziam no último degrau da sociedade.

Nesse excerto, Lima Barreto descreve que em pleno centro da cidade recém-reformada ainda havia logradouros que não foram modificados, ainda guardavam em si as características da cidade “colonial” que havia suscitado a reforma de Pereira Passos. Formavam-se bolsões de isolamento social, guetos que despertavam medo no transeunte, tendo em vista que o personagem de classe média, que fazia um percurso até o banco, hesitou em adentrar na rua estreita.

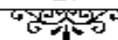
Os “refervos” de Barreto

Durante a pesquisa foi percebido o hábito de Lima Barreto “reutilizar” seus textos, ora um trecho de uma crônica ou conto era expandido para romance, isto também foi feito com seus artigos de opinião. O romance *Clara dos Anjos* é um caso exemplar: como foi dito no capítulo 3, foram utilizados dois textos sendo um de 1904, rascunho abandonado por Barreto e encontrado postumamente por sua irmã, e outro de 1922, a versão publicada intencionalmente pelo autor. As descrições da cidade colonial da versão de 1904 foram reutilizadas por Barreto em *Vida e Morte de M.J Gonzaga de Sá* – que começou a ser escrito em 1906; da versão de 1922 foi extraída a crônica *Enterros de Inhaúma* publicada meses depois do mesmo ano no livro *Feiras e Mafuás*⁴⁸. O próprio romance publicado em 1922 foi fruto de um conto publicado na edição de *Histórias e Sonhos* de 1920⁴⁹.

A constatação anterior corroborou a utilização das crônicas de Lima Barreto feitas após o governo de Pereira Passos. Além da sua visão de que a reforma engendrada pelo prefeito seria responsável por toda a política reformista dos anos seguintes ao seu governo (como foi dito no capítulo 3), Lima Barreto “refervia” alguns contos e crônicas depois que estes eram publicados. Segundo Beatriz Resende, consta na compilação de correspondência de Lima Barreto e seus amigos a seguinte mensagem quando um lhe solicita uma contribuição para uma revista:

⁴⁸ As datas das publicações foram encontradas nos livros *Contos Completos de Lima Barreto* (SCHWARCZ, 2010) e na compilação *Crônicas Escolhidas* da Folha de São Paulo, 1995.

⁴⁹ Data desta publicação também consta em SCHWARCZ, 2010.





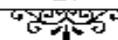
Meu amigo.

Eu atravesso, justamente agora, uma das minhas fases más. O pouco que escrevo para os jornais representa um esforço desesperado para tapar os buracos mais teimosos de que anda cheia a minha vida. Graças ao M., A Notícia me tem pago alguma coisa. (...) A vocês eu não tenho coragem, a coragem ou covardia? De me cobrar. Portanto, se me garantes que não te zangas, eu deixarei ficar com o Bendito alguma coisa já publicada, que tu saberás referver com o tempero necessário.

Um grande abraço do teu Lima Barreto.⁵⁰

Algumas crônicas apresentadas ao longo da seção 3.2 levantaram suspeitas por conta da menção ao Prefeito Pereira Passos e não ao prefeito em exercício no ano em que a publicação feita, e a referência a eventos ocorridos durante a reforma que foi mencionada e discutidos por Barreto anos depois.

⁵⁰ RESENDE, Beatriz (Org). *Toda Crônica :Lima Barreto*.p.17





2. O Rio de Janeiro na virada para o século XX

O presente capítulo apresenta um breve panorama das transformações sociais e urbanas no Rio de Janeiro no final do século XIX e início do século XX, quando deixou de ser um “Porto Sujo” e se transformou na “Paris” de Pereira Passos. Por meio de revisão bibliográfica referenciada ao longo do texto, a contextualização deste recorte espaço-temporal se fez essencial para a análise do objeto de pesquisa a ser apresentado no próximo capítulo.

A cidade existente, em qualquer época que seja, é fruto das articulações sociais, políticas, culturais e econômicas que viabilizam a sua estrutura material e a forma em que é vista. Quando um destes fatores se altera – ou todos eles – a urbe imprime esta nova ordem, seja em seu traçado, em seus espaços públicos, monumentos, edificações públicas e privadas – ela é reflexo da conjuntura de sua época; deste modo, suas mudanças e transformações em menor ou maior escala não advêm do acaso ou de uma simples reprodução de um modelo. Segundo Verena Andreatta⁵¹, as transformações estruturais, sociais, econômicas e políticas (inclusive nas relações de poder) da História Ocidental tiveram repercussões nas correntes arquitetônicas e, portanto, também repercutem na cidade. A autora propõe que um dos modos para se analisar estas repercussões na cidade é através dos planos urbanísticos, que trazem uma “certificação autêntica” da evolução desta e de sua sociedade.

Enquanto colônia portuguesa, o Brasil recebeu grande influência da cultura europeia por meio de sua metrópole⁵². Contudo, quanto aos modelos adotados no país para construir a cidade, seus edifícios e traçados, Maria Pace Chiavari⁵³ afirma que a influência europeia foi despida de seus princípios sócio-políticos e restringiu-se aos seus aspectos técnicos e estéticos. A aceção do termo posto por Chiavari – modelo - afirma que este é um objeto destinado a ser reproduzido por imitação, em que o objetivo principal é chegar ao mesmo resultado, aonde não há uma reflexão do próprio processo que o determinou, e que esta é a definição aplicada pelos críticos quando se referem aos processos de transformação urbana do período pós Haussmann (1853-1870) - ao termo “haussmannianismo”, por exemplo, é atribuído um valor tipológico⁵⁴. Segundo Andreatta⁵⁵, havia maiores entraves para se

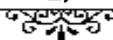
⁵¹ ANDREATTA, Verena. op.cit.,p.45

⁵² Sobre o processo de construção da cidade colonial, ver Luiz Ricardo Michaelson Centurião, *A cidade colonial no Brasil*, 1999.

⁵³ CHIAVARI *apud* BRENNA, op. cit., p. 575

⁵⁴ No tópico “Pereira Passos na Paris de Haussmann” deste capítulo, a diferença entre modelo e tipo é melhor explicitada.

⁵⁵ ANDREATTA, Verena. op.cit.,p.47





implementar um conceito urbanístico na Europa, seu local de origem, do que no Rio de Janeiro que tinha uma estrutura de propriedade menos fragmentada que a europeia, com maior capacidade para angariar recursos e ainda tinha uma abundância de território da coroa no princípio de sua história moderna.

Conforme será apresentado nos tópicos deste capítulo, o anseio por uma cidade renovada aos moldes europeus se inicia com os preparativos para a vinda da família real ao Brasil em 1808, anseio este que se intensifica ao longo do século XIX desde o “Informe de Obras” de Beaurepaire-Rohan em 1843, passando pelos relatórios da Comissão de Melhoramentos em 1875 e 1876, pelo fascínio criado pela Paris de Haussmann e culminando com as obras de Pereira Passos no início do século XX.

Figura 1 - Evolução da cidade do Rio de Janeiro feitas pelo jornal A Avenida "como foi", "como é" e "como será", em agosto de 1903.



Fonte: BRENNA, 1985.

2.1 O Rio de Janeiro antes da Reforma

Não se pode compreender as transformações da capital federal carioca descrita por Lima Barreto em sua obra no início do século XX sem antes apreender as suas mudanças sociais e estruturais no século anterior. Neste tópico busca-se compreender os fatores que provocaram a reforma urbana do Rio de Janeiro a partir da cidade existente do século XIX.

Segundo Eloísa Petti Pinheiro⁵⁶, na primeira metade do século XIX foram feitas as primeiras observações voltadas para o urbano graças aos desdobramentos da Revolução

⁵⁶ PINHEIRO, Eloísa Petti. op.cit. p.34





Industrial iniciada no século anterior, as cidades europeias passaram por um processo de transformação social, econômica cultural e urbanística; o acelerado crescimento urbano e demográfico no século XIX tornaram a cidade caótica e insalubre em uma nova escala. Junto ao novo modo de produção e de acumulação capitalista surgem as preocupações com os pobres nas cidades e com a saúde pública – a teoria dos miasmas⁵⁷ cria a necessidade de promover a circulação de ar na urbe.

A cidade do Rio de Janeiro do início do século XIX, por sua vez, estava alheia a estas transformações tendo em vista que até a chegada da família real em 1808, ainda era considerada um “porto defensivo”⁵⁸ do império colonial. Contudo, apesar de não estar em processo de industrialização e crescimento urbano, a capital carioca teve um grande crescimento demográfico - de 51.000 habitantes em 1789 para 137.000 habitantes em 1837, entretanto, a cidade permanecia restrita ao seu antigo centro⁵⁹ e com isso passa a apresentar problemas com a densidade demográfica, neste aspecto comparáveis aos problemas das cidades industriais europeias. O botânico inglês George Gardner, através das suas impressões sobre Rio de Janeiro em “Travels in the interior of Brazil” de 1836, apresenta a cidade de beleza natural exuberante se que contrapõe aos efeitos da ação antrópica na urbe:

Seen from the ship in the morning, the city had a most imposing appearance, from its position, and the number of its white-washed churches and houses; but nearer contact with dispelled the illusion. The streets are narrow and dirty, and what the stench from the thousands of negroes which throng them, and the effluvia from the numerous provision shops, first impression are anything but agreeable.⁶⁰

Diante deste panorama de insalubridade, que fazia com que a cidade fosse conhecida na época como “Porto Sujo” (ilustrado na Figura 2), a Câmara Municipal demanda a criação do primeiro plano urbanístico do Rio de Janeiro que foi feito pelo engenheiro Beaurepaire-Rohan através do “Informe de Obras”, publicado em 1843⁶¹. Suas propostas tiveram como

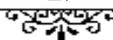
⁵⁷ Ibidem, p.36 – N.A: “A teoria dos fluidos domina o pensamento médico desde o século XVII aonde o ar e a água são considerados portadoras de emanações fétidas e pútridas, conhecidas como miasmas”.

⁵⁸ ANDREATTA, Verena. op.cit.,p.52

⁵⁹ Ibidem, p.85

⁶⁰GARDNER, George. *Travels in Interior of Brazil*. London: Reeve, Behan and Reeve, 1849. 2nd edition. p.4. Disponível no acervo virtual da Biblioteca Nacional: < <http://purl.pt/23394/1/P12.html>>, acessado em 01/04/2013.

⁶¹ Em Andreatta (2002) há uma reprodução do Relatório apresentado à Câmara Municipal do Rio de Janeiro por H. Beaurepaire-Rohan,1843.





foco a questão sanitária, mas também propuseram a regularização da malha viária, criação de espaços públicos, sistema de drenagem, pavimentação e definição de eixos de expansão da cidade, que também são questões urgentes trinta anos depois para a Comissão de Melhoramentos, como se verá a seguir.

Figura 2 - Reprodução de Pintura de William Smyth: "Largo do Paço", 1832.



Fonte: ANDREATTA, 2002, p.87.

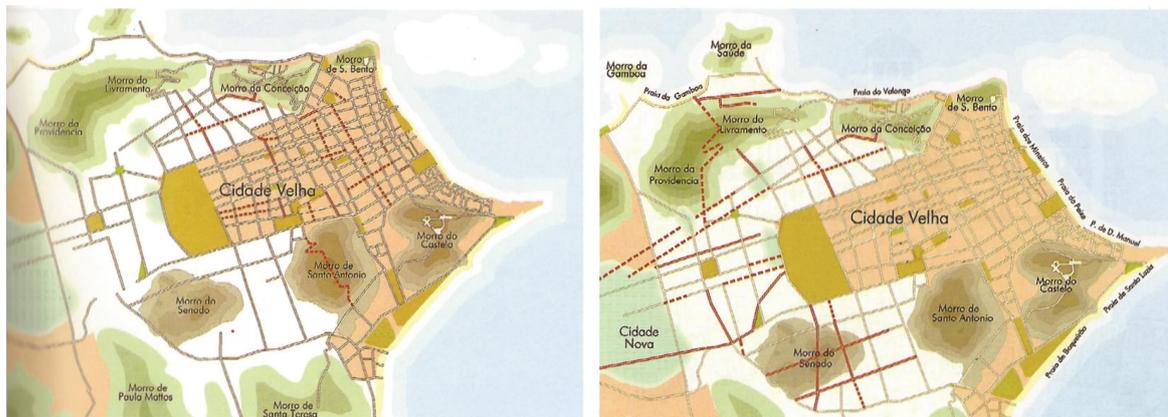
Criada em 1874 por D. Pedro II, a Comissão de Melhoramentos surgiu num contexto de transformações estruturais, políticas e sociais no Brasil, ocasionadas pela primeira fase de sua modernização que foi iniciada após a Guerra do Paraguai (1864-1870). O país acelerou a mudança do caráter rural para o urbano em algumas cidades, que ganharam estradas de ferro, iluminação pública a gás, telégrafos, modernização dos portos, ramais para navegação a vapor, a extinção de grandes propriedades no meio urbano para dar passagem às vias, e a criação do Partido Republicano.

Chefiada por três engenheiros - dentre eles o futuro prefeito da capital Francisco Pereira Passos, a Comissão tinha como objetivo fazer um panorama de todas as problemáticas estruturais da cidade que tinham impacto no âmbito da economia, saúde pública, mobilidade e moradia e, a partir disso, traçar estratégias para sanar estes problemas. Suas ações eram complementares às da *City Improvements* (1864-1911) que, em resumo, enquanto este atuava na região central da cidade e nos espaços públicos, a Comissão tinha de se ater as regiões de expansão da cidade e do espaço privado.





Figura 3 - Propostas de Beaurepaire para a cidade velha (esquerda) e a cidade nova (direita). Observar que já se considerava o desmonte do Morro do Senado e de Santo Antônio.



Fonte: ANDREATTA, 2002, p.99.

Foram expedidos dois relatórios⁶², o primeiro foi oficializado em janeiro de 1875 e o segundo em fevereiro de 1876. Em suma, o primeiro relatório se prestava a fazer:

a definição de uma estrutura urbana para a expansão da cidade usando a técnica de alinhamentos, a fixação de algumas normas da edificação em coerência com o uso do instrumento urbanístico do traçado, a proposta de um esquema de drenagens das correntes afluentes das bacias do canal do mangue e, finalmente, um programa de obras para a formação da frente marítima setentrional da cidade.⁶³

Haviam outros aspectos abordados como a necessidade de tratamento de esgotos, de rede de água potável, sugestões para técnicas adequadas para a implantação de árvores no espaço urbano e valorização das áreas de expansão como Laranjeiras e Engenho de Dentro. Este último quesito se apoiava tanto na oferta de terrenos livres quanto nos eixos de expansão das linhas de trem como se pode ver na figura XX, onde as linhas azuis representam as estradas de ferro da Tijuca e D.Pedro II - já existentes na época da Comissão de Melhoramentos, e as linhas vermelhas indicam a expansão dos bondes até o final do século XIX.

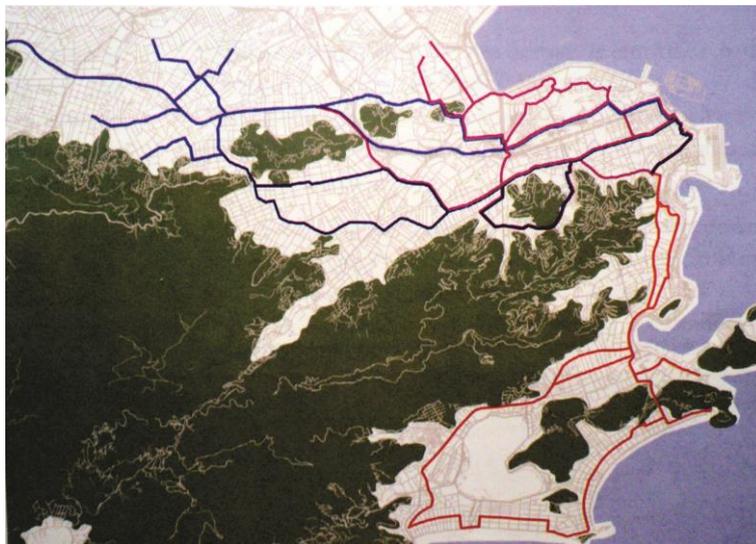
⁶² Em Andreatta (2002) há a compilação dos dois Relatórios da Comissão de Melhoramentos, 1875 e 1876.

⁶³ ANDREATTA, Verena. op.cit.,p.152





Figura 4 - Esquema das linhas de trens e bondes no final do século XIX

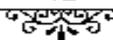


Fonte: Adaptado pela autora do livro de ANDREATTA, 2002, p.145.

Segundo Andreatta, há uma justificativa do primeiro relatório ter se atido apenas às regiões da cidade nova (Figura 5). Haveria uma maior demanda por isso e uma facilidade de custo e execução. A argumentação dada pelos membros da Comissão para não executar obras no Centro era apoiada na inexistência de um orçamento para a região e, em contrapartida, a Cidade Nova permitiria uma maior promoção imobiliária (setor privado) junto ao interesse público. Na época, o governo acreditava que uma política que estruturasse as áreas em expansão da cidade fossem amenizar as contradições sociais e conflitos existentes, pois direcionaria parte da população que apinhava o Centro para as novas regiões.

O esquema viário proposto criava grandes eixos que uniam pontos simbólicos, que lembram o Plano de Haussmann em Paris⁶⁴. Inicialmente queriam-se as ruas com o menor aspecto geométrico e retilíneo o possível, pois segundo a Comissão, este tipo de rua se torna monótona e triste para quem as percorre. O segundo relatório, por sua vez, já afirmava o oposto: as vias retilíneas criariam quadras e lotes regulares que teriam maior facilidade para serem vendidos e ocupados conforme as novas prescrições implementadas pelo próprio relatório. Também consta no relatório que a malha reticulada permitiria uma maior facilidade para se fizessem expansões futuras na cidade não apenas pelo ordenamento de quadras e lotes, mas também pela expansão dos serviços de esgoto, água potável e transporte público.

⁶⁴ ANDREATTA, Verena. op.cit.,p.156





As normas reguladoras da edificação se prestavam a três aspectos: condições de higiene na casa, a relação entre alinhamento e a largura da rua com a altura da casa, e o mecanismo de licença municipal para as edificações privadas.

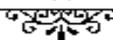
Para as instalações sanitárias, centram-se duas indicações: as instalações sanitárias das casas e os aspectos concernentes às fossas sépticas. O assunto é largamente discutido e exposto no relatório que Andreatta trata como um indicativo do forte caráter higienista. A proposição de casas com dutos de ventilação para as instalações sanitárias. Cabia à outra Comissão – “City Improvements” – referenciar o tratamento de esgoto e fornecimento de água potável.

O objetivo do primeiro relatório era traçar diretrizes a serem seguidas nas décadas posteriores. O segundo relatório, de 1876, prestou esclarecimentos das dúvidas suscitadas no primeiro relatório, apresentou diretrizes para a cidade velha e expôs o modo como as grandes reformas urbanas estavam sendo feitas em Paris, Marselha, Viena e Londres, tanto em termos técnicos, estéticos quanto nas possíveis maneiras de se angariar o financiamento e cálculos dos custos do projeto, tendo em vista que havia terrenos edificáveis e edifícios nos eixos das propostas da Comissão e por isso ressarcimentos precisariam ser feitos. Andreatta sinaliza a forte influência de Passos com o que ele presenciou em Paris, tendo em vista que uma das alternativas para o financiamento seria seguir os moldes haussmanianos; o estado criaria uma empresa pública para a reforma e seria ressarcido posteriormente com a venda dos lotes edificáveis à particulares.

A Comissão chegou a executar algumas obras, como a construção da Companhia de Docas D. Pedro II que atendia a Estrada de Ferro D. Pedro II, a abertura de túneis como o sob o Morro do Livramento, o início do aterramento de algumas praias, o aumento do abastecimento de água, e a criação/extensão de ramais de trens urbanos. Seu legado foi imprescindível tendo em vista que boa parte das propostas da Comissão não saíram do papel até a última década do século XIX, e muitas outras diretrizes só foram implementadas na prefeitura de Francisco Pereira Passos, entre 1902 e 1906 – como o projeto de alinhamento das vias⁶⁵.

Outro ponto importante a ser destacado é que as propostas de expansão das linhas de bonde e de trem tinham a intenção de causar um duplo efeito na cidade: valorizar os terrenos suburbanos e a renovação da área central pelo deslocamento das classes populares. Esta

⁶⁵ ANDREATTA, *op.cit.*, p.165.





proposta chega a surtir efeito, mas não o suficiente para que novas medidas fossem tomadas no século seguinte para minimizar o apinhamento da cidade velha.

Segundo Andreatta, até o início do século seguinte, a capital carioca não era considerada industrializada, a estrutura fundiária era muito menos fragmentada do que a europeia, possuía vasto território pertencente à coroa no princípio de sua história moderna e, além disso, havia uma disponibilidade de capital externo para empréstimos e investimentos; esses fatores, de acordo com a autora, justificariam a enormidade das obras executadas quando comparadas às análogas feitas na Europa.

Figura 5: Detalhe do Carimbo da Planta original de Melhoramentos da Cidade do Rio de Janeiro (1875) elaborada pela Comissão de Melhoramentos.



Fonte: ANDREATTA, 2002, p.11.

2.2 Pereira Passos na Paris de Haussmann

A transformação urbana empreendida por Eugène Haussmann entre 1853 e 1870 teve como testemunha ocular o futuro prefeito da capital federal carioca: Francisco Pereira Passos. Recém-formado na Escola Politécnica do Rio de Janeiro como Engenheiro, Pereira Passos foi para Paris em 1857 para estudar na *École Nationale des Ponts et Chaussées*. Durante os três anos de sua estadia na capital francesa, além dos cursos de arquitetura, estradas de ferro, portos de mar, canais e melhoramentos de rios navegáveis, Passos também presenciou os momentos iniciais da reforma de Haussmann⁶⁶.

Embora possa se atribuir a grande reforma urbana da capital francesa como obra exclusiva de Haussmann entre 1853 e 1870, é fato que em Paris já eram realizadas obras dessa mesma natureza antes do Segundo Império. Segundo David Harvey⁶⁷, em 1839, Napoleão III

⁶⁶ PINHEIRO, Manoel Carlos e FIALHO, Renato da Cunha. *Pereira Passos: vida e obra*. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos, 2006. 15p.(Coleção Estudos da Cidade). Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/ipp>>, acessado em: 03/03/12

⁶⁷ HARVEY, David. *Paris, capital of modernity*. Oxon (Great Britain): Routledge, 2006.p.5.





já se declarara favorável às grandes obras públicas, dada à conjuntura da época. Neste período, havia uma crise econômica, desemprego, fome, um grande aumento densidade populacional da cidade ocasionado pelo êxodo rural criado com o início da mecanização nas plantações. Somam-se a isso os embates de republicanos e socialistas que lutaram contra a monarquia. Estes são alguns dentre os diversos fatores que levaram a esse processo de reurbanização da cidade, destacam-se os episódios de horror causados pela insalubridade e pela má vida que se levava, particularmente das classes de baixo poder aquisitivo. A área mais insalubre da cidade – o centro – era alvo das atenções dos higienistas. O contexto de horror da Paris do início do século XIX se eternizou quando foi tema da literatura, tanto na obra de Victor Hugo em *Les misérables*⁶⁸ como na de Eugene Sue em *Les mystères de Paris*⁶⁹, nos quais ambos denunciaram a sordidez da existência dos moradores pobres da capital. O autor de *Haussmann – Artisan du Second Empire, Créateur du Paris moderne* (1971), Pierre Andre Touttain, descreveu a dimensão material da Paris anterior à reforma da seguinte maneira:

Esta Paris pitoresca, esta velha Paris cara aos artistas e aos escritores românticos comporta [...] poucos jardins, poucos *squares*, e apresenta-se como uma cidade incoerente, dotada de monumentos magníficos edificadas no curso dos séculos, mas comportando ruas estreitas, sombrias, um emaranhado de becos e muitas habitações “pitorescas”, mas insalubres.⁷⁰

Parisurgia e comportava uma remodelação que, segundo Harvey, era apenas a “adequação aos novos tempos”⁷¹. O Barão Eugène Haussmann foi convocado em 1853 pelo imperador para tomar a frente das obras mais urgentes dos planos de reconstrução das ruas de Paris.

⁶⁸ Considera-se uma das principais obras escritas pelo escritor francês Victor Hugo, publicada em 3 de abril de 1862. A história se passa na França do século XIX entre duas grandes batalhas: a Batalha de Waterloo (1815) e os motins de junho de 1832. A obra retrata a vida de Jean Valjean, um condenado posto em liberdade até sua morte. Em torno dele giram algumas pessoas que vão dar seus nomes para os diferentes volumes do romance, testemunhando a miséria da cidade no século XIX.

⁶⁹ Publicado em fohetim no *Journal des Débats* entre junho de 1842 e outubro de 1843, o romance retrata a história de um barão do século XIX que se disfarça de “plebeu” para se infiltrar nas camadas baixas da sociedade parisiense com o objetivo de entender seus problemas.

⁷⁰ TOUTTAIN *apud* PINHEIRO, op. cit. p. 76

⁷¹ HARVEY, David. op.cit. p.9.

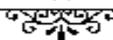




Figura 6 - Paris em transformação por Charles Marville – fotos feitas durante a Reforma de Haussmann –(1858 - 1878)



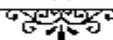
Fonte: Montagem feita pela autora⁷²

Apesar de outros planos e transformações terem sido feitos na capital parisiense anteriormente, esta reforma se diferenciava pela enormidade de sua escala: ruas foram alargadas e outras construídas assim como pontes, edifícios e monumentos ou foram demolidos ou colocados em destaque com a abertura das largas avenidas no centro. Contudo, Haussmann não seguiu fielmente as instruções do imperador, não manteve algumas construções importantes nem manteve as ruas retilíneas, como uma malha reticulada⁷³. Em contrapartida, deu enfoque ao serviço de abastecimento de água corrente e a anexação dos subúrbios.

De acordo com guia de viagem *Baedeker's Guide* de 1878, a cidade recém-remodelada no segundo império “recuperou seu prestígio de outrora, numa escala de

⁷² Fotos retiradas do site de Posters Kunst-fuer-Alle, disponível em: < <http://www.kunst-fuer-alle.de/english/fine-art/artist/image/charles-marville>> acessado em 31/04/13

⁷³ HARVEY, David. op.cit. p.10.





magnificência inigualável”⁷⁴. Na edição de 1898 do mesmo guia, as ruas de Paris se destacavam das outras cidades de mesmo porte, permitiam o passeio e o deleite⁷⁵:

The general appearance of Paris is more uniform than that of most other towns of its size, partly owing to the mixture of classes resulting from the Great Revolution, but principally on account of the vast schemes of improvement carried out in our own days.

The stranger is almost invariably struck by the imposing effect produced by the city as a whole, and by the width, straightness, and admirable condition of the principal streets. Picturesqueness has doubtless been greatly sacrificed in the wholesale removal of the older buildings, but the superior convenience and utility of those spacious thoroughfares is easily appreciated; and the amount of traffic in them proves that their construction was a matter of almost absolute necessity. Most of them, built at the same period and often as mere building speculation, exhibit an almost wearisome uniformity of style, but those at a distance from the central quarters considerable variety of taste is often shown.

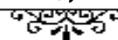
The central quarters of the city are remarkably bustling and animated, but owing to the ample breadth of the new streets and boulevards and the fact that many of them are paved with asphalt or wood, Paris is a far less noisy place than many other large cities.⁷⁶

Paris inspirava modernidade. Segundo Harvey, Haussmann e Luís Napoleão tiveram que criar um mito de uma ruptura radical com o pensamento e com as práticas do passado imediato ao Primeiro Império: cunharam o mito de que não havia alternativa senão o autoritarismo benevolente do Segundo Império. O autor menciona que em uma de suas trocas de cartas com o Imperador, Haussmann disse que “o mais chocante das tendências modernas” é procurar no passado uma explicação para o presente e uma preparação para o futuro, Harvey complementa que ainda que a própria urgência pelo novo já tenha em si o seu significado revolucionário:

⁷⁴ BAEDEKER, Karl. *Baedeker's Guide: Paris and its environs*. London: Karl Baedeker Publisher, 1878. 6th Edition. Disponível em: < <http://archive.org/details/parisanditsenvi00baedgoog>>, acessado em 20/05/13.

⁷⁵ Importante atentar para certos pontos desta descrição, em muito se assemelha com as que foram feitas para o Rio de Janeiro após a reforma de Pereira Passos como se verá no tópico a seguir. Este poderia ser um indício para o sucesso da implementação do tipo haussmaniano na capital carioca.

⁷⁶ BAEDEKER, Karl. *Baedeker's Guide: Paris and environs*. London: Karl Baedeker Publisher, 1898. 13th Edition. Disponível em: < <http://archive.org/details/parisanditsenvi02baedgoog>>, acessado em 20/05/13.





If the break that Haussmann supposedly made was nowhere near as radical as he claimed, then we must search (as Saint-Simon and Marx insist) for the new in the lineaments of the old. But the emergence of the new (...) can still have a not-to-be-denied revolutionary significance. Haussmann and his colleagues were willing to engage in creative destruction on a scale hitherto unseen.⁷⁷

Ainda durante a sua execução, a Paris haussmaniana se tornou um exemplo. Tamanho foi o impacto das transformações, que rapidamente suscitaram-se reformas nas cidades vizinhas como Marseille, Toulouse e Montpellier e não tardou para que os anseios por uma cidade remodelada aos moldes parisienses atravessarem as fronteiras e alcançassem Bruxelas, Milão, Florença e Cairo, sendo todas reformas executadas ainda no século XIX⁷⁸. Segundo Pinheiro, a *haussmannização* é uma expressão que comporta diversas acepções, dentre elas a que se refere a uma forma de atuação numa cidade aos moldes parisienses, um estilo urbano, um episódio histórico, a atuação num centro histórico denso e confuso⁷⁹. Complementando o conceito de modelo e tipo apresentado na introdução deste capítulo, considera-se que uma cidade adotou *modelo haussmanniano* quando esta cidade possui as mesmas especificidades que a Paris de Haussmann tinha antes das obras efetivamente começarem, quando o ideal da reforma é que é aplicado numa cidade (ou seja, busca-se apenas seu resultado final), trata-se de um *tipo haussmanniano*⁸⁰:

As intervenções haussmannianas mudam a maneira de pensar a cidade, tomando como principal elemento a rua e criando uma rede viária composta por um tecido arquitetônico que destrói bairros insalubres e vielas. Expulsam a população residente, melhoram a higiene e a circulação, mudam a imagem da área central, e a cidade prepara-se para um novo modo de vida. A rua do século XIX destrói e modifica a rua medieval. A caixa da rua aumenta, as fachadas são reconstruídas, os trechos regulares são substituídos por outros com desenho regular, geométrico e reto. (...) Os bulevares do século XIX (...) são artérias criadas para a circulação rápida, o tráfego pesado. O espaço

⁷⁷ HARVEY, David. op.cit. p.10.

⁷⁸ PINHEIRO, Eloísa Petti. op.cit. p.86

⁷⁹ Ibidem. p.83

⁸⁰ Para aprofundamentos nos conceitos de modelo e tipos haussmannianos, ver PINHEIRO, Eloísa Petti. op.cit. p.84.





haussmanniano é o espaço público – a rua, o passeio, as praças -, o espaço da mobilidade.⁸¹

Figura 7: Avenue de l'Opéra, uma das obras de Haussmann.



Fonte: <http://www.cparama.com/forum/paris-avenue-de-l-opera-t41.html> - acessado em 30/04/13

Os ecos de modernidade não tardam a chegar às Américas. Entre o último quartel do século XIX e início do século XX, Buenos Aires, Nova York e o Rio de Janeiro buscam pela salubridade, pela funcionalidade e pelo embelezamento da cidade aos moldes haussmannianos. No Rio de Janeiro, Pereira Passos idealiza a capital federal remodelada quando ainda era membro de Comissão de Melhoramentos, em 1875, e a concretiza no início do século XX, adotando o *tipo* haussmanniano.

2.3 A Reforma de Pereira Passos

No início do século XX, o Brasil estava se adequando à uma nova conjuntura criada pelos eventos ocorridos no século anterior, como a Abolição da Escravatura, a Proclamação da República, e o surgimento de uma nova classe – a burguesia baseada nas plantações de café e das estradas de ferro que desencadearam processos delicados de reestruturação política, social e econômica para os anos posteriores, enfrentou o Encilhamento⁸² e o *Funding Loan*⁸³.

⁸¹ PINHEIRO, Eloísa Petti. op.cit. p.78

⁸² Crise econômica agravada, segundo Heloisa P. Pinheiro (2006), pela má política econômica de Rui Barbosa, Ministro da Fazenda, no governo provisório do Marechal Deodoro da Fonseca (1894-1898).



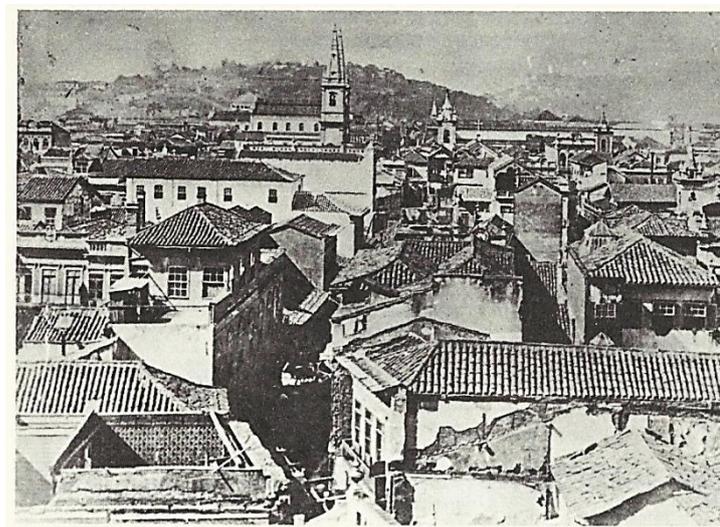


Processos estes já amenizados durante o governo de Rodrigues Alves (1902-1906), que deu plenos poderes à Pereira Passos - então nomeado como prefeito da capital federal carioca - para que este pudesse executar os projetos criados desde 1875.

Além da questão do financiamento para as obras, outro empecilho era a forte crise social e de saúde pública que se agravou com o passar dos anos com o acelerado e desordenado crescimento. Em 25 anos desde a publicação do primeiro relatório da Comissão de Melhoramentos, a população aumentou de 274 mil para 691 mil entre 1872 e 1900⁸⁴. Como foi mencionada anteriormente, esta crise já havia sido relatada há mais de 50 anos antes, por Beaurepaire-Rohan.

O reflexo deste crescimento abrupto na densidade urbana pode ser visto nas palavras do próprio Pereira Passos⁸⁵, as “ruas estreitas, sobrecarregadas de um tráfego intenso, sem ventilação bastante, sem árvores purificadoras e ladeadas de prédios anti-higiênicos” deveriam dar lugar a “vias de comunicação duplas e arejadas”, como foi no caso das Ruas do Sacramento e Camerino (Figura 8), que foram alteradas mediante a demolição de parte de suas edificações para que a largura das ruas atingissem 17 metros.

Figura 8: As ruas do Sacramento e Camerino antes das obras municipais – feitas por Augusto Malta, 1903.



Fonte: BRENNAN, 1985.

⁸³ Medida econômica adotada por Campos Sales para renegociar a dívida externa do país com a Inglaterra (1898).

⁸⁴ Dados do “Anuário Estatístico do Brasil” de 1935, disponibilizado no site do IBGE, fonte: <<http://seculoxx.ibge.gov.br/populacionais-sociais-politicas-e-culturais/busca-por-palavra-chave/populacao>> acessado em 31/03/2013.

⁸⁵ *apud* PINHEIRO, Manoel Carlos e FIALHO, Renato da Cunha. *Pereira Passos: vida e obra*. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos, 2006, p.8





Contudo, estas não foram as únicas questões que suscitaram a remodelação da cidade, ao assumir o posto de presidente, Rodrigues Alves publica um Manifesto à Nação, divulgado em 1902, resume um dos pontos pelos quais se conceberia a transformação da cidade:

Aos interesses da imigração, dos quais depende em máxima parte o nosso desenvolvimento econômico, prende-se a necessidade do saneamento desta capital. (...) A capital da República não pode continuar a ser apontada como sede de vida difícil, quanto tem fartos elementos para construir o mais notável centro de atração de braços, de atividades e de capitais nesta parte do mundo.⁸⁶

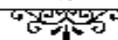
Neste Manifesto⁸⁷, Rodrigues Alves também apontou para a importância das obras do porto no Rio de Janeiro por conta dos direitos de importação de bens, que eram do Governo Federal e já começavam a fazer parte de recursos importantes que colaborariam para o seu financiamento. A campanha para atrair investimentos e mão de obra estrangeira, tem registros de longa data. Uma publicação oficial do final do século XIX – *Commercial and Emigrational Guide to Brazil*, elaborada pelo império brasileiro e distribuída nos Estados Unidos em 1886 com o objetivo de atrair mais uma fonte de entrada de capital estrangeiro apresentando as potencialidades e facilidades de imigração e concessão para exploração de recursos no país. Foi retirado de seu prefácio, o seguinte excerto:

Special attention is called to the chapters on Coffee Production, Mineral Resources, River Navigation, and to the other official statements showing the extent and resources of the Empire, the prosperous condition of the colonies, and the opportunities for the advantageous investment of capital. It is the settled policy of the Imperial Government to grant liberal concessions for railroads, steamboat lines, central sugar mills; for working gold, diamond and other mines, and for many other purposes. A large amount of English, French and German capital has been invested in many of these enterprises⁸⁸.

⁸⁶ BENCHIMOL, Jaime Larry. Apud BRENNA, Giovanna Rosso Del. *O Rio de Janeiro de Pereira Passos – uma cidade em questão II*. Rio de Janeiro: PUC/RJ, 1985. p.601

⁸⁷ ANDREATTA, Verena. op.cit.,p.199

⁸⁸ Empire of Brazil. *Commercial and Emigrational Guide to Brazil*. Washington: Gibson Bros, Printers and Bookbinders.1886. Disponível em: <<http://ia700302.us.archive.org/33/items/empirebrazilcom00gomegoog/empirebrazilcom00gomegoog.pdf>>, acessado em 20/05/13.





Para que a “porta de entrada” do país fosse remodelada, o Governo Federal articulou uma ação conjunta entre o Município e a União. As duas iniciativas de intervenções que foram norteadas por dois sentidos distintos: uma conduzida pelo Governo Federal e projetada pelo ministro Lauro Müller e o engenheiro Francisco Bicalho; outra conduzida pela Prefeitura do Rio de Janeiro por meio de Francisco Pereira Passos. O Plano municipal e o federal se articulavam e se complementavam, por isso deveriam ser vistos conjuntamente.

(...) Ambos os projetos de intervenção urbana resultaram da iniciativa do então Presidente da República Rodrigues Alves que, desde o seu discurso de posse, anunciara uma grande ação de reformulação urbana sob o pretexto de melhorar a imagem, a sanidade e a economia da capital federal, a fim de facilitar a imigração de estrangeiros ao Brasil, causa momentosa da lavoura cafeeicultora paulista, em crise de mão-de-obra desde a abolição da escravidão. No entanto, uma ampla intervenção urbana, conforme anunciara Rodrigues Alves, não se poderia limitar ao Porto e à região portuária do Rio de Janeiro, objetos da reurbanização a cargo do Governo Federal. Ela deveria atingir a estrutura viária da cidade. Para esse intuito, fazia-se fundamental alguém que unisse experiência administrativa ao conhecimento da urbe.⁸⁹

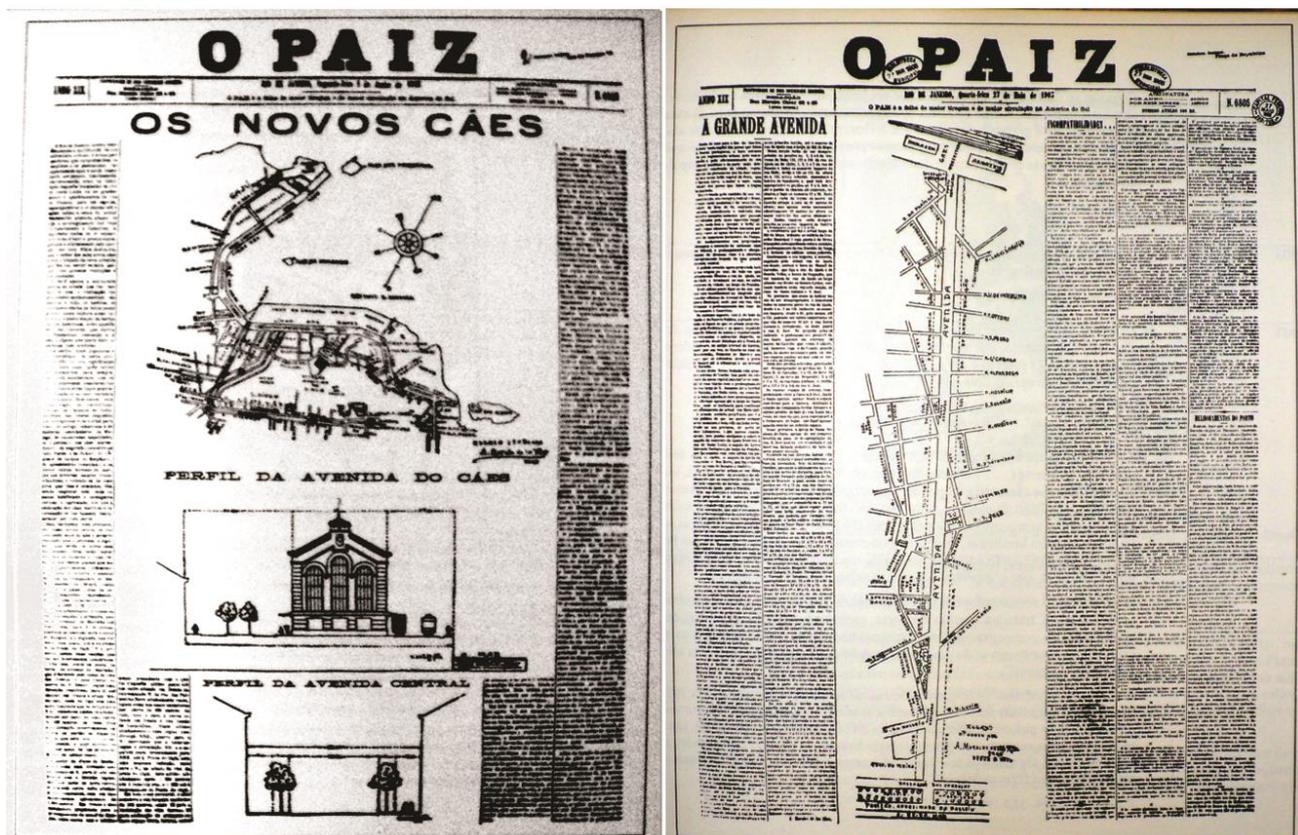
Foram previstas e realizadas grandes obras como as de saneamento, abertura e alagamento das ruas, criação de praças e parques, reforma de fachadas, obras viárias, construção de ramais para trens e bondes e canalização de rios, que mudariam totalmente o aspecto negativo do Rio, conhecido anteriormente como “Porto Sujo”. Em duas matérias de capa do jornal *O Paiz* de 1903 (Figura 9), Adolfo Morales de los Rios apresenta o que chama de “regeneração urbana” da cidade e que, após sua reforma urbana, o Rio de Janeiro “nada terá a invejar a bela cidade, cujos alicerces foram lançados por Garay entre as margens do Prata e as planícies de imenso horizonte dos Pampas”, ao referir-se à Buenos Aires que havia passado por melhoramentos anos antes.

⁸⁹ AZEVEDO, André Nunes de. A reforma de Pereira Passos: uma tentativa de integração urbana. [Dossiê Temático]. *Revista Rio de Janeiro*, nº10, p.39, Maio-Agosto, 2003. p.41





Figura 9 - Apresentação das obras de saneamento e "aformoseamento" da cidade com texto de apresentação de A. Morales de Los Rios



Fonte: Montagem feita pela autora capas do jornal O Paiz⁹⁰

Quando o Plano de Melhoramentos da Cidade foi oficialmente apresentado em nome do Prefeito Pereira Passos – em abril de 1903, foram listados os seus principais objetivos: aumentar a comunicação entre os bairros da cidade para diminuir os fretes e taxas dos “carros de passeio”, permitir o estabelecimento de um traçado vantajoso para a abertura das linhas de canalização para que não fossem abertas em ruas estreitas, impedir a valorização de prédios antiquados das ruas estreitas onde passa o mais forte movimento urbano, permitir a drenagem do solo por meio da arborização “que é impraticável nas ruas estreitas” e por fim, despertar o gosto arquitetônico nos novos edifícios particulares por conta do alargamento das ruas que seria desencadeado porque “os proprietários animar-se-ão a construí-los em melhores condições”⁹¹.

⁹⁰ Sobre o Cais: O Paiz, edição de 4 de junho de 1903 em <http://memoria.bn.br/pdf/178691/per178691_1903_06810.pdf>/ Sobre a Avenida Central: O Paiz, edição de 5 de maio de 1903 em <http://memoria.bn.br/pdf/178691/per178691_1903_06805.pdf>. Acessado em 20/05/13.

⁹¹ BRENNA, op.cit.,p.44





Dentre suas principais obras, destacam-se a construção da Avenida Central (atual Avenida Rio Branco) que até hoje é um dos logradouros mais importantes da cidade por ligar a zona norte à sul, a Avenida Beira-Mar e a Avenida Atlântica. Para se executar as obras de alargamento das ruas e construção de Avenidas foi necessária a desapropriação e demolição de edifícios comerciais e residenciais, por vezes apenas em alguns lados do logradouro, como foi o caso da Rua da Vala (atual Rua da Uruguaiana) e a Rua da Carioca (Figura 10), que posteriormente passou a abrigar as lojas mais luxuosas da cidade.

Figura 10: Obra de alargamento na Rua da Carioca em 1905 - foto de Augusto Malta



Fonte: DUNLOP, 1955, p.41.

As grandes demolições arrasaram edifícios não apenas de um lado das ruas que se pretendiam alargar ou construir, por vezes cortavam quadras pela metade ou por completo. A revista “A Semana” de julho de 1903 publicou o eixo das demolições previstas para as ruas Camerino e Sacramento – que formariam a Avenida do Cais projetado para a cidade (ruas já apresentadas na Figura 8, parte dos eixos das demolições para estas ruas estão destacados em vermelho na Figura 11). No Plano de Melhoramentos da Cidade foram apresentados os critérios escolhidos para a demolição de conjuntos de edificações em determinadas ruas:

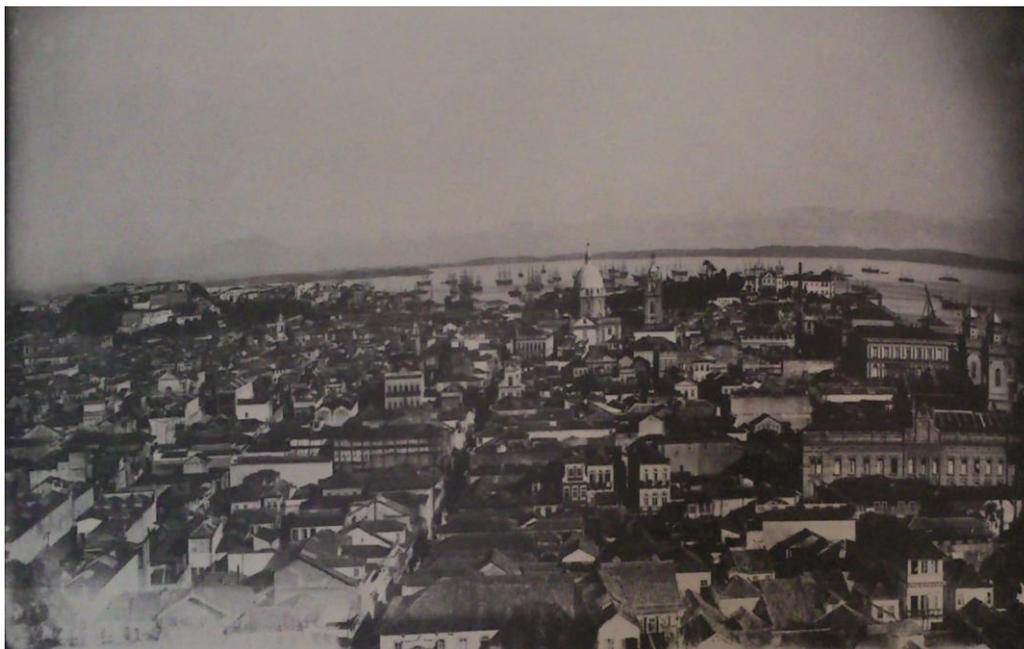
Examinando-se attentamente a planta da cidade e tendo em vista o valor relativo da edificação nas diferentes ruas, verifica-se no delineamento deste plano de viação foram escolhidas as melhores soluções para se obterem linha de comunicação, directas e amplas, com a menor despeza (...) aquellas onde a edificação se acha em peiores condições e tem menor valor.⁹²

⁹² BRENNNA, op.cit.,p.46



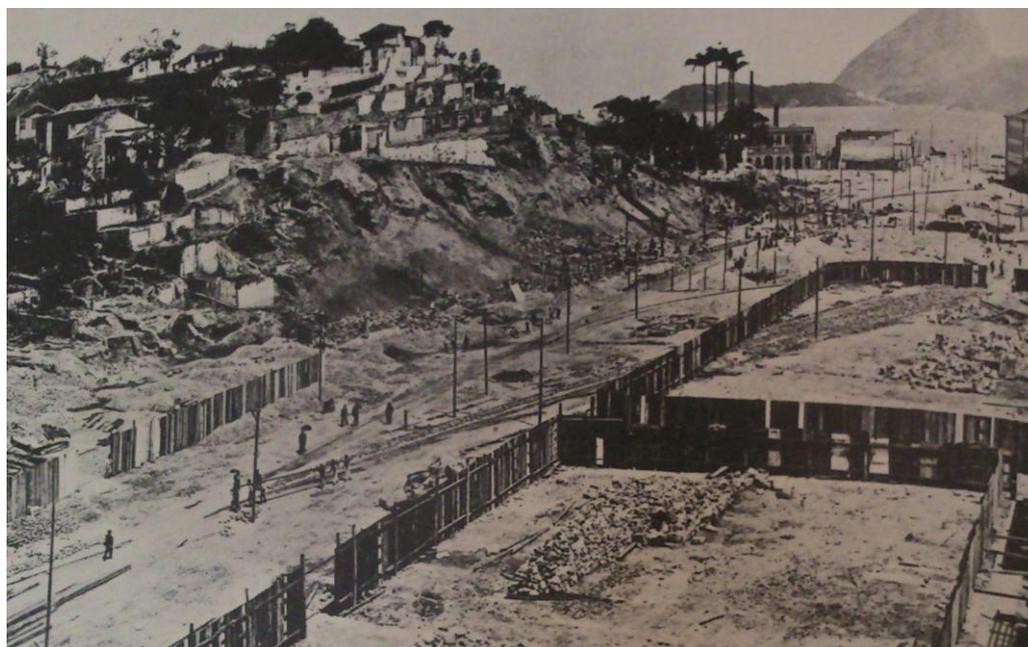


Figura 12 – Vista da Rua Direita de cima do Morro do Castelo, antes da construção da Avenida Central – foto de Marc Ferrez.



Fonte: FERREZ, 1982.

Figura 13 - Início do primeiro desmonte do Morro do Castelo, para a construção da Avenida Central em 1904 – foto de Marc Ferrez



Fonte: FERREZ, 1982.



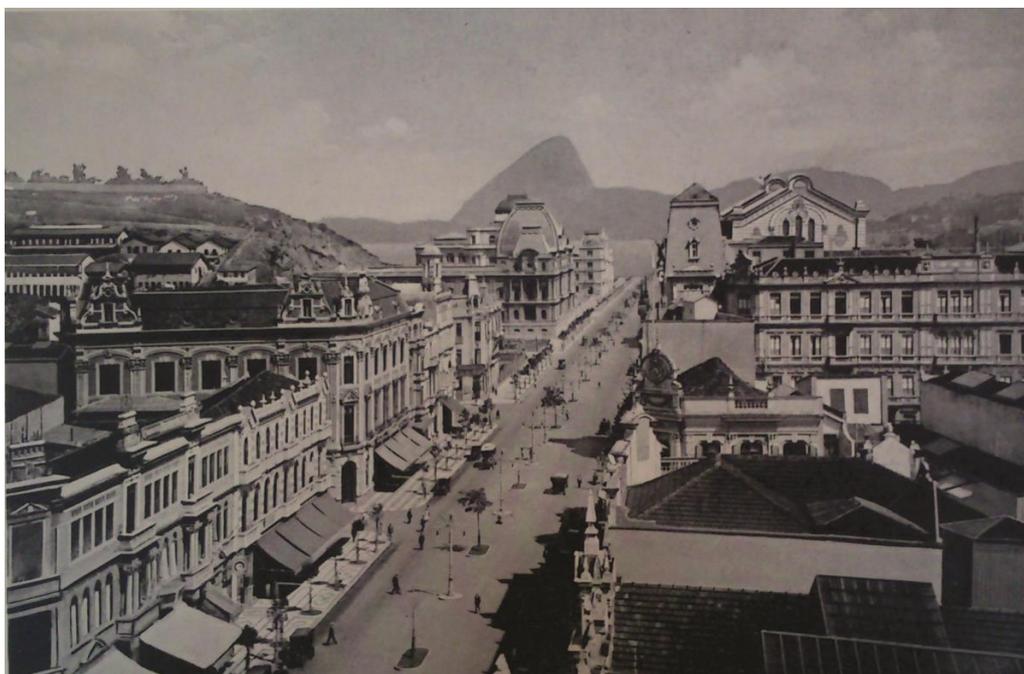


**Figura 14 – Construção dos edifícios vencedores do concurso de fachadas da Avenida Central em 1905 –
foto de João Martins Torres**



Fonte: <http://www.flickr.com/photos/andre_so_rio/497863408/> - acessado em 13/05/13

Figura 15 - A Avenida Central em 1910 com o Morro do Castelo à esquerda - foto de Marc Ferrez



Fonte: FERREZ, 1982.

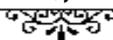
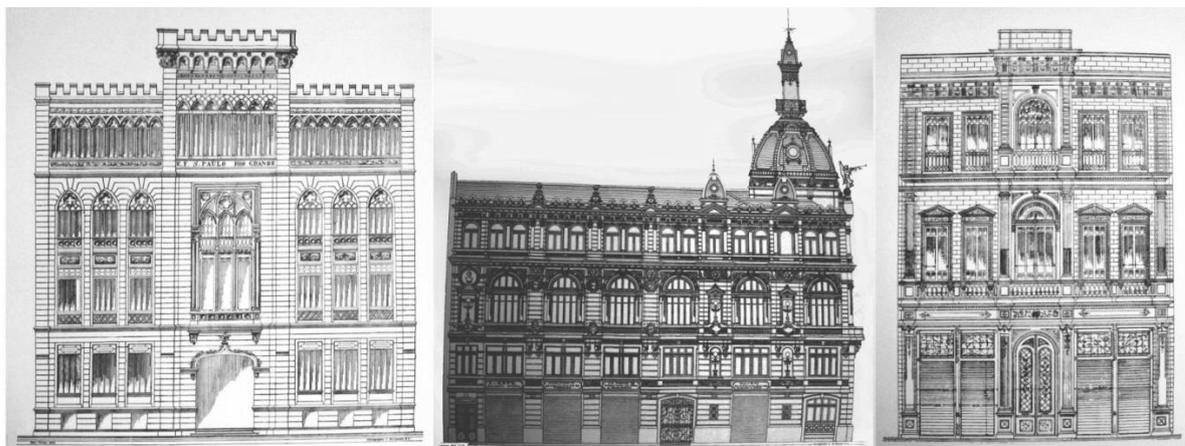




Figura 16 - Projetos de fachadas feitas para o concurso promovido pela Comissão Construtora Avenida Central



Fonte: FERREZ, 1982.

Figura 17 – Trecho de Planta do Rio de Janeiro de 1911 destacando a Avenida Central.



Fonte: Edição feita pela autora com planta coletada no arquivo Digital da Biblioteca Nacional.⁹⁶

Junto aos esforços do então presidente Rodrigues Alves e do Prefeito Pereira Passos para se alterar a dimensão material da capital federal carioca, os decretos municipais e leis

⁹⁶ *Planta Cartográfica da Cidade do Rio de Janeiro – Com todos os melhoramentos mandados executar pelo Governo da União e Prefeitura Municipal:* http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital

/div_cartografia/cart170649/cart170649.jpg - Acessado em: 05/04/13.





federais criaram o substrato ideal para se implantar uma política sanitária e de bons costumes, adequadas aos novos tempos que se instauravam. O médico-sanitarista Oswaldo Cruz, que estava à frente da Diretoria Geral de Saúde Pública (DGSP) foi autor do esboço de uma das Leis Federais que causaram maiores impactos na sociedade da época: a que tornava obrigatória a vacinação e revacinação contra a varíola em todo o território brasileiro⁹⁷, foi o estopim para que os populares insurgissem na Revolta da Vacina no Rio de Janeiro, que deixou a cidade em Estado de Sítio por alguns dias.

Dentre as Posturas Municipais e Decretos-Lei feitos durante o Governo Pereira Passos que afetaram diretamente o cotidiano na nova urbe em formação, listam-se algumas que mostram as curiosidades da vida urbana antes da reforma, como a proibição de circulação de vacas na rua para a comercialização de leite e a proibição de se cuspir dentro dos bondes. Outras tinham como objetivo instruir como deveria funcionar a nova cidade⁹⁸: as obras de construção, reconstrução, acréscimo e conserto de prédios deveriam ter licença da prefeitura; a caiação obrigatória de todas as fachadas visíveis de uma edificação para a rua, regulamentação do serviço de limpeza pública, da inspeção sanitária e da cobrança de imposto predial, proibição da venda de carne exposta nos vãos das portas dos açougues, proibição do livre trânsito de mendigos e cachorros nas ruas, e a proibição do trabalho de mascates e vendedores ambulantes sem licença (Figura 18).

Figura 18 - Vendedores ambulantes no Rio de Janeiro em 1895 - foto de Marc Ferrez



Fonte: KOK, 2005, p.78.

⁹⁷ República Dos Estados Unidos Do Brazil Decisões Do Governo em 1904, Lei 1.261 de 31 de outubro de 1904. p.109-110.

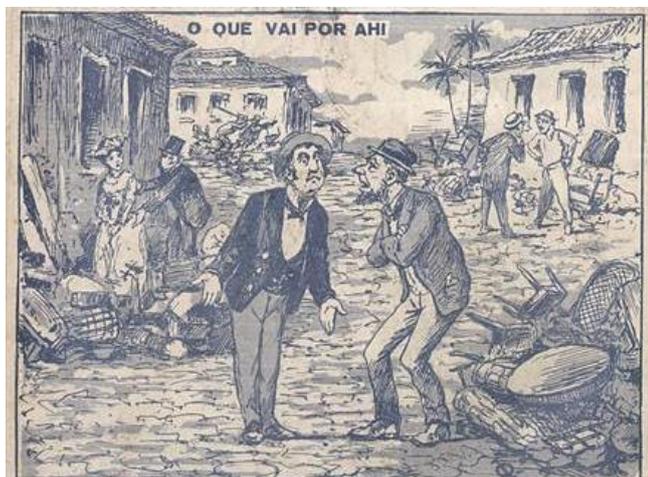
⁹⁸ A lista das medidas tomadas nos dois primeiros anos de governo de Pereira Passos estão em BRENNA, op.cit.,p.288-291.





Parafrazeando Henri Lefebvre⁹⁹, uma reforma urbana é realizada em dois atos. Diante de todos os processos físicos, legislativos e sociais mencionados durante este capítulo, os parágrafos finais deste se voltam para o outro efeito direto da reforma: o alto custo social. Além de ter criado uma enorme dívida para as contas públicas, a Reforma de Pereira Passos é apontada como uma impulsionadora da formação das primeiras favelas na cidade¹⁰⁰. A reforma demandou uma grande valorização das áreas centrais que até então ainda eram ocupadas, em parte, pela população de baixa renda; com as demolições e aumento dos aluguéis esta parcela da população foi levada a morar nos arrabaldes da cidade ou nos morros, tendo em vista que as moradias construídas pelo governo não eram suficientes para a demanda. Estes desdobramentos resumem-se nos dizeres de Carlos Kessel que afirma que o Rio de Janeiro do governo de Pereira Passos corporificou o discurso da cidade colonial como etapa a ser superada nos processo de saneamento e embelezamento, e a remodelação exemplar da cidade e que com isso se criou um modelo de intervenção estatal no tecido urbano em que de um lado se transformou o espaço para a fruição das elites e camadas médias, por outro lado desalojou das áreas centrais uma parte expressiva de seus moradores.¹⁰¹

Figura 19 - Charge do jornal O Malho - "Meu amigo tenha paciência. São cousas da Prefeitura! Trate de ver outra casa..."



Fonte: O Malho, 17/06/1905.¹⁰²

⁹⁹ *apud* FERNANDES, Nelson da Nóbrega. *O Rapto Ideológico da Categoria Subúrbio*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

¹⁰⁰ PINHEIRO e FIALHO, *op.cit.*,p.2

¹⁰¹ KESSEL, Carlos. *Entre o Pastiche e a Modernidade: Arquitetura Neocolonial no Brasil*. Tese – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2002. p.46.

¹⁰² *O que vai por ahi..* Jornal O Malho: 17 de junho de 1905. - acessado em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=116300&PagFis=4925> - em 20/05/13.





O processo de ocupação dos arrabaldes da cidade havia se intensificado anteriormente, no final do século XIX, com a criação e expansão do serviço de transporte público: “Contando com trens e bondes e sendo lugares de salubres foram procuradas pelos setores médios que fugiam cada vez mais dos bairros centrais congestionados pelos pobres e especialmente atingidos pelas epidemias”¹⁰³. Mumford¹⁰⁴ afirma que ferrovias tendem a produzir uma ocupação limitada ao longo de seu eixo, mais densa em torno de suas estações e mais esparsa entre elas; Fernandes complementa o raciocínio e afirma que em contra partida, pela proximidade entre as estações e sua facilidade de instalação – na própria malha viária existente, permitiu a formação de uma ocupação mais densa e uniforme nas áreas urbanas e suburbanas do Rio de Janeiro. A Tabela 1 e a Tabela 2¹⁰⁵ a seguir mostram o grande crescimento do uso das linhas suburbanas de trens e bondes no primeiro do século XX:

Tabela 1 - Volume de passageiros no sistema de trens suburbanos da Estrada de Ferro Central do Brasil (1866-1910)

<i>Anos</i>	<i>Passageiros</i>
1866	263.306
1876	1.200.761
1886	1.399.029
1896	5.257.683
1906	19.239.236
1910	23.841.263

Tabela 2 - Volume de passageiros transportados na Cia de Ferro-Carril Vila Isabel (1876-1906)

<i>Anos</i>	<i>Passageiros</i>
1876	717.702
1877	2.503.752
1879	3.221.454
1881	4.025.743
1884	5.434.570
1906	50.592.474

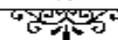
Contudo, no início do século XX os arrabaldes cariocas enfrentavam uma situação de abandono do governo municipal, denunciada pelo Jornal do Brasil em 1905¹⁰⁶. Com a

¹⁰³ FERNANDES, Nelson da Nóbrega. op.cit.,p107.

¹⁰⁴ Apud FERNANDES, Nelson da Nóbrega. op.cit,p.42.

¹⁰⁵ Fonte: FERNANDES, Nelson da Nóbrega. op.cit,p.127-128.

¹⁰⁶ apud BRENNNA, op.cit., p.322





valorização das regiões centrais, as classes médias voltavam a ocupar as regiões da cidade velha e a ocupação dos subúrbios pela classe trabalhadora é intensificada. De acordo com Nelson da Nóbrega Fernandes, o reordenamento do espaço social criado a partir das reformas na urbe carioca no início do século XX, alterou o conceito de subúrbio – este transcendeu a conotação puramente geográfica e passou a indicar o lugar destinado ao proletariado do Rio de Janeiro ¹⁰⁷, e afirma que “é a classe social que determina o que é subúrbio” ¹⁰⁸. O “subúrbio” passa a designar a ocupação das camadas populares nos arrabaldes da cidade e nos morros, ainda que estes últimos estivessem nas proximidades do centro recém-transformado ¹⁰⁹. A apresentação das reformas do Porto e da Avenida Central, feitas por Adolfo Morales de los Rios em duas edições do Jornal *O Paiz* apontam o que poderia ser um dos objetivos diretos da execução da reforma para este ultimo grupo social:

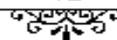
(...) E não é apenas a estrutura urbana da cidade que vai modificar-se com a realização dos projectados melhoramentos; são também a vida, os hábitos, os costumes e (...) até certos typos populares e característicos da terra alterar-se-ão na sua significação social, para mais tarde depois desaparecerem para sempre, como esta acontecendo com os sujos e pitorescos esmoleres das almas. ¹¹⁰

¹⁰⁷ FERNANDES, Nelson da Nóbrega. op.cit.,p.48.

¹⁰⁸ *Ibidem*,p.36.

¹⁰⁹ *Ibidem*, *passim*.

¹¹⁰ Sobre a Avenida Central: O Paiz, edição de 5 de maio de 1903 disponível na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional: <http://memoria.bn.br/pdf/178691/per178691_1903_06805.pdf>. Acessado em 20/05/13.





3. Capital carioca em transformação

“As potencialidades do homem só fluem sobre a realidade através da fissura aberta das palavras”.¹¹¹

Um livro aberto. A biografia de Lima Barreto por vezes se confunde com a sua obra, “as separações de canônicas de ficção e não-ficção, realidade e imaginação, são muitas vezes fugidias”¹¹². Tomando como ponto de partida a citação que inicia este tópico, os parágrafos iniciais apresentarão algumas notas da biografia de Lima Barreto, que serão um dos substratos para a compreensão de suas representações sobre a então capital federal em transformação. Constantemente em sua obra, o subúrbio carioca foi retratado quanto ao seu cotidiano, estrutura e cenários, assim como seus personagens típicos, tanto aqueles que viviam nas periferias quanto os que viviam no grande centro carioca. Parafraseando Sevckenko, é a palavra organizada em discurso que incorpora em si, todo tipo de hierarquias e enquadramentos de valor intrínsecos as estruturas sociais de que emanam¹¹³.

Lima Barreto nasceu Alfonso Henriques Lima Barreto na capital carioca em 13 de maio de 1881 e morreu na mesma cidade em novembro de 1922, vítima de um colapso cardíaco. Pode-se afirmar que sua história é a continuação do conjunto de trajetórias e aspirações de seu pai, João Henriques; este foi mestre de composição da Imprensa Nacional, cargo a ele conferido por ser “cumpadre” do Visconde de Ouro Preto, um dos contatos que fez durante sua trajetória profissional nos jornais de cunho abolicionista e defensores da monarquia constitucional. Acalentou o desejo de se tornar “doutor”, estudava francês e chegou a traduzir um manual deste idioma para tipografia. A mãe de Lima Barreto, neta de escravos, teve uma educação diferenciada por ter sido agregada de uma família abolicionista, foi professora primária e iniciou seu filho mais velho nos estudos, faleceu de tuberculose, quando o autor tinha 6 anos de idade¹¹⁴.

¹¹¹ SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1995. 4ª edição. p.19.

¹¹² SCHWARCZ, Lilian M. Contos Completos de Lima Barreto. Org: Lilian M. Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 15.

¹¹³ SEVCENKO, Nicolau. op. cit., p.19.

¹¹⁴ SCHWARCZ, Lilian M. op. cit., p.31-42.

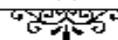
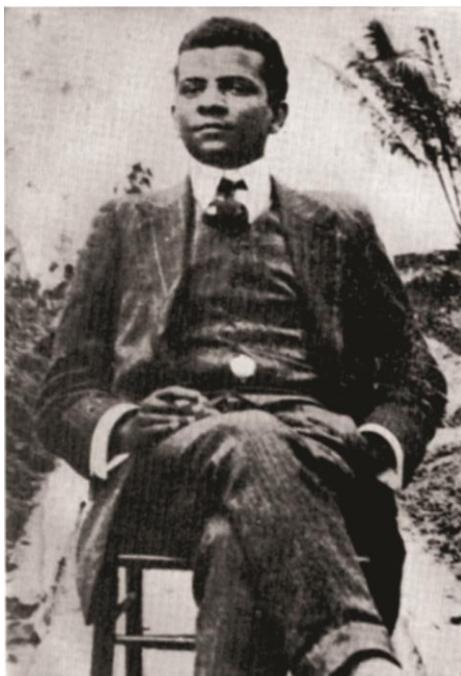




Figura 20: Fotografia de Lima Barreto. (sem data).



Fonte: Portal UOL entretenimento –
acesso em 20/03/12¹¹⁵

Sua educação até o ingresso no curso de engenharia na Escola Politécnica, em 1897, só foi possível devido à ajuda de seu padrinho, o Visconde de Ouro Preto (1836-1912). Cinco anos depois, o seu pai enlouquece e Lima Barreto é forçado a abandonar os estudos para sustentar a família. Em 1903, entra para a carreira burocrática como amanuense¹¹⁶ da Secretaria de Guerra¹¹⁷ e, ao mesmo tempo, inicia a carreira literária na imprensa, escrevendo crônicas e textos nos gêneros entre jornalismo, memorialismo, ensaio e ficção. Sua primeira obra publicada, em forma de folhetim, foi *Os subterrâneos do morro do Castelo* em 1905, no jornal *Correio da Manhã*.

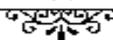
A figura de Lima Barreto se tornou tão ímpar a ponto de sair do horizonte de possibilidades que ele teria de acordo com a sua origem e formação. Se sentia verdadeiramente um suburbano, tanto por morar no subúrbio central no bairro de Todos os Santos quanto por apelidar sua residência de “Vila Quilombo”.¹¹⁸ Em uma de suas anotações,

¹¹⁵ UOL entretenimento, disponível em: <<http://entretenimento.uol.com.br/album/2012/10/31/relembre-obras-de-lima-barreto.htm>> - Acesso em 05/06/13

¹¹⁶ Escrivão.

¹¹⁷ Por meio das leituras feitas, pode-se observar que no romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), há um tom autobiográfico que remete diretamente a esta fase de sua vida.

¹¹⁸ SCHWARCZ, Lilian M. op. cit., p.30.





compiladas posteriormente no livro intitulado “Diário Íntimo”¹¹⁹, Barreto confessa seu grande anseio por conseguir destaque mesmo tendo consciência de que pessoas de sua origem dificilmente conseguiam: “Mulato, desorganizado, incompreensível e incompreendido, era a única coisa que me encheria de satisfação, ser inteligente, muito e muito!”¹²⁰. Segundo Sevcenko,¹²¹ relaciona-se a condição socioeconômica de um escritor ao seu papel na literatura ao se observar as posturas, as ênfases, as críticas presentes em sua obra, estes indícios servem como guias de referência para se compreender e analisar as suas tendências mais marcantes, seus níveis de enquadramentos sociais e a sua escala de valores.

Lima Barreto pertence a uma geração de escritores preocupados com as questões sociais, antecedido por Machado de Assis, e contemporâneo a Euclides da Cunha e Monteiro Lobato. O temário de sua obra inclui: movimentos históricos, relações sociais e raciais, transformações sociais, políticas, econômicas e culturais; ideais sociais, políticos e econômicos; crítica social, moral e cultural; discussões filosóficas e científicas, referências ao presente imediato, recente e ao futuro próximo; ao cotidiano urbano e suburbano, à política nacional e internacional, à burocracia, dados biográficos, realidade do sertão, descrições geológicas e geográficas (fragmentos) e análises históricas.¹²² Como testemunha do primeiro ciclo de modernização urbana do Brasil, ocorrido na virada do século XIX para o século XX, usou a literatura como “refúgio e muralha”¹²³ aonde buscava inserir-se nessa nova realidade em construção e ao mesmo tempo sentia a impotência de seus esforços para isso. Suas críticas e reflexões foram postas nas bocas de seus personagens, trouxe à tona o cotidiano da corrupção, do preconceito e marginalização social e racial. Pode-se exemplificar no trecho a seguir retirado do livro *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909) em que o personagem principal, Isaías, participa de um diálogo entre dois amigos sobre a corrupção da polícia carioca fazendo vistas grossas ao jogo do bicho:

-Ah bom! Diga isso! Pela polícia não, ela vive com os bicheiros...não serve pra nada, fique certo.

-Eu pensava que...

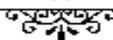
¹¹⁹ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. São Paulo: Brasiliense. 1961. 2ª ed. p.70 [orig.1900-1921]

¹²⁰ Ironicamente, esta confissão em uma de suas anotações foi feita um ano antes de conseguir algum destaque pela publicação *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, em 1909.

¹²¹ SEVCENKO, Nicolau. op. cit., p.162.

¹²² *Ibidem*.

¹²³ SCHWARCZ, Lilian M. op. cit., p.16.





-Qual! Para o que foi feita não serve. Serve para perseguir, executar vinganças, como eu já fui...[...]

-Porque eu apoiava a oposição lá no meu município...É isto a polícia, no Brasil...Eu posso falar: sou brasileiro...A polícia no Brasil só serve para exercer vinganças, e mais nada.¹²⁴

A literatura barretiana ia de encontro com aquela feita pela Academia Brasileira de Letras. Lima Barreto afirmava que cometia certos erros gramaticais para dar maior veracidade à oralidade que presenciava nas ruas; assim ele “oscilaria, dramaticamente, entre se ajustar aos cânones vigentes e desafiá-los; entre tomar parte dos círculos literários oficiais e não-oficiais”¹²⁵. O próprio Lima Barreto não atribuía aos seus textos um gênero literário específico, “de todos os gêneros ele sorveria algo, mas não se prendia a nenhum”.¹²⁶

Barreto colocava como um dos fatores para sempre ter sua candidatura indeferida na ABL o fato de ser mulato. Além disto, acreditava também que outro impedimento estava no fato de ir contra a narrativa comum a todos imortais, porque descrevia o subúrbio, as mazelas e a pobreza, em tom jornalístico, extremamente crítico e o forte caráter autobiográfico¹²⁷. Tinha consciência de que se tivesse omitido a sua origem em sua obra e tivesse tido a oportunidade de estudar ainda mais, conseguiria mais respeito e destaque em seu ofício. Em “Marginália”¹²⁸, o próprio se manifesta sobre isso em dois momentos, em sua coluna no jornal Gazeta de Noticias em 1920, onde explicita em sua coluna a sua consciência de ter precisado estudar mais a literatura clássica:

Ora, nunca estudei, mesmo nos seus menores elementos, a arte de fazer versos; não conheço as suas escolas, nem sei bem como elas se distinguem e diferenciam; entretanto, segundo as praxes literárias, tenho, ou por carta ou em artigo, que dar uma opinião sobre as obras poéticas que me são enviadas. É daí que me vem uma das complicações dolorosas que a literatura trouxe à minha existência. Se, de antemão, tivesse eu adivinhado que havia de

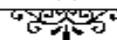
¹²⁴ BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. 10ª edição. p 49-50. [orig. 1909]

¹²⁵ SCHWARCZ, Lilian M. op. cit p.17

¹²⁶ *Nós não temos mais tempo nem o péssimo critério de fixar rígidos gêneros literários, à moda dos retóricos clássicos com as produções do seu tempo e anteriores. Os gêneros que herdamos e que criamos estão a toda hora a se entrelaçar, a se enxertar, para variar e atrair.* Lima Barreto apud SEVCENKO. op. cit., p.164.

¹²⁷ SCHWARCZ, Lilian M. op. cit p.17

¹²⁸ A publicação de *Marginália* é póstuma, compila crônicas feitas por Lima Barreto publicadas em jornais entre 1919 e 1921. A edição utilizada nesta pesquisa é a de 1961, 2ª edição.





escrevinhar livros e artigos de jornais, pelo que havia de merecer a atenção dos poetas, teria logo, nos meus primeiros anos de vida, tratado de estudar o Castilhos, porquanto, ao que parece, esse negócio de fazer versos, como a música e a geometria, só se aprende bem aí pelos quinze anos e mesmo antes.¹²⁹

E na revista *Careta*, de 18 de agosto de 1921, publica o seu desejo de entrar na Academia Brasileira de Letras, mas mesmo tendo recorrido aos seus “apadrinhadores”, não obteve sucesso. Neste excerto demonstra o quanto se sentia injustiçado e preterido, tendo em vista que esta foi a sua terceira e última candidatura, retirada posteriormente à publicação deste artigo:

Vou escrever um artigo perfeitamente pessoal; e é preciso. Sou candidato à Academia de Letras, na vaga do Sr. Paulo Barreto. Não há nada mais justo e justificável. Além de produções avulsas em jornais e revistas, sou autor de cinco volumes, muito bem recebidos pelos maiores homens de inteligência de meu país. Nunca lhes solicitei semelhantes favores; nunca mendiguei elogios. Portanto, creio que a minha candidatura é perfeitamente legítima, não tem nada de indecente. Mas... chegam certos sujeitos absolutamente desleais, que não confiam nos seus próprios méritos, que têm títulos literários equívocos e vão para os jornais e abrem uma subscrição em favor de suas pretensões acadêmicas. (...) Se não disponho do *Correio da Manhã* ou do *O Jornal*, para me estamparem o nome e o retrato, sou alguma coisa nas letras brasileiras e ocultarem o meu nome ou o desmerecerem, é uma injustiça contra a qual eu me levanto com todas as armas ao meu alcance. Eu sou escritor e, seja grande ou pequeno, tenho direito a pleitear as recompensas que o Brasil dá aos que se distinguem na sua literatura.¹³⁰

E se é por meio da literatura que se cria uma das fontes para a produção da historiografia, quando ela está vinculada aos grupamentos humanos que ficaram marginais ao sucesso dos fatos,¹³¹ tem-se aí um fator que corrobora o valor da obra de Barreto, sendo ele a voz daqueles que, provavelmente, nem mesmo poderiam ler o que escreviam. No excerto a

¹²⁹ BARRETO, Lima. Vários autores e Varias obras. In: _____. *Marginália*. São Paulo: Brasiliense, 1961a. 2ª edição. p.55

¹³⁰ BARRETO, Lima. Minha Candidatura. In: _____. op.cit., p.11

¹³¹ SEVCENKO, Nicolau. op. cit., p.22.





seguir, retirado do artigo *Lima Barreto e a Cultura Nacional* de Berthold Zilly, há uma breve ilustração deste compromisso que Lima Barreto tinha em retratar o cotidiano dos marginalizados da história oficial:

Com sua obra, Lima Barreto prestou homenagem às pessoas humildes e até às mais abastadas do subúrbio – aquela fauna humana que satirizou com tanto carinho – com que ele não deixava de se sentir solidário, embora elas mal reconhecessem seu talento literário e não pertencessem ao seu público leitor. (...) O abismo entre personagens literários e leitores, entre o ambiente popular ficcional e o público real de classe média alta – fenômeno típico da literatura latino-americana engajada, geralmente qualificado como heterogeneidade cultural – também caracteriza a obra de Lima Barreto. As pessoas que ganharam vida e voz em sua obra pertenciam àquele “mar de analfabetos”, ao qual o poeta elitista Olavo Bilac – parnasiano e patrioteiro, embora de certa popularidade, e até hoje autor escolar – se referia com desprezo.¹³²

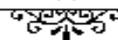
Crítico, Lima Barreto se tornou um dos vigilantes do processo de modernização do país na virada do século XIX para o XX, sempre divulgando suas impressões e este é um dos motivos da importância do uso de seus relatos para se fazer os estudos da história da cidade e do urbanismo este período. Apresentou a sociedade o cotidiano de preconceito, marginalização social e racial, renovando a literatura que se fazia até então, que era determinista, positivista e colocava os marginalizados como, ao mesmo tempo, vítimas e algozes de sua própria história. Em consonância com os outros autores havia apenas o conceito de que a literatura não poderia ser vista somente como manifestação estética. Segundo Maria Cristina Machado, se Machado de Assis fez o “realismo psicológico” em sua obra, então Lima Barreto se destacava pelo que ela denominou como “realismo social”.¹³³

Seus personagens não seguiam o modelo vigente que impunha limites à criação, fato que despertava grande admiração pelos modernistas paulistanos como atestado nesta citação de Sérgio Millet:

Lembro-me da grande admiração que tinha por Lima Barreto o grupo paulista de 22. (...) O que mais nos espantava então era o estilo direto, a

¹³² ZILLY, Berthold. *Lima Barreto e a Cultura Nacional*. In: MELLO, Simone de. *Gamsci e o Brasil*, 2006. Disponível em: <http://www.acesa.com/>. Acesso em: 03/03/12.

¹³³ MACHADO, Maria Cristina Teixeira. *Lima Barreto: um pensador social na Primeira República*. Goiania: Editora da UFG; São Paulo: Edusp, 2002. p.8.





precisão descritiva da frase, a atitude antiliterária, a limpeza de sua prosa, objetivos que os modernistas também visavam. Mas admirávamos por outro lado a sua irreverência fria, a quase crueldade científica com que analisava uma personagem, a ironia mordaz, a agudeza que revelava na marcação dos caracteres.¹³⁴

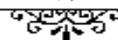
Todos os personagens criados tinham uma função especial em suas tramas, Barreto era minucioso, exaltava certas características psicológicas que justificavam o agir de seus personagens e ia além, construía um breve panorama de vivências daquele personagem para a construção daquele caráter, no excerto a seguir exemplifica-se este processo narrativo com a descrição da personalidade ingênua de Clara dos Anjos, uma de suas mais célebres protagonistas:

Engrácia, cujos cuidados maternos eram louváveis e meritórios, era incapaz do que é verdadeiramente educação. Ela não sabia apontar, comentar exemplos e fatos, que iluminassem a consciência da filha e reforçassem-lhe o caráter, de forma que ela mesma pudesse resistir aos perigos que corria. A mulher de Joaquim dos Anjos tinha a superstição dos processos mecânicos, daí o seu proceder monástico em relação à Clara. Enganava-se com a eficiência dela; porque, reclusa, sem convivência, sem relações, a filha não podia adquirir uma pequena experiência da vida e notícia das abjeções de que está cheia, como também a sua pequenina alma de mulher, por demais comprimida, havia de se extravasar em sonhos, em sonhos de amor, de um amor extra-real, com estranhas reações físicas e psíquicas.¹³⁵

O uso da obra do escritor literário como uma lente para que se enxergue a opinião da classe com menor representação social é aqui justificada. O autor testemunhou o Rio de Janeiro antes e depois da grande reforma urbana de Pereira Passos, e sua vida literária desenvolveu-se durante as transformações da cidade. Durante a pesquisa foi percebida a grande diferença da descrição da cidade feita nos romances para aquela feita nas crônicas e contos. Por isso se optou por subdividir este capítulo se em outros dois, o primeiro “O Rio de Janeiro em Romance” serão discutidos os romances *Clara dos Anjos e Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, dando ênfase ao primeiro romance – *Clara* – por se tratar de uma

¹³⁴ MILLET, Sérgio. *apud* SCHWARCZ, Lilian M. op. cit p.45

¹³⁵ BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. Editora Ática: Rio de Janeiro. 1996. p.26-27 Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000048.pdf>>. Acessado em: 04/03/12.





obra escrita em duas fases como será apresentado a seguir¹³⁶; no segundo “Quem conta um conto aumenta um ponto” serão analisadas algumas crônicas e contos que tem como tema a vida na cidade ou a cidade propriamente dita, retirada dos livros *Vida Urbana*, *Marginália*, *Toda Crônica*¹³⁷, juntamente com contextualizações feitas com excertos de jornais, charges e citações de outros escritores da época.

3.1 A cidade em Romance

O romance *Clara dos Anjos* teve a sua primeira versão escrita em 1904, mas não foi concluída – os escritos foram encontrados postumamente por Evangelina, irmã de Lima Barreto.¹³⁸ A primeira versão de *Clara dos Anjos* é fruto da visão barretiana do período em que o Rio de Janeiro já estava passando pelos processos de reforma promovidos na gestão de Pereira Passos. A segunda versão retomou parte do que foi escrito em 1904 e foi finalizada entre 1920 e 1922.

Os enredos variam de uma versão para a outra: conta a história da personagem-título, Clara dos Anjos, jovem pobre, mulata e moradora do subúrbio do Rio de Janeiro, que deixa seduzir por um rapaz de classe média, que sempre se aventura em confusões por suas conquistas amorosas, trambiques e contravenções. O clímax da história ocorre quando Clara se percebe violada e abandonada, quando finalmente compreende as falsas juras de amor e era apenas mais de uma das suas vítimas, tudo isto enquanto a família dele justifica que tudo que aconteceu com ela era de responsabilidade da moça suburbana.

Em meio a essa trama, nos interessa observar e discutir como Lima Barreto conseguiu relacionar a sociedade carioca daquela época com a espacialidade da cidade, indo além do questionamento sobre as relações sociais, do preconceito e do descaso do poder público sobre a infraestrutura da urbe. Dentre as características constantes nas duas versões é que, apesar da visão em tese limitada pela ótica do subúrbio – que o autor chamava de “a visão do Rio de Janeiro de cima do morro” - Barreto tinha uma percepção global da cidade e de suas

¹³⁶ Há ainda uma versão em forma de conto, publicada em 1920 dentro do livro *Histórias e Sonhos*, contudo não há uma descrição da dimensão material da cidade como há nos dois romances homônimos de 1904 e 1922.

¹³⁷ Estas três compilações estão referenciadas na bibliografia com os seus nomes das publicações impressas; os títulos referenciados acima são das publicações originais (1ª edição) digitalizadas em e-books disponíveis na biblioteca on-line do Ministério da Educação <<http://www.dominiopublico.com.br>>, acessado em 04/03/2012.

¹³⁸ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. São Paulo: Brasiliense. 1961. 2ª ed. p.6





adjacências. E esta é a maior riqueza deste texto, sob a ótica do subúrbio, acompanha a transformação da capital carioca durante e depois da reforma de Pereira Passos.

Para facilitar a delimitação da abordagem das duas versões, elas serão apresentadas separadamente, por ordem cronológica. Acredita-se que pelo fato da primeira versão não ter sido publicada, partes deste texto foram reaproveitadas em *Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá*, que podem ser facilmente comparadas na edição de 1919¹³⁹ entre as páginas 59 e 62. Segundo Schwarcz¹⁴⁰ este livro começou a ser escrito originalmente em 1906, dois anos após a primeira versão de *Clara* ter sido escrita e ano de encerramento do mandato de Pereira Passos na prefeitura.

Como suporte ao que será apresentado ao longo da análise das duas versões do romance, ao fim deste capítulo serão apresentados alguns excertos da obra *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, de 1909. Apesar de não ter tratado da dimensão material da cidade do mesmo modo em que foi tratada nas duas versões de *Clara*, *Caminha* apresenta uma visão privilegiada que foi permitida pela proximidade temporal do período da gestão de Pereira Passos como prefeito – a transformação da cidade estava em discussão.

Clara dos Rejos - 1904¹⁴¹

Conforme está registrado em uma de suas anotações em *Diário Íntimo*, Barreto escreveu a primeira versão de *Clara*, descreve um Rio de Janeiro a partir de 1868 – ano de nascimento da personagem, chegando a 1887 e 1888 – ano da abolição da Escravidão e período de maior conflito na trama. Se não tivesse abandonado esta versão, o autor findaria a sua narrativa no Rio de Janeiro de 1905¹⁴². No excerto a seguir, Lima Barreto faz um registro do cenário pitoresco da época para poder descrever a história de sua protagonista.

A cidade do Rio de Janeiro é regularmente edificada. Não se infira daí que ela o seja conforme o estabelecido na teoria das perpendicularidade e oblíquas; antes se conclua que a cidade se tem erguido, acorde com a topografia do local onde se assentou e com as vicissitudes históricas que sofreu. Se não é regular com a estreita geometria de um agrimensor, é,

¹³⁹ Esta versão encontra-se disponibilizada em: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00123200>>, acesso em: 04/03/12.

¹⁴⁰ SCHWARCZ, Lilian M. op. cit p.670

¹⁴¹ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. São Paulo: Brasiliense. 1961. 2ª ed. p.28. [orig. 1900 - 1921] p.224-297.

¹⁴² BARRETO, Lima. op.cit., p.28.





entretanto, com as colinas que a distinguem e fazem-na formosa. Enquadra-se guarridamente nelas, explicando-as e continuando-as.¹⁴³

Neste primeiro trecho, Barreto descreve o traçado da cidade e que, apesar da ausência de sua regularidade, se tornava aprazível por suas colinas; sua ocupação foi feita de forma espontânea obedecendo, dentre outros fatores, a topografia¹⁴⁴. No parágrafo a seguir, Lima Barreto retoma a contação da origem da formação da cidade, inicialmente feita pelos jesuítas no Morro do Castelo, descendo para as várzeas, formada juntamente com os morros de São Bento, morro de Santo Antônio e morro da Conceição¹⁴⁵. O autor usa o termo “colear” para definir como as ruas foram se formando sinuosamente pela várzea, contudo eximindo essa forma de arruamento de um mecanismo de proteção às investidas dos corsários franceses e mais tarde para a proteção dos habitantes contra quaisquer tipos de malfeitores; na verdade essa sinuosidade e a acomodação do traçado à geografia era, antes de mais nada, uma reprodução do modo de se construir as cidades medievais portuguesas¹⁴⁶.

Ao nascer, no topo do Castelo, não foi mais do que um escolho branco surgindo num revolto mar de bosques e brejos. Aumentando, desceu pela venerável colina abaixo; coleou-se pelas várzeas em ruas estreitas. A necessidade da defesa externa, de alguma forma, obrigou-as a ser assim e a polícia recíproca dos habitantes contra malfeitores prováveis fê-las continuar do mesmo modo, quando, de piratas, pouco se tinha a temer.

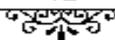
No excerto abaixo, Barreto faz referência novamente aos fatores que contribuíram para que a cidade se expandisse e tomasse a forma que tinha na época de em que sua narrativa foi escrita, em 1904. Ao dizer que “a quilombola e o corsário projetaram a cidade”, menciona às investidas dos corsários franceses no século XVIII, período em que foram descobertas as lavras de Minas e que por isso, deixando a cidade vulnerável com a grande massa de colonos que se dirigiram para essas fontes de riqueza, assim como os escravos que fugiram de suas senzalas, fosse para formar quilombos fosse para ir tentar comprar a carta de alforria com a

¹⁴³ BARRETO, Lima. *op.cit.*, p.224.

¹⁴⁴ Sobre o processo de construção da cidade colonial em forma de acrópole, ver Luiz Ricardo Michaelsen Centurião, *A cidade colonial no Brasil*, 1999.

¹⁴⁵ Naqueles tempos, a própria noção de cidade era ainda imbuída, mesmo que residualmente, de uma sacralidade oriunda de tempos muito remotos, impregnados de uma cosmovisão mitológica. Deste modo, e especificamente para o caso brasileiro, tais como templo ou a ermida, possuíam um forte valor simbólico e eram as que davam a um casario, a um aglomerado de população, a conotação de centro social, civilizado e civilizatório. CENTURIÃO, Luiz Ricardo Michaelsen. *op.cit.* 1999, p.215.

¹⁴⁶ CENTURIÃO, Luiz Ricardo Michaelsen. *op.cit.* 1999, p.217.





coleta do outro de aluvião. Graças também a eles, a cidade estava em crescimento na direção de seus arrabaldes e a necessidade de expansão nas proximidades do que já existia acarretou no aterramento de alguns brejos, lagoas e praias, o material usado para este fim era oriundo dos morros:

A quilombola e o corsário projetaram a cidade. Surpreendida com a descoberta das lavras de Minas, que fizeram dela entreposto, a velha São Sebastião aterrou apressada alguns brejos, para aumentar e espriar-se, e todo o material foi-lhe útil para tal fim. A população, preguiçosa de subir de novo morros, construiu sobre um solo de cisco e o rei Dom João veio descobrir praias e arredores cheios de encantos, cuja existência ingenuamente ignorava. Uma cousa compensou a outra; e logo que a Corte quis firmar-se e tomar ares solenes...

Os aterramentos referidos no excerto anterior: “a velha São Sebastião aterrou apressada alguns brejos, para aumentar e espriar-se” provavelmente se referem aos que foram feitos na extinta Lagoa do Boqueirão¹⁴⁷ e nos aterramentos subsequentes feitos em pequenas praias como a Praia de Santa Luzia e a Praia do Peixe¹⁴⁸, para a construção de praças, ruas e do Porto, este último feito no início do século XX que utilizou terras oriundas do desmonte do Morro do Senado.

Figura 21 – Foto de Júlio Ferrez, 1922: Desmonte do Morro do Castelo. A Igreja de Santa Luzia ainda se encontrava perto do mar.



Fonte: DezenoveVinte, <http://dezenovevinte.net/2006/11/imagens-do-rio-antigo.html>. A cesso em 25/05/12

¹⁴⁷ A Lagoa do Boqueirão ficava próxima ao Aqueduto da Lapa, foi aterrada em 1779.

¹⁴⁸ Estas praias ficavam em frente à Igreja de Santa Luzia e à Praça XV, respectivamente.





O “lento aterro” feito para a expansão da cidade também é mencionado no excerto a seguir, aonde Barreto retoma a descrição do traçado da cidade do fim do século XIX. É sabido que Lima Barreto vivenciou o “lento aterro” de algumas partes da cidade com material oriundo dos desmontes dos Morros do Castelo e de São Bento, que se iniciaram no governo de Pereira Passos em 1905¹⁴⁹ para a abertura da Avenida Central e os planos de arrasamento do Castelo em 1922, no governo de Carlos Sampaio.

Quem observa uma carta do Rio e tem de sua antiga topografia modestas notícias, define plenamente as preguiçosas sinuosidades de suas ruas e as imprevistas dilatações que elas oferecem. Ali, uma ponta de montanhas empurrou-as; aqui, um alagadiço dividiu-as em duas ruazinhas simétricas, deixando-o intacto à espera de um lento aterro.

O casario começa a ser descrito por Lima Barreto que associa os elementos da fachada e estrutura das edificações a indícios de fatos históricos; recompõe a imagem da “casa colonial” no excerto a seguir, na qual ironiza que a solidez da cantaria do baldrame e da alvenaria de grande espessura de nada serviu para se manter a propriedade para a posteridade, tendo em vista que as ruas da Alfândega e a do Sabão¹⁵⁰ sofreram severas alterações com a Reforma de Pereira Passos, a maior delas para a passagem da Avenida Central, transversal à elas.

Na fisionomia das casas esteriotipam-se as cousas da nossa história. Um observador amoroso e perspicaz não precisa ler, ao alto, a data entre os ornatos de estuque, para saber quando uma delas foi edificada. Esse casarão de dois andares que vemos na rua do Sabão ou da Alfândega, é dos primeiros quinze anos da Independência. Vede-lhe a segurança afetada; a força demasiada das paredes, a valentia dos alicerces que se advinha... Quem a fez, sabia das lutas do Primeiro Reinado, vinha seguro de possuir uma terra sua para viver a vida eterna da descendência.

¹⁴⁹ Os registros de Lima Barreto sobre o primeiro ciclo do desmonte do Morro do Castelo foram feitos em 1905 em forma de folhetim no jornal *Correio da Manhã*. Posteriormente foram compilados no livro *O Subterrâneo do Morro do Castelo*.

¹⁵⁰ A Rua do Sabão, em 1870 denominada oficialmente como Rua General Câmara, foi parcialmente demolida em 1944, quando juntamente à antiga Rua do São Pedro formaram a nova Avenida Getúlio Vargas.

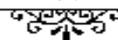




Figura 22 - Rua dos Andradas com Alfândega, 1906. Abaixo da identificação, segue o comentário “está pedindo picareta”.

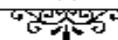


Fonte: Dezenove Vinte < http://www.dezenovevinte.net/bios/bio_am_arquivos/am_1906_03.jpg> . Acesso em 25/05/12.

A importância do alcance das linhas de trens e bondes por toda a região metropolitana do Rio de Janeiro é observada por Barreto. Apesar de o primeiro ter a função inicial de fazer o transporte de cargas e o segundo apenas passageiros, ambos foram definidores dos eixos de expansão da cidade e de seu entorno tanto na área rural quanto nos subúrbios.¹⁵¹ Nas duas versões de Clara dos Anjos, Lima Barreto faz referências constantes às linhas de bonde e de trem, principalmente da Estrada de Ferro Central do Brasil. Em suas observações sobre a formação dos núcleos suburbanos, Barreto faz a associação de seu surgimento concomitante ou causado pela chegada das estações de trem e de bondes nos subúrbios.¹⁵² A sua forma de expansão em “anéis concêntricos” - camadas decrescentes de adensamento que se intercalavam - tendo as estações como seu centro, criava entre esses anéis o interstício de abandono do poder público. Lima relaciona a proximidade das estações com a maior quantidade e estrutura de serviços públicos e privados ainda que precários, tendo em vista que poderiam ser frutos do primeiro surto de urbanização dos arrabaldes da cidade conforme visto no capítulo anterior. Ao relacionar o adensamento e o poder aquisitivo de seus moradores,

¹⁵¹ Para mais informações sobre a relação entre as linhas de trem e expansão da capital carioca, ver RODRIGUEZ, Hélio Suêvo. A formação das estradas de ferro no Rio de Janeiro: o resgate da sua memória. Rio de Janeiro: Memória do Trem, 2004.

¹⁵² A leitura Lima Barreto sobre o crescimento da cidade em torno das linhas dos trens se mostra aqui semelhante àquela feita por Mumford, como consta no segundo capítulo desta monografia.





Barreto indicava que mesmo dentro do subúrbio ainda havia uma divisão sócio-espacial criada conforme a distância das estações de trem e bonde. Sobre os condicionantes do traçado suburbano, além de seguir a lógica da cidade antiga (de obedecer à topografia) ainda havia a relação de proximidade com as estações que definiam o tamanho e a forma dos lotes, sendo assim a irregularidade do traçado seria facilmente perceptível por ser uma constante da região.

O bonde, porém, perturbou essa metódica superposição de camadas. Hoje, o geólogo de cidades atormenta-se com o aspecto transtornado dos bairros. Não há mais terrenos paralelos; as estratificações inclinam-se; os depósitos embaralham-se; e a divisão da riqueza e novas instituições sociais ajudam o bonde nesse trabalho platônico. No entanto, este veículo alastra a cidade; cria na ponta de seus trilhos núcleos de condensação urbana. Onde ele chega, desenha-se uma venda, surge um botequim, um quiosque; em torno, edificam-se casebres. Ondulações concêntricas a esse núcleo encontram as de outro próximo, dando nascimento a uma travessa mal povoada, tristonha, esquecida das autoridades municipais, e que vive anarquicamente, fora de toda a espécie de legislação, a poucas centenas de metros de outras, apertadas num cinto de posturas.

Neste excerto, Lima Barreto explica como se dava a diferença social por estas camadas interpostas criadas nos núcleos suburbanos através da estrutura das edificações e de seus habitantes. Mas é importante ressaltar que, ao contrário do que pode soar este discurso, Barreto não era defensor dos pensamentos do determinismo, muito difundido na época. As descrições que se seguem são sobre as travessas do subúrbio, as casas e as pessoas. As travessas eram mal calçadas ou não calçadas, o capim que crescia por entre elas alimentavam os animais domésticos, criados soltos durante o dia e recolhidos à noite nas casas de seus respectivos proprietários; as casas por sua vez, foram descritas sugerindo que fossem localizadas no centro dos lotes, ocupavam pouco espaço do terreno e por isso criava a sensação de haver uma grande distância entre uma e outra, já que os lotes eram divididos normalmente por cercas vivas, além disso, possuíam um recuo na frente que faziam as vezes de jardim. A definição do agenciamento das casas interna e externamente também era elemento compositivo da narrativa, a indicação do cotidiano é parte fundamental nesta trama não apenas para a compreensão dos fatos que se sucedem, mas também para a compreensão da cultura do subúrbio. A população do subúrbio é descrita nesta primeira versão superficialmente, o destaque é para o personagem elegante que transita pelo subúrbio, mas que poderia transitar facilmente pela Rua do Ouvidor sem que se percebesse a sua origem.





Por elas, o capim medra viril e orgulhoso; os cabritos desembaraçadamente pastam; as lavadeiras sem cerimônia coram as roupas; e as poucas casas que há, hesitam entre a casa e o casebre e dão-se ao luxo de ter jardim na frente. As casas em geral isoladas, separadas umas das outras, por cercas de espinheiros ou bambús; mas, às vezes, juntam-se em grupo, cavalgam-se umas às outras, de jeito que, quem as vê, considera a extensão de terra e a muita que por aqueles lugares sobra. A população que as povoa é heteroclítica. Na generalidade, operários e pequenos empregados; mas, se algum descuidado se aventura por uma dessas travessas adentro, surpreender-se-á sem razão ao cruzar com algum elegante da rua do Ouvidor. Cavalheiros de extraordinária exuberância amorosa, e de apoucados rendimentos, resolvem o problema de sua natureza, gastando com a família o mínimo, num desses corredores, e o máximo, nos alfaiates e aperitivos platônicos com as cocotes nas confeitarias.

Os últimos excertos apresentados sobre a primeira versão de *Clara dos Anjos* delimitam espacialmente (uma das áreas de) os subúrbios imediatamente anteriores às reformas de Pereira Passos, locais onde vive a personagem principal, e onde vive seu abastardo padrinho:

Entre Rio Comprido e Catumbi, numa travessa dessa espécie, residia, em 1886, com sua família, Manuel Antônio dos Anjos, contínuo da Secretaria da Agricultura. Era pequena a família: ao contínuo e à mulher se juntavam unicamente uma filha, a orçar, por esse tempo, pelos dezesseis anos, e uma velha preta, a babá, que, já escrava já livre, rolara até aos cinquenta e tantos anos, quando viera parar às mãos deles. (...)

Em começo, o casal Silva levou uma vida trabalhosa (...). Dois anos depois, porém, devido a influência de parentes de sua esposa, fora promovido e, alguns meses em seguida, recebera, por morte de um parente seu, uma pequena herança, que lhe deu com que comprar uma casa regular no Engenho Novo.

O mapa a seguir delimita os locais descritos anteriormente. Apesar de possuir menos possibilidades financeiras, a família de Clara residia mais próxima ao Centro da cidade (em verde) – em Catumbi (em vermelho), já a família de seu padrinho residia na periferia – em Engenho Novo (em amarelo), que na época ainda possuía status de relativa nobreza¹⁵³:

¹⁵³ FERNANDES, Nelson da Nóbrega. op.cit.,p107

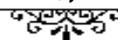
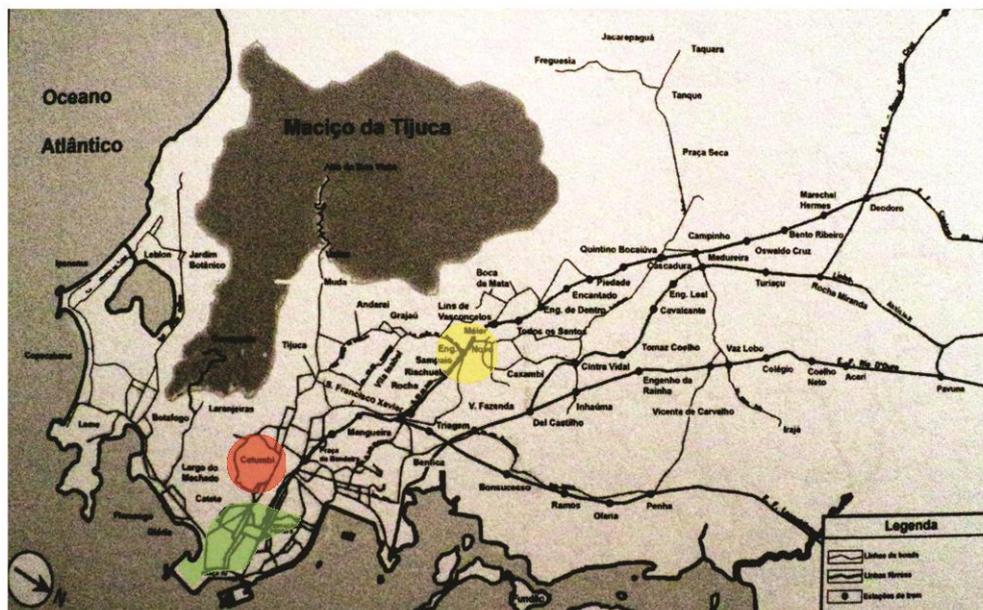




Figura 23 - Indicação da proximidade dos bairros dos personagens em relação ao centro - Clara dos Anjos 1904



Fonte: FERNANDES. 2011, p.102.

Através do excerto da Revista da Semana de março de 1909, vê-se uma descrição do bairro que até então ainda possuía status de nobreza mesmo depois da reforma de Pereira Passos no centro da cidade:

O Engenho Novo, a pitoresca Estação que confina com a zona arrabaldesca da serra, teve e ainda os tem para muita gente, foros de bairro elegante, aristocrático e adiantado(...) O vasto arrabalde possui vários estabelecimentos de ensino público e particulares; inúmeras sociedades de diversão, duas ou três de esporte, uma dependência completa acreditada empresa de carruagens, desenvolvido comércio em todos os seus variados ramos, uma Agência de Correio.¹⁵⁴

A descrição detalhada da formação dos morros dentro do contexto histórico carioca e a sua transformação ao longo do tempo são o pano de fundo para a formação do imaginário de Lima Barreto sobre o subúrbio do Rio de Janeiro. O detalhamento em que a dimensão material da cidade é descrita, com as suas habituais críticas, servem como o substrato para a

¹⁵⁴ Revista da Semana n.462, p.1413-4, 21 de março de 1909. Apud FERNANDES, Nelson da Nóbrega. *O Rapto Ideológico da Categoria Subúrbio*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011. p.140.





compreensão da cidade existente e da cidade que deveria ter sido criada, retomando o conceito de Sevcenko¹⁵⁵ de possibilidades históricas que não ocorreram.

Clara dos Anjos – versão de 1922¹⁵⁶

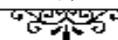
A segunda versão de Clara dos Anjos é a continuação daquela que começou a ser escrita em 1904. Optou-se por utilizar as duas versões do texto porque enquanto a primeira mostra a representação do Rio de Janeiro do final do século XIX até o início de sua transformação, a segunda versão, finalizada em 1922, mostra a representação de Lima Barreto sobre a cidade carioca ao longo dos 15 anos posteriores a reforma de Pereira Passos. Apesar do distanciamento temporal, justifica-se o uso desta e das outras obras a serem referenciadas a seguir neste capítulo com a afirmação de Nunes¹⁵⁷ que diz que Lima Barreto não conseguia diferenciar a “tendência reformista sob os paradigmas do progresso oriundas do projeto republicano”, para ele tudo se tratava de um único projeto e por isso sempre atribuía à Pereira Passos a responsabilidade pelas obras urbanas que tivessem o mesmo cunho reformista que foram engendradas após o mandado de Pereira Passos.

Ao longo da segunda versão de *Clara dos Anjos*, Lima Barreto apresenta a relação dos personagens com o ambiente, mas fugindo da ótica determinista, que era muito forte na época. A relação criada entre os personagens e o ambiente é mais rica e profunda, mas o ambiente este não era definidor da condição de vida ou da personalidade destes. Barreto sempre elaborava uma breve apresentação do histórico dos personagens que justifica como foram morar naquele lugar, como escolheram morar no subúrbio. É apresentado ao leitor a origem de certos traços na personalidade dos componentes da trama, assim como o seu comportamento, tipo físico e até mesmo seu modo de vestir.

¹⁵⁵ SEVCENKO, Nicolau. op. cit., p.20.

¹⁵⁶ BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. Editora Ática: Rio de Janeiro. 1996. [orig 1922] Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000048.pdf>>. Acessado em: 04/03/12

¹⁵⁷ NUNES, Radamés V. *Sobre Crônicas, Cronistas e Cidade: Rio de Janeiro nas Crônicas de Lima Barreto e Olavo Bilac – 1900-1920*. 2008. 194p. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia: maio de 2008. p. 148.





Neste primeiro excerto é descrita a casa do pai de Clara dos Anjos, que ficava no subúrbio numa rua próxima da linha de trem Central do Brasil, na direção para a zona norte da cidade¹⁶⁰. Com o “Bota Abaixo” em plena execução na época, a necessidade de ser conseguir uma moradia rapidamente levou os antigos moradores do centro – que não conseguiram moradia nas proximidades das antigas - para os subúrbios, fosse dentro ou fora dos domínios municipais. A zona norte da capital carioca foi uma das regiões que obteve o maior crescimento entre os anos de 1890 e 1906¹⁶¹, a grande quantidade de loteamentos e a possibilidade de financiamento na região também impulsionaram a criação de casas para aluguel, e esta modalidade de moradia é a abordada no excerto abaixo.

A rua em que estava situada a sua casa se desenvolvia no plano e, quando chovia, encharcava e ficava que nem um pântano; entretanto, era povoada e se fazia caminho obrigado das margens da Central para a longínqua e habitada freguesia de Inhaúma. Além dos clássicos chalets suburbanos, encontravam-se outros tipos de casas. Algumas relativamente recentes, uns certos requififes e galanteios modernos, para lhes encobrir a estreiteza dos cômodos e justificar o exagero dos aluguéis.

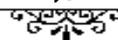
Já no excerto abaixo, Lima Barreto continua a descrever como a atmosfera de modernização que a cidade baixa emanava para os subúrbios urbanos também chegava para os antigos subúrbios de caráter rural da zona sul e oeste da cidade. Os pequenos elementos da arquitetura colonial nas propriedades caíram em desuso, provavelmente substituídos pelos “requififes e galanteios modernos”.

Hoje, é raro ver-se, no Rio de Janeiro, um muro coberto de hera; entretanto, há trinta anos, nas Laranjeiras, na Rua Conde de Bonfim, no Rio Comprido, no Andaraí, no Engenho Novo, enfim, em todos os bairros que foram antigamente estações de repouso e prazer, encontravam-se, a cada passo, longos muros cobertos de hera, exalando melancolia e sugerindo recordações.

Nos próximos excertos, apresenta-se a uma rica descrição da dimensão material do subúrbio. Neste primeiro, Lima Barreto faz novamente a relação entre o crescimento linear

¹⁶⁰ Lima Barreto não especifica o bairro, mas pode-se inferir durante a leitura que a moradia fosse entre as estações do Meyer e Dona Clara (hoje desativada). *Somente além do Méier ou, mais precisamente, no Engenho de Dentro, é que o perfil social do subúrbio(...) adquiria características proletárias.* Fonte: Nelson da Nóbrega. *op.cit.*, p 140.

¹⁶¹ ANDREATTA, Verena Vicentini. *op.cit.*, p 175-211.

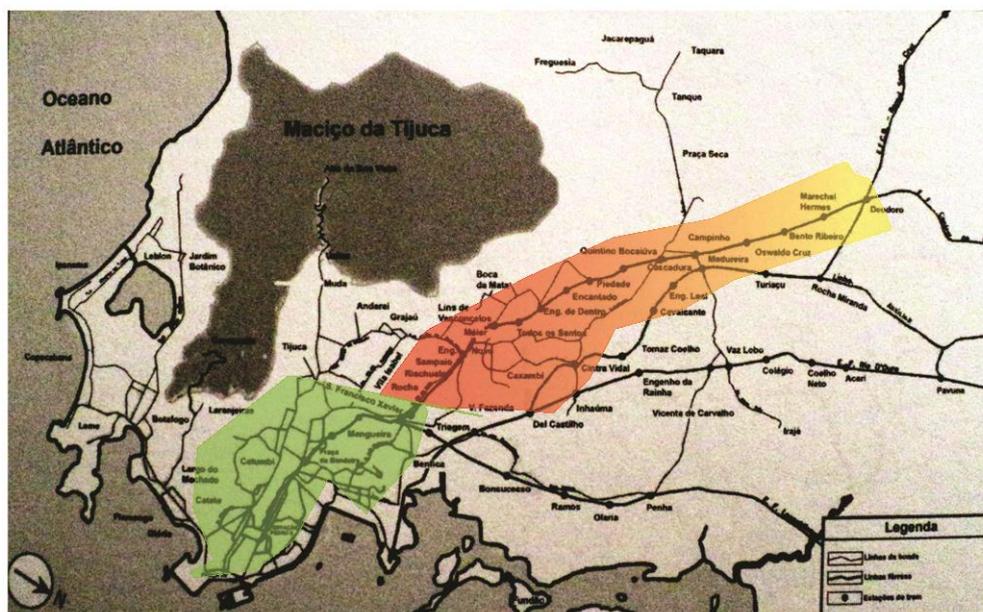




do subúrbio que acompanha a expansão da linha férrea e a topografia; entre uma estação e outra há moradias simples e isoladas e de acessos tão dificultados que não eram percebidos a primeira vista (ou por serem muito distantes, ou muito íngremes, ou muito camuflados na paisagem). O novo subúrbio é delineado na Figura 25, de acordo com a descrição de Lima Barreto (a região central permanece em verde e o distanciamento deste é representado pelo degrade em laranja):

O subúrbio propriamente dito é uma longa faixa de terra que se alonga, desde o Rocha ou São Francisco Xavier, até Sapopemba¹⁶², tendo para eixo a linha férrea da Central. (...) Para os lados, não se aprofunda muito, sobretudo quando encontra colinas e montanhas que tenham a sua expansão; mas, assim mesmo, o subúrbio continua invadindo, com as suas azinhas e trilhos, charnecas e morrotes. Passa-se por um lugar que supomos deserto, e olhamos, por acaso, o fundo de uma gruta, donde brotam ainda árvores de capoeira, lá damos com um casebre tosco, que, para ser alcançado, se torna preciso descer uma ladeirota quase a prumo; andamos mais e levantamos o olhar para um canto do horizonte e lá vemos, em cima de uma elevação, um ou mais barracões, para os quais não topamos logo da primeira vista com a ladeira de acesso.

Figura 25 – Faixa de subúrbio de acordo com Lima Barreto em Clara dos Anjos 1922



Fonte: FERNANDES. 2011, p.102.

¹⁶² Na Figura 24 apresentada no início da análise da segunda versão de Clara dos Anjos, a antiga estação de Sapopemba corresponde a estação de Deodoro.





O casario, variado em dimensões, formas e componentes (vide Figura 26) podem ser indícios do tipo de ocupação que foi sendo feita na região ao longo dos anos e intensificada com “Bota Abaixo” de Pereira Passos, “de local provisório logo se transformaram em habitação permanente”.¹⁶³ O grande crescimento e a liberdade de construção nos subúrbios e nos morros podem ser consequência dos Códigos de Postura Municipais de 1903 e 1904, cujas novas normas proibiam a construção, reconstrução, acréscimo e consertos de prédios (esta postura dirigia-se aos cortiços). Sendo assim, o subúrbio foi a alternativa para as construções de critérios amplos e materiais variados, o conjunto de algumas delas mais tarde, ficaram conhecidas como favelas.

Há casas, casinhas, casebres, barracões, choças, por toda a parte onde se possa fincar quatro estacas de pau e uni-las por paredes duvidosas. Todo o material para essas construções serve: são latas de fósforos distendidas, telhas velhas, folhas de zinco, e, para as nervuras das paredes de taipa, o bambu, que não é barato. (...) Há verdadeiros aldeamentos dessas barracas, nas coroas dos morros, que as árvores e os bambuais escondem aos olhos dos transeuntes. Nelas, há quase sempre uma bica para todos os habitantes e nenhuma espécie de esgoto. Toda essa população, pobríssima, vive sob a ameaça constante da varíola e, quando ela dá para aquelas bandas, é um verdadeiro flagelo.

Figura 26 - Favela Morro do Pinto, Rio de Janeiro – foto de Augusto Malta, 1912.



Fonte: < <http://nuevomundo.revues.org/docannexe/image/50103/img-7-small580.jpg> > acessado em 20/04/13

Barreto ironiza no trecho a seguir, em que diz que o subúrbio possui sua própria concepção de avenida, fazendo as vezes daquela projetada por Pereira Passos para o centro da

¹⁶³ KOK, Glória. *Rio de Janeiro na época da Av. Central*. São Paulo: Bei Comunicação, 2005.p.28.



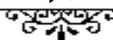


cidade. Indo de encontro às posturas municipais que proibiam a livre circulação de animais de criação e cachorros nas ruas do centro da cidade, longe das vistas das autoridades em vários aspectos inclusive na supervisão da obediência às leis, os moradores das zonas suburbanas exerciam esta contravenção livremente em suas ruas:

Afastando-nos do eixo da zona suburbana, logo o aspecto das ruas muda. Não há mais gradis de ferros, nem casas com tendências aristocráticas: há o barracão, a choça e uma ou outra casa que tal. Tudo isto muito espaçado e separado; entretanto, encontram-se, por vezes, “correrres” de pequenas casas, de duas janelas e porta ao centro, formando o que chamamos “avenida”. (...) As ruas distantes da linha da Central vivem cheias de tabuleiros de grama e de capim, que são aproveitados pelas famílias para coradouro. De manhã até à noite, ficam povoadas de toda a espécie de pequenos animais domésticos: galinhas, patos, marrecos, cabritos, carneiros e porcos, sem esquecer os cães, que, com todos aqueles, fraternizam.

Lima explica que o novo subúrbio abriga a maior parte da população da cidade, e que mesmo os moradores sendo obrigados a pagarem impostos, a receita da prefeitura nunca previa obras de melhoria para a região. É importante lembrar que esta denúncia feita por Lima Barreto sobre o mau uso das verbas públicas e o abandono do subúrbio era recorrente desde a época do governo de Pereira Passos como se verá na seção a seguir. Outro recurso utilizado por Lima Barreto para questionar a inoperância do poder público era a crítica ao movimento perdulário da população suburbana até o centro da cidade (ou até os subúrbios de luxo como Laranjeiras, ao sul da cidade) para trabalhar, para procurar emprego ou simplesmente para pedir favores (mendicância) utilizando trens e bondes sempre lotados. Se houvesse a estruturação de serviços públicos nos subúrbios como antigamente - nos tempos áureos, haveria empregos para os moradores e seria benéfico também para o transporte público que não teria tanta demanda.

Por esse intrincado labirinto de ruas e bibocas é que vive uma grande parte da população da cidade, a cuja existência o governo fecha os olhos, embora lhe cobre atrozmente impostos, empregados em obras inúteis e suntuárias noutros pontos do Rio de Janeiro. (...) Mais ou menos é assim o subúrbio, na sua pobreza e no abandono em que os poderes públicos o deixam.(...) Pelas primeiras horas da manhã, de todas aquelas bibocas, alforjas, trilhos, morros, travessas, grotas, ruas, sai gente, que se encaminha para a estação mais





próxima; alguns, morando mais longe, em Inhaúma, em Cachambi, em Jacarepaguá, perdem amor a alguns níqueis e tomam bondes que chegam cheios às estações. Esse movimento dura até às dez horas da manhã e há toda uma população de certo ponto da cidade no número dos que nele tomam parte. São operários, pequenos empregados, militares de todas as patentes, inferiores de milícias prestantes, funcionários públicos e gente que, apesar de honesta, vive de pequenas transações, do dia a dia, em que ganham penosamente alguns mil-réis. O subúrbio é o refúgio dos infelizes. Os que perderam o emprego, as fortunas; os que faliram nos negócios, enfim, todos os que perderam a sua situação normal vão se aninhar lá; e todos os dias, bem cedo, lá descem à procura de amigos fiéis que os amparem, que lhes dêem alguma coisa, para o sustento seu e dos filhos.

Ainda havia aqueles que sequer no subúrbio tinham condições de morar, por conta da rapidez da ocupação dos subúrbios os preços dos imóveis para compra e aluguel também foram elevados. Barreto chama de Maxambomba o local que hoje corresponde ao município de Nova Iguaçu; a Figura 27 a seguir é uma fração de um mapa do Estado do Rio de Janeiro, feito em 1922 mostrando a distância relativa da estação de Engenho Novo – local de moradia de Clara dos Anjos ao centro de Maxambomba. Esse é um dos poucos momentos nos romances analisados em que Lima Barreto se atém a fazer críticas ao governo federal, ainda que fosse sabido que as obras reformadoras na capital federal eram ações conjuntas do município com a União.

Toda essa gente que vai morar para as bandas de Maxambomba e adjacências, só é levada a isso pela relativa modicidade do aluguel de casa. Aquela zona não lhes oferece outra vantagem. Tudo é tão caro como no subúrbio, propriamente. Não há água, ou, onde há, é ainda nos lugarejos do Distrito Federal que o governo federal caridosamente supre em algumas bicas públicas; não há esgotos; não há médicos, não há farmácias. Ainda dentro do Rio de Janeiro, há algumas estradas construídas pela Prefeitura, que se podem considerar como tal; mas, logo que se chega ao Estado, tudo falta, nem nada há embrionário.

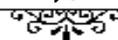
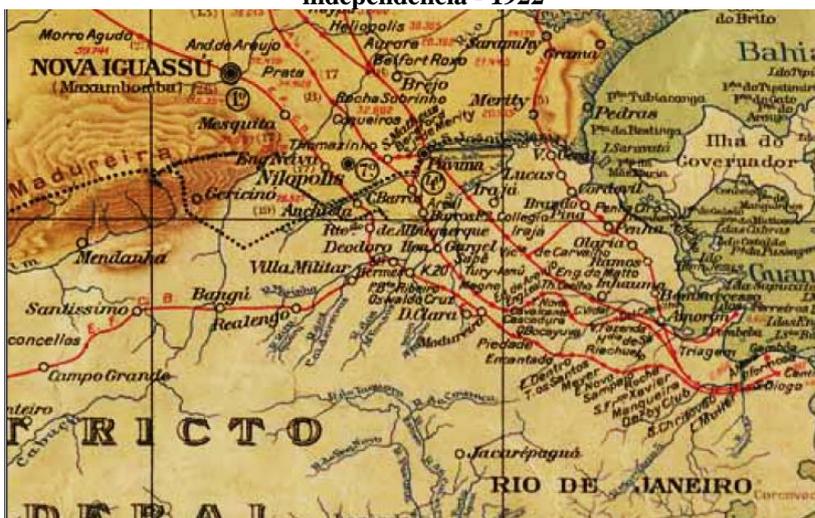




Figura 27 - Trecho da Carta Cartográfica do Rio de Janeiro em comemoração ao centenário da independência - 1922



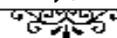
Fonte: Arquivo Digital da Biblioteca Nacional¹⁶⁴

A denúncia da pobreza novamente é contraposta pela opulência da capital que é para quem chega pelo mar, um “lindo diadema de montanhas”. Adentrando-se para o interior, Barreto descreve a zona “rural” como improdutivo e pobre. A ausência de saneamento básico a torna insalubre, o solo não permite o cultivo de nenhuma espécie e ainda que permitisse, não havia serviço de fornecimento de água, estes fatores levam ao aumento dos preços dos alimentos na região. O retrato desta região era descrito de forma diferente no século anterior, Auguste Saint- Hilaire, que em 1820, afirmou que na antiga freguesia de Inhaúma, apesar da pequena quantidade de propriedades e de cultivos “podemo-nos julgar nos arredores de uma das maiores cidades da Europa”.¹⁶⁵

O viajante que se detém um pouco a olhar aqueles campos de vegetação rala e amarelada, aqueles morros escalavrados, cobertos de intrincados carrascais, onde pasta um gado magro e ossudo, fica confrangido e triste. Não há nenhuma cultura; as árvores de porte são raras; nas casas, é raro uma laranjeira virente, nem um mamoeiro semi-espontâneo desce-lhes à entrada. (...) Os córregos são em geral vales de lama pútrida, que, quando chegam as grandes chuvas, se transformam em torrentes, a carregar os mais nauseabundos detritos. A tabatinga impermeável, o barro compacto e a falta d'água não permitem a existência de hortas; e um repolho é lá mais raro que

¹⁶⁴ Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart522717/cart522717.pdf>, acesso em: 13/04/13.

¹⁶⁵ SAINT- HILAIRE, Auguste. Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1938. p.63-65. Disponível em: <<http://www.brasiliana.com.br/obras/viagem-pelas-provincias-do-rio-de-janeiro-e-minas-gerais-t-1/pagina/63/texto>>. Acesso em: 20/02/13.





na Avenida Central. (...) O Rio de Janeiro, que tem, na frente, na parte anterior, um tão lindo diadema de montanhas e árvores, não consegue fazê-lo coroa a cingi-lo todo em roda. A parte posterior, como se vê, não chega a ser um neobarbante que prenda dignamente o diadema que lhe cinge a testa olímpica.

Após apresentar os efeitos diretos da reforma de Pereira Passos no subúrbio carioca, Lima Barreto se volta novamente para a cidade transformada. Os efeitos da remodelação no centro da cidade são apresentados pela ótica do personagem de classe média, criado por Lima Barreto: o conquistador Cassi Jones. O primeiro excerto selecionado se refere a um dos efeitos diretos da transformação da cidade por conta da construção da Avenida Central, alguns estabelecimentos comerciais tiveram de ser fechados ou porque estavam nos eixos das demolições (vide Figura 28), ou porque o comércio da região se diminuiu por conta da valorização dos novos empreendimentos nos logradouros reformados:

O pai tinha uma loja, um bazar, que ia próspero; mas, com a decadência da localidade, de que foi um dos fatores a construção da Central, o estabelecimento comercial foi decaindo.

Figura 28 - Anúncio de liquidação de estabelecimento por conta das demolições da Avenida Central



Fonte: Jornal *O Paiz*, 28/06/1903¹⁶⁶

Ainda que fosse de classe média, Cassi Jones não era frequentador do centro da cidade. De acordo com Lima Barreto, seu itinerário era limitado a algumas partes da região remodelada, o personagem normalmente não ia além do Campo de Santana, que fica em

¹⁶⁶ Jornal *O Paiz*: 28 de junho de 1903. Disponível no site Biblioteca Nacional Digital em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/cache/40818001949072/I0007908-27PX=000000PY=000000.jpg>> acesso em: 21/04/13.





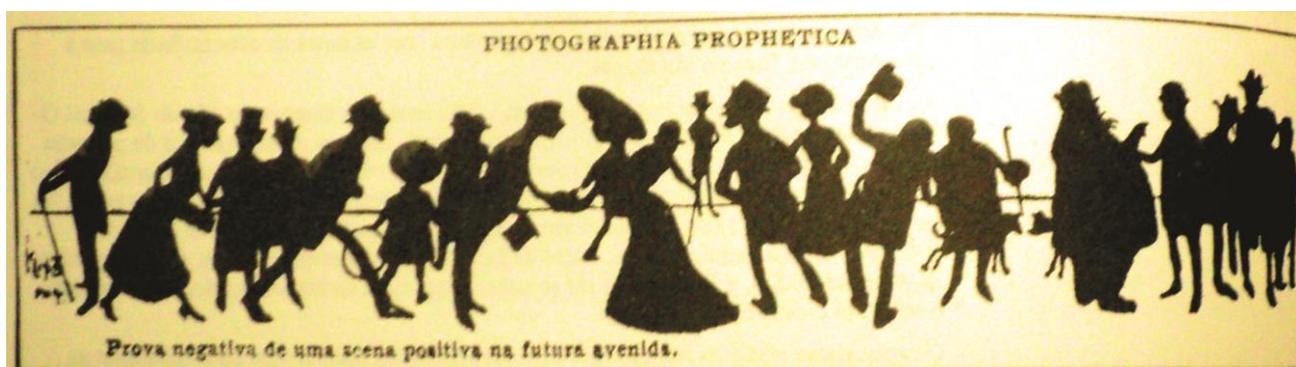
frente à estação ferroviária Central do Brasil. O excerto a seguir mostra a sensação de estranhamento do personagem ao se deparar com os tipos elegantes nas ruas. Isto provavelmente advinha não apenas da presença destes transeuntes nas vias, mas pela possível diminuição ou ausência dos tipos populares nas regiões do centro antigo por conta das posturas municipais (mencionadas anteriormente no capítulo 2) que proibiam a presença de mendigos, vendedores ambulantes e a presença de pessoas descalças e sem paletó na via pública com a intenção de modificar o tipo de transeunte que frequentaria o centro reformado da cidade, conforme previa a charge publicada na revista *O Malho*, de 1904 (Figura 29).

Raramente, vinha ao centro. Quando muito, descia até o Campo de Sant'Ana e daí não passava. Não gostava mesmo do centro. Implicava com aqueles elegantes que se postavam nas esquinas e nas calçadas. Achava-os ridículos, exibindo luxo de bengalas, anéis e pulseiras de relógio.

A sensação de estranheza que um indivíduo poderia sentir ao trafegar numa rua foi elucidada por João do Rio em *A Alma encantadora das Ruas*. A publicação de 1908 afirma que um indivíduo oriundo de um bairro como Jacarepaguá (até então um bairro de classe média na zona oeste da cidade) se sentiria estranho ao adentrar numa rua do bairro de Botafogo (zona sul):

Oh! sim, a rua faz o indivíduo, nós bem o sentimos. Um cidadão que tenha passado metade da existência na Rua do Pau Ferro não se habitua jamais à Rua Marquês de Abrantes!¹⁶⁷

Figura 29 - Charge - "Photographia Prophetica - Prova negativa de uma scena positiva na futura avenida"



Fonte: Revista *O Malho*, 23/04/1904¹⁶⁸

¹⁶⁷ RIO, João do. *A Alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008. p.17.

¹⁶⁸ *Photographia Prophetica*, Revista *O Malho*: 23 de abril de 1904. Disponível no site Casa Rui Barbosa em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/omalho/revista.asp?rev=84&ano=1904>> acesso em: 21/04/13.





Segundo crônica publicada na revista Kosmos, de 1907, esta mudança na indumentária dos transeuntes era fruto da construção da Avenida Central, entregue aos munícipes dois anos antes:

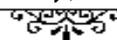
Para mim sabes a quem a Mulher de hoje deve o realce encantador da sua beleza e da sua elegancia. (...)

- A Rua, aos melhoramentos da Rua. Antigamente nos apertos do nosso velho bêco do Ouvidor, no círculo dezairozo do nosso Largo da Carioca, nem eu, nem tu, podíamos ver bem a Mulher, nem ella se nos podia mostrar com a ezigida perspectiva.¹⁶⁹

Lima Barreto faz uma pausa no trajeto do personagem pelo centro para apresentar a sensação de um suburbano no centro da cidade remodelada através de Cassi Jones (tendo em vista que este vivia nos subúrbios apesar de ser de classe média como se verá a seguir). Pode-se perceber que a sensação de não pertencimento à cidade se inicia assim que este chega ao Campo de Santana e é na chegada a este local que o romancista delimita a “área de influência” do pequeno burguês; já que no centro da cidade - ao contrário do subúrbio onde era figura notória em vários bairros - não era conhecido por seus predicados. O excerto a seguir é outro indício de que a reforma promovida por Pereira Passos criou, ao menos para os suburbanos, a sensação de existiam várias “Rio de Janeiro”. A não inserção de Cassi Jones em nenhum grupo social que frequentasse habitualmente o centro da cidade coloca o personagem suburbano como indivíduo forasteiro na própria cidade:

Cassi Jones, sem mais percalços, se viu lançado em pleno Campo de Sant'Ana, no meio da multidão que jorrava das portas da Central, cheia da honesta pressa de quem vai trabalhar. A sua sensação era que estava numa cidade estranha. No subúrbio tinha os seus ódios e os seus amores; no subúrbio tinha os seus companheiros, e a sua fama de violeiro percorria todo ele, e, em qualquer parte, era apontado; no subúrbio, enfim, ele tinha personalidade, era bem Cassi Jones de Azevedo; mas, ali, sobretudo do Campo de Sant'Ana para baixo, o que era ele? Não era nada. Onde acabavam os trilhos da Central, acabava a sua fama e o seu valimento; a sua fanfarronice evaporava-se, e representava-se a si mesmo como esmagado por aqueles "caras" todos, que nem o olhavam. Fosse no Riachuelo, fosse na

¹⁶⁹ *A Mulher e a Rua*. Revista Kosmos, novembro de 1907. Disponível no site da Biblioteca Nacional em: < http://memoria.bn.br/pdf/146420/per146420_1907_00011.pdf >, acesso em 14/04/13.





Piedade, fosse em Rio das Pedras, sempre encontrava um conhecido, pelo menos, simplesmente de vista; mas, no meio da cidade, se topava com uma cara já vista, num grupo da Rua do Ouvidor ou da avenida, era de um suburbano que não lhe merecia nenhuma importância.

Dando sequência a experiência urbana de Cassi Jones no centro da cidade, Lima Barreto apresenta as duas facetas do centro renovado. A primeira é opulenta e onírica aos olhos do suburbano de classe média – que se depara com as vitrinas de um grande magazine de luxo (Figura 30), conforme é apresentado a seguir:

Saltando na Central, não procurou bonde. Engolfou-se num filete de multidão que se alastrava em direitura à Prefeitura e marchou a pé até o "centro". Desde o Largo do Rossio, foi parando diante das montras. Entrou pela Rua Sete de Setembro e, daí em diante, foi admirando as roupas feitas - por toda a longa fachada do Parc Royal, foi parando diante das vitrines, onde havia roupas e outras peças de vestuário, para homens. Viu fraques, viu suspensórios, viu ligas, viu colarinhos, viu camisas... Que coisas lindas!

Figura 30 - "A tradicional loja Parc Royal, templo da moda na Belle Epóque carioca" - foto de Marc Ferrez 1905-1910



Fonte: KOK, 2005, p.86

A segunda faceta da cidade renovada, pouco abordada dentro das leituras até aqui realizadas, apresenta um centro da cidade com “bolsões coloniais”: ruas estreitas, imundas, com edificações estreitas que ainda tinham alcovas, frequentadas e habitadas por pessoas que



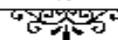


estavam “no último degrau da sociedade”. Acredita-se que esta pode ser uma indicação de que, ou parte do centro cidade ainda mantinha as mesmas características que despertaram os anseios do poder público para realizar a remodelação do centro, ou de que se trata de logradouros que tiveram seus tempos áureos antes da reforma do início do século e se degradaram com o aparecimento das grandes vias largas – mesmo 15 anos depois aonde a reforma engendrada pela prefeitura partia de uma política reformista da cidade que ia além da administração de Pereira Passos.

(...) procurou alcançar o Largo de São Francisco, atravessando aqueles velhos becos imundos que se originam da Rua da Misericórdia e vão morrer na rua Dom Manuel e Largo do Moura. Penetrou naquela vetusta parte da cidade, hoje povoada de lóbregas hospedarias, mas que já passou por sua época de relativo realce e brilho. Os botequins e tascas estavam povoados do que há de mais sórdido na nossa população. Aqueles becos escuros, guarnecidos, de um e outro lado, por altos sobrados, de cujas janelas pendiam peças de roupa a enxugar, mal varridos, pouco transitados, formavam uma estranha cidade à parte, onde se iam refugiar homens e mulheres que haviam caído na mais baixa degradação e jaziam no último degrau da sociedade. Escondiam, na sombra daquelas betesgas coloniais, nas alcovas sem luz daqueles sobrados, nos fundos caliginosos das sórdidas tavernas daquele tristonho quarteirão, a sua miséria, o seu opróbrio, a sua infinita infelicidade de deserdados de tudo deste mundo.

Para o fechamento do estudo das duas versões de *Clara dos Anjos* foram selecionados os excertos abaixo, o primeiro mapeia a região mais antiga do subúrbio carioca que, ao fim da segunda versão do romance, se torna a mais próxima do centro da cidade. Ao contrário do contexto de segregação social em que morava Clara dos Anjos, o subúrbio em que morava Cassi Jones tinha status de nobreza pelo seu histórico e por sua proximidade do centro. Conforme foi apresentado durante o romance, havia uma hierarquia decrescente com relação à infraestrutura das vias públicas e das edificações no subúrbio conforme a proximidade com as linhas de trens e bondes e por isso, o adensamento no entorno das estações era maior:

A residência dos pais de Cassi ficava num subúrbio tido como elegante, porque lá também há estas distinções. Certas estações são assim consideradas, e certas partes de determinadas estações gozam, às vezes, dessa consideração, embora em si não o sejam. O Méier, por exemplo, em si mesmo não é tido como chique; mas a Boca do Mato é ou foi; Cascadura não





goza de grande reputação de fidalguia, nem de outra qualquer prosápia distinta; mas Jacarepaguá, a que ele serve, desfruta da mais subida consideração.

O segundo excerto mostra que o histórico dos antigos moradores de um logradouro era um dos fatores que interferia em sua estruturação. Uma das explicações para o fato é que até o fim do império, o município imperial se dividia em freguesias urbanas e rurais, por isto entendia-se por subúrbios as freguesias rurais mais próximas da zona urbana.¹⁷⁰ Durante o século XIX possuir uma moradia nos subúrbios era sinal de nobreza, tendo em vista que figuras como Carlota Joaquina que ordenou que fosse construída uma residência na antiga freguesia de Inhaúma e outra na região inóspita de Botafogo, que impulsionou o primeiro surto de ocupações das áreas suburbanas, intensificados mais tarde com o aumento de linhas de trens e bondes.¹⁷¹ Sendo assim, pode-se inferir que as “ruas catitas” as quais Lima Barreto se refere, podem ser os traços destes primeiros surtos de ocupação ocorridos no século XIX.

A casa da família do famoso violeiro não ficava nas ruas fronteiras à gare da Central; mas, numa transversal, cuidada, limpa e calçada a paralelepípedos. Nos subúrbios, há disso: ao lado de uma rua, quase oculta em seu cerrado matagal, topa-se uma catita, de ar urbano inteiramente. Indaga-se por que tal via pública mereceu tantos cuidados da edilidade, e os historiógrafos locais explicam: é porque nela, há anos, morou o deputado tal ou o ministro sicrano ou o intendente fulano.

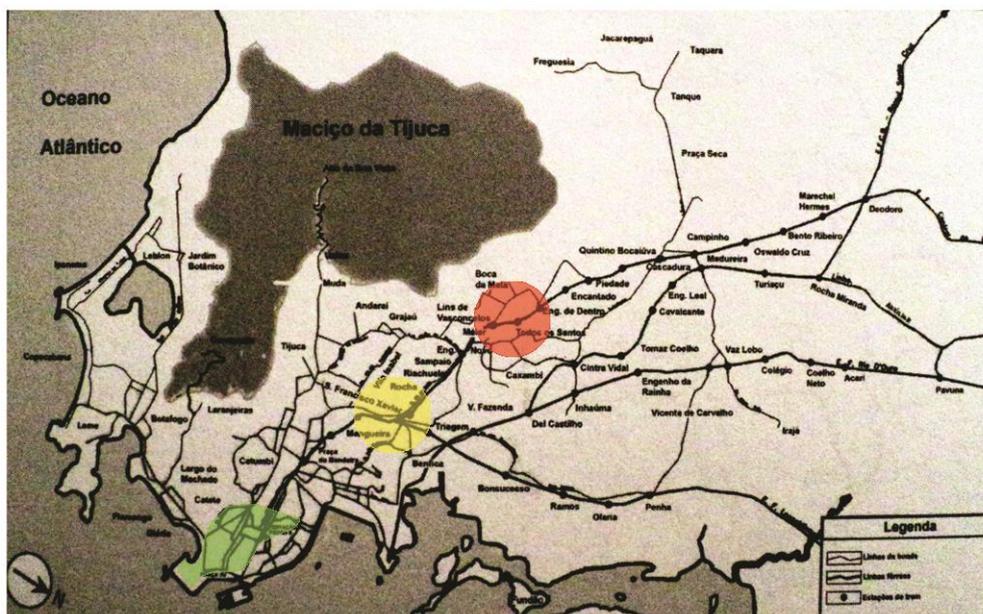
¹⁷⁰ Ibidem, p.39.

¹⁷¹ FERNANDES, Nelson da Nóbrega. op.cit.,p.55.





Figura 31 - Indicação da proximidade dos bairros dos personagens em relação ao centro - Clara dos Anjos 1922



Fonte: FERNANDES. 2011, p.102.

Por meio das descrições apresentadas por Lima Barreto ao longo das duas versões do romance, pode-se inferir que o conceito de subúrbio foi se tornando elástico nos anos seguintes à reforma de Pereira Passos. A Figura 31 mapeia a nova estratificação socioespacial dos personagens conforme a descrição de Barreto, Clara dos Anjos moraria nas proximidades da estação de trem do Engenho de Dentro (em vermelho), e Cassi Jones nas proximidades da estação do Rocha (em amarelo). Além de outros fatores que fogem ao alcance apenas na leitura dos dois romances, a modificação do status social de cada bairro ou estação de trem ao longo de 15 anos podem ter sido um dos motivos de Lima Barreto retomar o romance *Clara dos Anjos* sob uma nova distribuição espacial dos personagens na capital carioca.

Recordações do Escrivão Isaías Caminha - 1909¹⁷²

Lima Barreto começou a escrever *Isaías Caminha* em 1905, segundo Lilian Schwarcz, por pouco o romance não teria sido publicado. O autor enviou uma cópia para Portugal para que fosse publicado¹⁷³, ainda que sem a esperança de obter algum lucro ou prestígio. Contudo, a história do rapaz mestiço da província que vai para a cidade grande estudar para ser doutor e se depara com o preconceito trouxe a Lima Barreto um pouco do prestígio e

¹⁷² BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. 10ª edição. [orig. 1909]

¹⁷³ NUNES, Radamés V. op. cit., p. 111.





reconhecimento que sempre almejou, por conta da acidez de sua crítica à sociedade e da denúncia aos vícios de corrupção do poder público.¹⁷⁴

Conforme foi dito na introdução deste capítulo, optou-se por apresentar esta obra ao fim do estudo das duas versões de *Clara dos Anjos* porque a abordagem assim feita se mostrou mais proveitosa para se estabelecer a comparação entre o Rio de Janeiro de antes e após ser remodelado. Apesar de se correr o risco de criar uma ruptura na sequência cronológica da narrativa de Lima Barreto sobre a cidade em transformação, isto é pormenorizado tendo em vista que a apresentação de *Caminha* ao fim deste capítulo estabelece um vínculo com o capítulo seguinte por conta do modo como o autor apresenta as suas observações sobre a cidade. A importância do uso deste romance também se deve à relativa diferença na percepção da cidade pelo personagem Isaías Caminha quando comparada à percepção de Cassi Jones; enquanto este possuía algum status por ser de um pequeno burguês, branco, de classe média e conhecedor da cidade, aquele era pobre, mulato e alheio a capital carioca. Outro fator para o uso desta obra na análise da cidade é que a linguagem deste romance tem maior proximidade daquela utilizada em suas crônicas urbanas.

As primeiras impressões do jovem Caminha ao desembarcar no Rio de Janeiro indicam que o jovem estava diante da capital carioca ainda em meio às reformas de Pereira Passos. O desembarque na Central do Brasil, as margens do Campo de Santana mostra a cidade insalubre, suja e sem nenhum apelo estético. Lima Barreto reproduz na voz de Caminha a mesma impressão partilhada por muitos viajantes estrangeiros quando chegavam à capital carioca antes da reforma:

Na cidade longos riscos de fogo brilharam, juntos e espaçados, retos e curvos, paralelos e emaranhados... Chegamos.

Quando saltei e me pus em plena cidade, na praça para onde dava a estação, tive uma decepção. Aquela praça inesperadamente feia, fechada em frente por um edifício sem gosto, ofendeu-me como se levasse uma bofetada. Enganaram-me os que me representavam a cidade bela e majestosa. Nas ruas, havia muito pouca gente e do bonde em que as ia atravessando, pareciam-me feias, estreitas, lamacentas, marginadas de casas sujas e sem beleza alguma.

¹⁷⁴ SCHWARCZ, Lilian M. op. cit., p.38



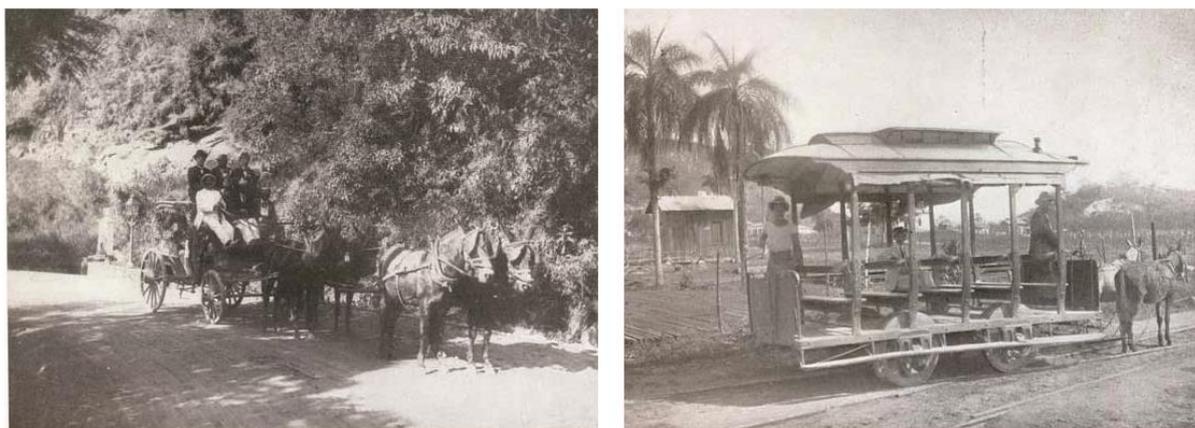


Ao longo do texto, Lima Barreto familiariza seu personagem ao cenário de transformações em que a cidade passava. Hospedado em um hotel no centro da cidade, Caminha observa a vista da janela, quando outro hóspede, um velho fazendeiro, se aproxima e este lhe aponta como a cidade mudou rapidamente. Conta ao rapaz dos aterros feitos durante o século anterior, das cenas cotidianas que foram alteradas pelas transformações políticas, sociais e estruturais na cidade e da impressionante rapidez da remodelação desta:

— Como isto está mudado! Conheci isto quando ainda era um brejo, um depósito de cisco... Havia barrancos, covas, capinzais... As lavadeiras faziam disto coradouro... (...) Está tudo mudado: Abolição, República... Como isso mudou! Então de uns tempos para cá, parece que essa gente está doida: botam abaixo, derrubam casas, levantam outras, tapam umas ruas, abrem outras... Estão doidos!!! (...)

Caminha vai à procura do senador que lhe conseguiria um cargo qualquer para que pudesse estudar e se tornar doutor como tanto desejava. Em meio às várias tentativas para encontrá-lo, Isaias vai até a moradia do parlamentar na zona sul da cidade. É apresentada aqui a diferenciação do meio transporte público ofertado na cidade nos dois excertos a seguir, no primeiro – no centro da cidade, o tráfego ainda era feito por transportes movidos à tração animal, como os bondes e as diligências¹⁷⁵; o excerto seguinte se refere à zona sul, ao sopé do Morro dos Ingleses, onde transporte era já era feito por bondes elétricos.

Figura 32 - Diligência e Bonde à tração animal.



Fonte: DUNLOP, 1955, p.141 e 145.

¹⁷⁵ As últimas diligências deixaram de trafegar em 1906. Apesar dos bondes elétricos o último bonde movido à tração animal parou de trafegar em 1928, este fazia o itinerário para a zona suburbana da cidade. Cf. DUNLOP, op. cit., p.141 e 145.





Semivazios, os bondes passavam ao chouto das bestas. Pelas calçadas, um vaivém de gente animava a praça. À direita, a grande e acaçapada fachada do quartel-general começava a recolher-se na sombra. Mulheres maltrapilhas, aos grupos, negras, mulatas, brancas, bamboleando as ancas, eram seguidas por soldados gingando. As calças pareciam mais vermelhas e as mulheres mais sujas. Um coche de enterro arrancava respeitosamente os chapéus aos transeuntes; um caminhão, pejado de fardos, por instantes interceptava a marcha dos bondes, ao desviar-se de uma andorinha que vomitava móveis, mal suspensos por cordas à sua traseira... passava tudo isto sob os meus olhos tristes e desalentados.

Ao usar o “elétrico” do bairro das Laranjeiras, nas proximidades do Largo do Machado, Caminha se sente hostilizado pelos outros passageiros, aparentemente estes se sentiam desconfortáveis e incomodados em ter que dividir espaço com o rapaz pobre e mulato na condução:

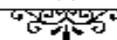
Os elétricos subiam vazios e desciam cheios. (...) Se acaso um dos viajantes dava comigo, afastava logo o olhar com desgosto. Eu não tinha nem a simpatia com que se olham as árvores (...). As plumas dos chapéus das senhoras e as bengalas dos homens pareceram-me ser enfeites e armas de selvagens, a cuja terra eu tivesse sido atirado por um naufrágio. (...) Naquela que eu ia ali, observei tanta repulsa nos seus olhos, tanta paixão baixa, tanta ferocidade que eu me cri entre *yahoos* e tive ímpetos de fugir antes de ser devorado...

Através da descrição feita por João do Rio para o típico frequentador do Largo do Machado, pode-se compreender um dos porquês da sensação de hostilidade sentida por Caminha no local, poderia ser a sua “inadequação” de indumentária:

A rua fatalmente cria o seu tipo urbano como a estrada criou o tipo social. Todos nós conhecemos o tipo do rapaz do Largo do Machado: cabelo à americana, roupas amplas à inglesa, lencinho minúsculo no punho largo, bengala de volta, pretensões às línguas estrangeiras, calças dobradas como Eduardo VII e toda a *snobopolis* do universo.¹⁷⁶

Como era um rapaz vindo da zona rural e que nunca havia sentido o preconceito por sua cor de pele e estrato social, Caminha sofre a primeira sensação de não pertencimento e de

¹⁷⁶ RIO, João do. *op.cit.*,p.17.





inadequação a certas partes da cidade. Ainda no bairro das Laranjeiras, se depara com a Igreja Nossa Senhora da Glória, assim como Cassi Jones, tem a impressão de estar em outro lugar que não o Rio de Janeiro:

No largo do Machado, contemplei durante momentos aquela igreja de frontão grego e colunas dóricas e tive a sensação de estar em país estrangeiro.

Depois de muitos percalços na trama, como ter sido preso por suspeita de roubo apenas por ser mulato, finalmente consegue uma colocação num jornal da cidade. Neste momento o personagem faz uma reflexão sobre o funcionamento da imprensa carioca criticando a maneira como as notícias eram manipuladas ao sabor dos anseios políticos e capitalistas que financiavam as publicações. Caminha também faz uma reflexão sobre o insucesso das pequenas publicações. Provavelmente o romancista estava se referindo a revista independente criada por ele em 1905 – Floreal - que teve apenas duas edições. A postura de Barreto diante à imprensa da época o colocou em posições desfavoráveis para publicar seus textos, muitas vezes era dispensado de uma redação por denunciar ou criticar o mecenas daquela publicação e este seria um dos fatores do pequeno alcance de sua obra na sociedade, tendo em vista que dificilmente conseguia emplacar uma obra num jornal de grande tiragem¹⁷⁷:

São grandes empresas, propriedade de venturosos donos, destinadas a lhes dar o domínio sobre as massas, em cuja linguagem falam, e a cuja inferioridade mental vão ao encontro, conduzindo os governos, os caracteres para os seus desejos inferiores, para os seus atrozes lucros burgueses... Não é fácil a um indivíduo qualquer, pobre, cheio de grandes ideias, fundar um que os combata... Há necessidade de dinheiro; são precisos, portanto, capitalistas que determinem e imponham o que se deve fazer num jornal... Vocês vejam: antigamente, entre nós, o jornal era de Ferreira de Araújo, de José do Patrocínio, de Fulano, de Beltrano... Hoje de quem são? A *Gazeta* é do Gaffrée, o *País* é do Visconde de Moraes ou do Sampaio e assim por diante. E por detrás dela estão os estrangeiros, senão inimigos nossos, mas quase sempre indiferentes às nossas aspirações... (...) Era a Imprensa, a Onipotente Imprensa, o quarto poder fora da Constituição!

¹⁷⁷ A relação de Lima Barreto com a imprensa é abordada por NUNES, Radamés V. op.cit., p. 58-61.

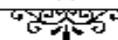




Lima Barreto continua a usar a voz de Caminha para tecer críticas ao poder público. No excerto a seguir, o personagem critica as razões que levaram a criação da postura municipal que obrigava os transeuntes a usarem sapatos (a postura municipal de fato previa o uso de calçados e de paletó), como forma de educar a população para utilizar as novas ruas; contudo, aqueles que não possuíam condições de adquirir as vestes adequadas deveriam se privar de transitar em determinados logradouros para não sofrerem punições.¹⁷⁸ Nesta descrição está mais uma das explicações pela qual em *Clara dos Anjos* de 1922, Cassi Jones não teria visto ninguém maltrapilho nas áreas remodeladas da cidade. Esta é a crítica do romancista a uma das motivações para reforma urbana que, para se igualar à capital argentina, precisariam modificar o perfil do transeunte e trabalhador das novas ruas e avenidas cariocas (Figura 33). Barreto critica também o espírito haussmanianno na cidade, que não tinha apenas o objetivo de reformá-la, mas de alcançar altos lucros com as indenizações pelas demolições e especulações sobre os terrenos:

Nascera a questão dos sapatos obrigatórios de um projeto do Conselho Municipal, que foi aprovado e sancionado, determinando que todos os transeuntes da cidade, todos que saíssem à rua seriam obrigados a vir calçados. Nós passávamos então por uma dessas crises de elegância, que, de quando em quando, nos visita. Estávamos fatigados da nossa mediania, do nosso relaxamento; a visão de Buenos Aires, muito limpa, catita, elegante, provocava-nos e enchia-nos de loucos desejos de igualá-la. Havia nisso uma grande questão de amor-próprio nacional e um estulto desejo de não permitir que os estrangeiros, ao voltarem, enchessem de críticas a nossa cidade e a nossa civilização. Nós invejávamos Buenos Aires imbecilmente. Era como se um literato tivesse inveja dos carros e dos cavalos de um banqueiro. Era o argumento apresentado logo contra os adversários das leis voluptuárias que aparecem pelo tempo: “A Argentina não nos devia vencer; o Rio de Janeiro não podia continuar a ser uma estação de carvão, enquanto Buenos Aires era uma verdadeira capital européia. Como é que não tínhamos largas avenidas, passeios de carruagens, hotéis de casaca, clubes de jogo?” (...) esforçavam-se por obter as medidas legislativas favoráveis à transformação da idade e ao enriquecimento dos patrimônios respectivos com indenizações fabulosas e especulações sobre terrenos. Os Haussmanns pululavam. Projetavam-se avenidas; abriam-se nas plantas *squares*, delineavam-se palácios, e, como

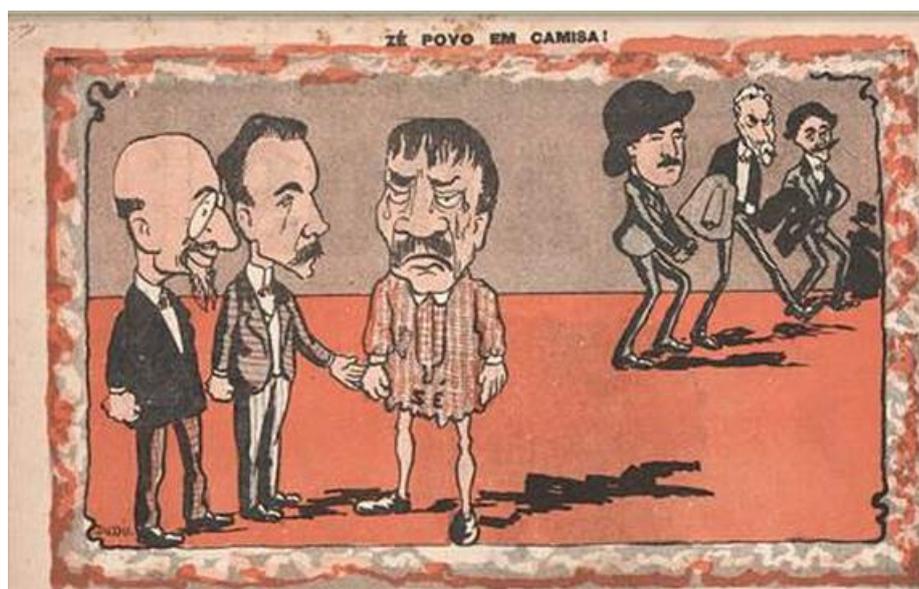
¹⁷⁸ Consta que um indivíduo chegou a ser preso por trafegar na rua por utilizar camisa sem colarinho. KOK, op.cit., p.84.





complemento, queriam também uma população catita, limpinha, elegante e branca: cocheiros irrepreensíveis, engraxates de libré, criadas louras, de olhos azuis, com o uniforme como se viam nos jornais de moda da Inglaterra. Foi esse estado de espírito que ditou o famoso projeto dos sapatos.

Figura 33 – Charge - "Zé Povo em camisa!".



O Malho, 29/10/1904.¹⁷⁹

Prosseguindo a narrativa, o jovem Caminha consegue alugar um cômodo numa casa no Rio Comprido, que fica nas proximidades de Catumbi, subúrbio central onde *Clara dos Anjos* residia na primeira versão do romance de 1904. Pela descrição, tratava-se de um típico cortiço (Figura 34), apinhado, com estrutura improvisada e pessoas de todos os tipos e origens. Tratava-se uma edificação remanescente do período colonial – conhecido como cabeça de porco - que provavelmente não entraria na linha de demolições do município pela sua distância do centro:

Durante todo esse tempo, residi em uma casa de cômodos na altura do Rio Comprido. Era longe; mas escolhera-a por ser barato o aluguel. Ficava a casa numa eminência, a cavaleiro da Rua Malvino Reis e, atualmente, os dois andares do antigo palacete que ela fora estavam divididos em duas ou três dezenas de quartos, onde moravam mais de cinquenta pessoas. (...) A casa pertencera talvez a um oficial de Marinha, um chefe de esquadra. (...) Num

¹⁷⁹ *Zé povo em camisa: "Pois não vio? A Hygiene e a Prefeitura tiraram-me os frangalhos sebtos que eu usava como calças e casaco... Fiquei nesse estado e venho queixar-me".* Jornal O Malho: 29 de outubro de 1904. – acessado em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=116300&PagFis=3567> - em 20/05/13.





cômodo (em alguns) moravam as vezes famílias inteiras e eu tive ali ocasião de observar de que maneira forte a miséria prende solidamente os homens. De longe, parece que toda essa gente pobre, que vemos por aí, vive separada, afastada pelas nacionalidades ou pela cor; no palacete, todos se misturavam e se confundiam. Talvez não se amassem, mas viviam juntos, trocando presentes, protegendo-se, prestando-se mútuos serviços. Bastava, entretanto, que surgisse uma desinteligência para que os tratamentos desprezíveis estalasses de parte a parte.

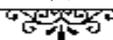
Figura 34 – Cortiço da rua do Senado visto por dentro. Foto de Augusto Malta, 1906.



Fonte: KOK, 2005, p.86

Para encerrar o estudo do romance, é apresentado outro tipo de moradia suburbana. Desta vez, trata-se de uma residência no bairro das Laranjeiras, conhecido por seu passado de nobreza e que permaneceu com este status mesmo após o advento da República e da reforma de Pereira Passos. Isto se devia ao fato de que algumas obras como a Avenida Beira-mar (Figura 35) - que interligava este e outros bairros nobres como Catete, Botafogo e Flamengo ao centro da cidade, o que permitiu que Laranjeiras permanecesse como bairro destinado às classes mais abastardas:

Voltava eu nessa tarde da casa de Veiga Filho, onde tinha ido levar umas provas. Voltava admirado de que os seus amigos, toda vez que a ele se referiam, lembrassem a grande miséria em que vivia. Não o tinha visto





assim. Morava numa casa apalaçada, numa rua do bairro das Laranjeiras, com altos e baixos, dois andares. Esperei as provas na sala de visitas, transformada em gabinete de trabalho, mobiliada com relativa opulência. Havia bronzes, divãs, mesas com incrustações de laca e charão, vasos de porcelana, estantes com guarnições de bronze... Onde estava a miséria? O Artur sempre se referia a ela e o Bilac, no seu “Registro”, lastimava-a como indicando o atraso da nossa civilização.

Figura 35 – Início da Avenida Beira-mar e Jardins da Glória.

Foto de Marc Ferrez, 1908.



Fonte: KOK, 2005, p.44.

Como conclusão parcial feita através das leituras dos três romances analisados, entende-se que a configuração do subúrbio no Rio de Janeiro foi se alterando radicalmente ao longo de sua expansão, adensamento e transformação entre o final do século XIX e início do século XX. Em menos de 20 anos após a reforma de Pereira Passos no Rio de Janeiro, o subúrbio muda de “nome” e de lugar. Se antes distinguia apenas os bairros e freguesias distantes do centro da cidade, em pouco tempo passou a ser sinônimo das regiões habitadas pelas classes proletárias. O conceito de subúrbio se torna elástico tal qual afirma Nelson da Nóbrega Fernandes¹⁸⁰ que diz que por conta das subjetividades, “as fronteiras do subúrbio são variáveis”.

¹⁸⁰ FERNANDES, Nelson da Nóbrega. *op.cit.,passim*.





Outro fator que se pode supor é que a retirada das camadas subalternas das regiões centrais da cidade não foi efeito indireto da reforma. As áreas remodeladas fossem palco da reprodução do estilo de vida europeu onde o personagem proletário era indesejado pelo conjunto de elementos que o compunham: as habitações superlotadas e insalubres, seu trabalho ambulante e nem sempre higiênico, sua indumentária tosca, sua cultura¹⁸¹ e comportamentos inadequados. Deste modo, entende-se que a reforma urbana de Pereira Passos teve efeitos diretos sobre a nova estratificação socioespacial que se consolidou nos anos seguintes à sua gestão.

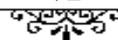
3.2 Quem conta um conto aumenta um ponto

Apresenta-se aqui a análise da cidade em transformação iniciada no tópico anterior. O uso das crônicas e contos aqui se justifica de acordo com Margarida Souza Neves que afirma que ao mesmo tempo em que os cronistas trazem à tona imagens do seu presente imediato, estes também tencionam interferir no contexto que as tornou possíveis.¹⁸² Possivelmente este é o caso da obra de Lima Barreto, foi percebido que em seus contos e crônicas ele produz uma leitura da cidade mais objetiva, dinâmica e ácida do que a leitura que ele fez em seus romances, tendo em vista que o *feedback* de uma produção jornalística é mais rápida do que a literária. Apesar de nem sempre ser uma apresentar uma crítica propositiva para a cidade, suas crônicas e contos propõe que seus interlocutores façam uma reflexão acerca da cidade em constante transformação.

Apesar de possuir um vasto temário, os excertos de sua obra aqui apresentados vão se limitar à dimensão material e as questões políticas que influenciaram diretamente na construção da nova capital federal. Para isso, serão confrontadas com charges, matérias de jornais e textos de outros literatos da época. Por meio desta comparação se apresentarão as configurações das duas cidades do Rio de Janeiro: a que estava sendo transformada por Pereira Passos e a cidade do imaginário de Lima Barreto. Deste modo, o estudo aqui apresentado complementa àquele apresentado no capítulo anterior.

¹⁸¹ As práticas da cultura suburbana (que poderia se entender como a cultura dos escravos libertos em miscigenação com todas as outras culturas estrangeiras ou regionais que compunham o suburbano), ou foram proibidas pela prefeitura ou eram mal vistas pela sociedade por serem “grosseiras” e ferirem os “bons costumes”: o entrudo, os capoeiras, o maxixe, as rodas de samba e viola. Cf. KOK, *op.cit.*, p.100.

¹⁸² NEVES, Margarida de Souza. *apud* NUNES, Radamés V. *Sobre Crônicas, Cronistas e Cidade: Rio de Janeiro nas Crônicas de Lima Barreto e Olavo Bilac – 1900-1920*. Tese. 2008. 194p. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia: maio de 2008. p.9





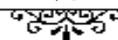
O período de demolições do governo de Pereira Passos despertou na mídia impressa a euforia pela cidade renovada. Como foi visto no capítulo 2, o jornal *O Paiz* anunciara em duas matérias de capa os projetos de demolições para a construção da nova avenida do centro da cidade e da avenida do cais do porto. A revista *Kosmos* de setembro de 1907 publicou matéria em que afirmava que a partir construção da avenida era que se começava a independência do Brasil, por isto o nome da avenida deveria ser sete de setembro porque ali era se dava ao Rio de Janeiro a alforria do status de cidade colonial:

A Avenida é o traço mais vivo, mais vigoroso dessa phase nova. Ella rompeu definitivamente o laço que nos prendia à rotina, aos prejuízos aos hábitos, aos moldes estheticos de 1822. (...) E de resto o saneamento pelo ar, pela arvore, pela beleza, que restituirá ao Rio aquella fama antiga de fonte de saúde que o cortiço e a casmurrice fizeram perder. É esta a melhor as profilaxias; e graças aos dois grandes hygienistas que se chamam Lauro Müller e Pereira Passos, a velha S. Sebastião será em anos próximos a mais deliciosa das capitães, quando o ultimo rato fugir de sob a ultima ruinaria derrubada e o derradeiro mosquito desaparecer sob a derradeira braçada de flores...¹⁸³

Com os anúncios da construção da Avenida Central chamaram a atenção de Lima Barreto não apenas para a grande via que se construiria em detrimento dos vários edifícios que estavam em seu caminho, mas foi para o desmonte de parte do morro do Castelo que suas atenções voltaram. Em meio às lendas sobre os tesouros dos jesuítas deixados nos subterrâneos do morro, as atenções de Barreto se voltaram também para a destruição das edificações que representavam a fundação da cidade. Conforme foi dito no início deste capítulo, as suas representações sobre o “começo do fim” do morro do Castelo foram registradas em forma de folhetim publicado no jornal *O Correio da Manhã* em 1905. Outra obra barretiana que faz menção ao desmonte é *Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá*, neste excerto apresentado a seguir, o protagonista vê um cenário de sua infância destruído, parte de sua memória emotiva se perdia por conta das demolições no velho Castelo:

Um dia faltou á Repartição (contou-me isso mais tarde) para contemplar, ao sol do meio-dia, um casebre do Castello, visto que cincoenta e tantos anos

¹⁸³ *Chronica*, Revista Kosmos: setembro de 1904. – Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/146420/per146420_1904_00009.pdf> Acesso em 25/05/13.





atrás, em hora igual por ocasião, de uma gazeta da aula primaria. Pobre Gonzaga! A casa tinha ido abaixo. Que dôr!¹⁸⁴

Apesar do vínculo sentimental de alguns cidadãos com aquela região da cidade ter sido ferido com o arrasamento de parte do velho Castelo, o fator de preocupação para a sociedade – ao menos parte dela, era o destino das famílias desabrigadas era pela demolição de suas residências. Em meio a tantas demolições na área central da cidade, havia uma parcela da imprensa que ficou consternada com a situação da população que seria forçadamente retirada de suas casas (Figura 36), sem perspectivas de uma nova moradia a ser oferecida pelo governo (Figura 37).

Figura 36 - Ladeira da Misericórdia. Fotografia de Augusto Malta, 1921.



Fonte: NONATO e SANTOS, 2000, p.166.

¹⁸⁴ BARRETO, Lima. Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá. São Paulo: Edição Revista do Brasil, 1919. p.56.

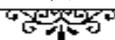
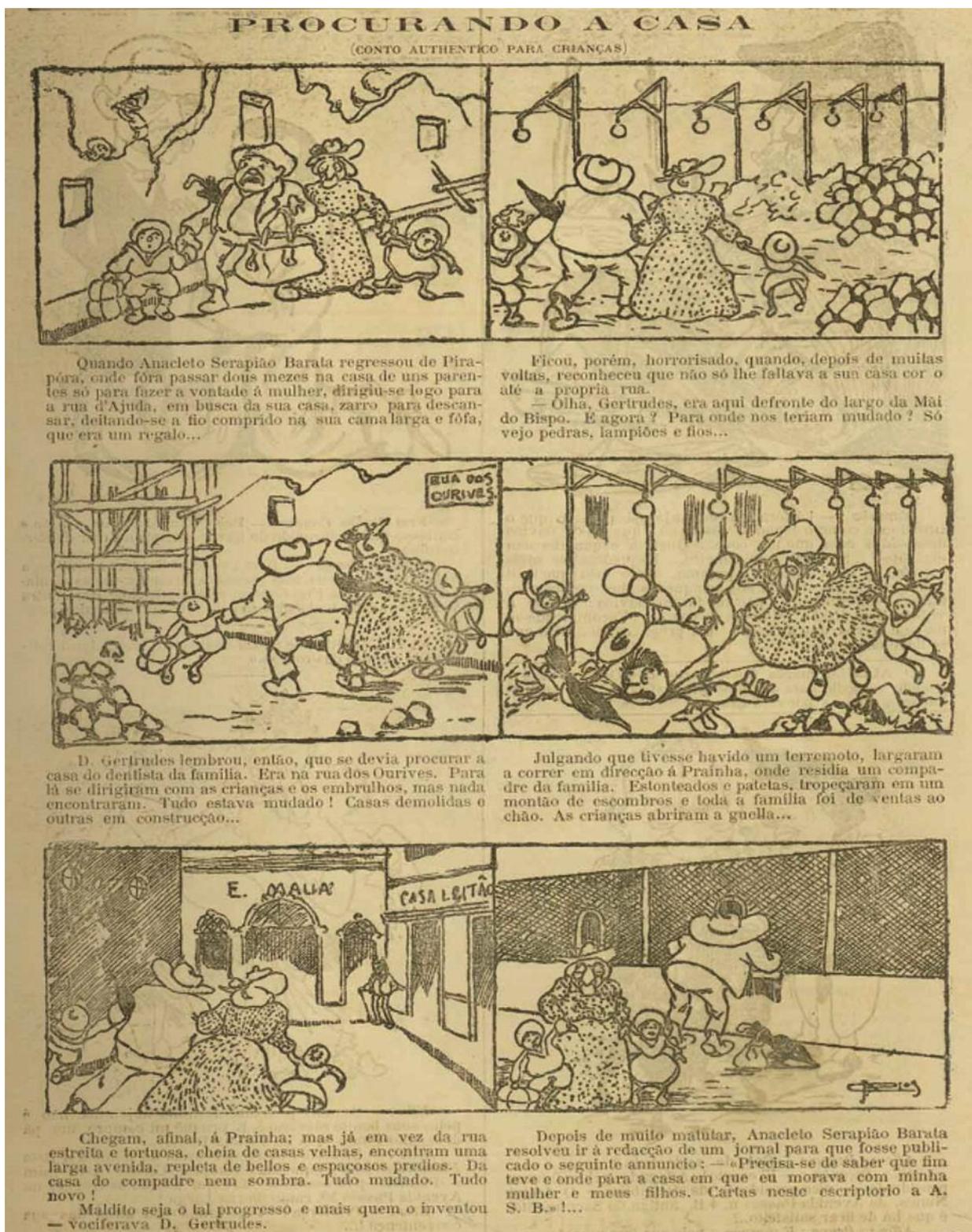




Figura 37 - Tirinha - "Procurando a casa"



Fonte: Revista O Malho, 02/04/1905.¹⁸⁵

¹⁸⁵ *Procurando a Casa*, Revista O Malho: 02 de abril de 1905. Disponível no site Casa Rui Barbosa em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/omalho/revista.asp?rev=155&ano=1905>>. Acesso em: 26/05/13.





Os jornais da época se dividiam entre louvor e condenação ao desmonte do velho Castelo, enquanto para uns era um descaso com a população pobre que ali habitava e que colocava por terra a possibilidade de se embelezar o morro com a retirada “de seu declive mais suave, onde foi o seminário”¹⁸⁶, por outro lado haviam aqueles que acreditavam que este era o mal necessário para se atingir o progresso. O escritor Olavo Bilac fazia parte deste último grupo, mesmo afirmando que possuía com o morro, ele acreditava que o seu arrasamento daria lugar à nova metrópole que se construía. No excerto da crônica apresentada a seguir, Bilac fez um passeio pelo morro, que perdia seus aspectos pitorescos diante do contexto de miséria e insalubridade dos quintais imundos com crianças nuas rolando pelo chão em meio às galinhas, das mulheres maltrapilhas, das quitandas imundas, quando este afirma que “a sensação que eu tinha era de também estar num cemitério – um cemitério dos vivos”:

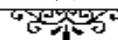
Alli via eu a cellula geradora da cidade; dali nascera, dali partira o Rio de Janeiro, a minha urbs querida...Aquellas pedras, aquellas esculpturas, aquellas inscripções têm mais de trezentos anos; o Morro do Castelo é o relicário da nossa infância e do povo(...) Agora tudo aquilo vai desaparecer, o morro está condemnado. Não lhe hão de valer razões de respeito histórico ou religioso, nem razões de economia. A cidade moderna, cosmópolis soberana precisa daquele largo espaço que ainda é tomada pela cidade colonial(...) os materiaes da metropole antiga virão servir a gloria da metrópole moderna.¹⁸⁷

As charges e outras publicações da era Passos retratam o desespero da população que não tinha para onde ir (Figura 38) e que havia sido posta de lado pelo governo diante das obras que se planejavam e construía na cidade.¹⁸⁸ Consoante a estas publicações, Lima

¹⁸⁶ Jornal A notícia: s/d. apud NONATO, José A. e SANTOS, Nubia M. Era uma vez O Morro do Castelo. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000. 2ª edição. p.217.

¹⁸⁷ BILAC, Olavo. Chronica. Jornal Gazeta de Notícias: 05/11/1905. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_04&pasta=ano%20190&pesq=Bilac>. Acesso em: 25/05/13

¹⁸⁸ O Jornal do Brasil, em 1905, cria uma série de reportagens denunciando o descaso em que se encontram as vítimas diretas das demolições. Em uma delas os operários do bairro de Engenho de Dentro denunciam a precariedade da moradia, o aumento dos aluguéis, o desemprego, a falta de comida e de água, atribuindo diretamente às reformas feitas no centro da cidade a causa destes fatores. Numa outra reportagem, um ex-ministro afirma, dentre outras coisas, que a edilidade estava deixando de lado todas as suas outras atribuições para com a sociedade e se dedicava apenas as onerosas obras de remodelação da cidade. Cf. BRENNNA, op.cit., p358-365.





Barreto descreve por meio do fantasioso país da Bruzundanga, realidade daqueles que tiveram de providenciar suas moradias por conta do descaso do governo:

Apesar do luxo tosco, bárbaro e bronco, dos palácios e “perspectivas” cenográficas, a vida nas cidades era triste, de provocar lágrimas. A indolência dos ricos tinha abandonado as alturas dela, as suas colinas pitorescas, e os pobres, os mais pobres, de mistura em toda espécie de desgraçados, criminosos e vagabundos, ocupavam as eminências urbanas com casebres miseráveis, sujos, feios, feitos de tábuas de caixões de sabão e cobertas com folhas desdobradas de latas em que veio acondicionado o querosene.¹⁸⁹

Figura 38 - Charge - "Descendo o Castello"



Fonte: O Malho, 02/09/1905¹⁹⁰

As construções feitas para a Avenida Central também foram alvo das críticas de Barreto. Não necessariamente o autor se opunha ao desenvolvimento da cidade, mas acreditava que caberia à edilidade primeiramente resolver questões mais urgentes do que se prestar a adornar a cidade e construir edifícios públicos que, no fim das contas, atenderiam apenas uma pequena parcela da população enquanto a outra continuaria perecendo com a falta de moradia e infraestrutura mínima para a habitação no subúrbio. A maior crítica de Lima

¹⁸⁹ BARRETO, Lima. *O Falso Henrique V.* apud SCHWARCZ, Lilian M. op.cit., p. 15.

¹⁹⁰ Descendo o Castello, Revista o Malho: 02 de setembro de 1905. Disponível no site da Casa Rui Barbosa em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/omalho/revista.asp?rev=155&ano=1905>>, acesso em: 20/05/13.





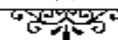
Barreto quanto às obras públicas anunciadas pelo município é que enquanto toda a população era contribuinte, a receita da cidade sempre era destinada a empreitadas que beneficiariam poucos grupos. O emprego da verba pública em obras restritas a pequenas parcelas da sociedade é tema da crônica *Botafogo e os Pró-homens* (publicado originalmente em 1920)¹⁹¹. Barreto faz ironia aos devaneios e anseios das camadas dominantes de reproduzir na capital federal aquilo que viram ou ouviram falar que existia nas capitais europeias, com o agravante de não ser uma iniciativa privada e sim uma solicitação ao governo. Inevitavelmente, a estruturação do bairro (e suas adjacências) eleva o custo de seus lotes e, por consequência, provoca a especulação imobiliária no entorno:

De uns tempos a esta parte – e isto só data dos meados da república – tomou-se dos nossos dirigentes e mais magnatas uma vaidade singular: a vaidade de Botafogo e adjacências. O resto do Rio não existe; mas paga imposto. O Rio é Botafogo; o resto é a cidade indígena, a cidade negra. Não merece a mais simples mirada... Um cidadão lembra-se que nós não temos um Chantilly, um Epson, um Palermo, isto é, um prado de corridas *comme il faut* 304 – logo ele aventa a idéia ao governo construí-lo, como se fosse coisa de utilidade geral, e concomitantemente indica o local: o Leblon – um areal! (...). Dessa forma, sem querer, eles animam os especuladores a embelezar areais à custa dos cofres públicos organizando uma verdadeira jogatina com os preços dos terrenos das restingas que eles compraram por dez réis de melcoado.

Na crônica *Uma coisa puxa a outra...II*, publicada em 1911¹⁹², Barreto critica o modo como a edilidade planejava a obra de um grande teatro, sempre com grandes custos, argumentando que serviria para estimular a população a gostar de arte dramática, mas que no fim das contas seria pouco frequentado porque o custo para se construir, manter e compensar o investimento num grande teatro é muito alto até mesmo para a rica sociedade carioca. Propõe que se faça uma obra de impacto social de longo prazo: a educação da população para a arte dramática, substituindo a construção de um grande teatro pela construção de outros menores em vários espaços da cidade que tivessem a manutenção do governo e fossem destinados às classes subalternas, posteriormente se criaria um teatro de maior capacidade de

¹⁹¹ BARRETO, Lima. *Botafogo e os Pró-homens*. In: _____. *Vida Urbana: Artigos e Crônicas*. São Paulo: Brasiliense, 1961b. 2ª edição. p.13.

¹⁹² BARRETO, Lima. *Uma coisa puxa a outra...II*. apud REZENDE, Beatriz (org). *Toda Crônica*. Volume II., p.71-72.





espectadores, mas sem luxos no centro da cidade e, por fim, se criaria um curso destinado a arte dramática, cenográfica e de representação das obras de autores famosos.

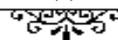
O Teatro Municipal! É inviável. A razão é simples: muito grande e luxuoso. Supondo que uma peça do mais acatado dos nossos autores provoque uma enchente, repercuta sobre a opinião, haverá no Rio de Janeiro e arredores, inclusive o Meier e Petrópolis, gente suficientemente encasacada para enchê-lo dez, vinte ou trinta vezes? Decerto não. Se ele não se encher pelo menos dez vezes, por peça, a receita dará para custear a montagem, pagar o pessoal, etc? Também não.(...)

Hão de concordar, pois, que isso de representar para duas dúzias de cadeiras simplesmente ocupadas e três camarotes abarrotados, não constitui coisa alguma e não merece sacrifício nenhum dos poderes públicos.

Armaram um teatro, cheio de mármore, de complicações luxuosas, um teatro que exige casaca, altas *toilettes*, decotes, penteados, diademas, adereços, e querem com ele levantar a arte dramática, apelando para o povo do Rio de Janeiro.

Não se tratava bem de povo, que sempre entrar nisso tudo como Pilatos no Credo. Eternamente ele vive longe tentamens e não é mesmo nele que os governantes pensam quando coitam dessas cousas; mas vá lá; não foi para o bem do povo; foi para o chefe de seção, o médico da higiene, o engenheiro da prefeitura, gente entre seiscentos mil-reis mensais e cento e pouco. Pelo amor de Deus! Os senhores vêm logo que essa gente não tem casaca e não pode dar todo mês uma *toilette* a cada filha, e também à mulher!(...)

Se o governo municipal tivesse sinceramente o desejo de criar o teatro, a sua ação, para ser eficaz, devia seguir outro caminho. Vamos ver como. Primeiro: criar na Saúde, na Cidade Nova, no Engenho de Dentro, em Botafogo, pequenos teatros; entregava-os a pequenas empresas, que, mediante módica subvenção, se obrigassem a representar, para a população local (em Botafogo era só para os criados, empregados, etc), os Sete degraus do crime, O remorso vivo, Os dois garotos, além de mágicas, pequenas revistas e outras trapalhadas. Nesse primeiro ciclo teatral, devia entrar o Circo Spinelli, o único atestado vivo do nosso espontâneo gosto pelo teatro.





Bem: agora o segundo. Construía a edilidade um pequeno teatro cômodo, mas sem luxo no centro da cidade e entregava-o a uma companhia mais escolhida (...). Este teatro receberia sua subvenção, é claro.

Tenhamos desse modo o ensino primário e secundário teatral; então com o tempo, depois de ter assim este mudado o gosto pelo palco, poderíamos criar o ensino superior, porque não só a as vocações iriam aparecendo, como também o hábito de ir ao teatro espalharia o gosto pela casaca. O ensino superior consistiria no ensino da arte de representar, de cenografar, e nas representações de Shakespeare, de Racine, de Ibsen (...).

Não acham justo o programa? Pode ser que tenha defeitos, mas uma qualidade tem: pretende esquecer o edifício pelos alicerces.

Prosseguindo com o mesmo tema, a crônica *O Conselho Municipal e a Arte* (também publicado originalmente em 1920)¹⁹³ faz uma crítica ao uso da verba pública. Desta vez o “agravante” é o suposto esquema de corrupção que o Prefeito Pereira Passos teria feito para que seu filho fosse o responsável pelas obras do Teatro Municipal:

(...) Veio o Passos e tratou de construir o teatro. A justificativa de tal construção era a educação artística do povo; Passos, porém, com quem menos se incomodava, era com o povo. (...) Tinha um filho que se fizera engenheiro de pontes e calçadas em Dresden e entendia tanto de alta arquitetura como eu de sânscrito; mas não fazia mal. Havia de ser ele mesmo o autor do projeto premiado e o construtor, para enriquecer nas comissões de fornecimentos.(...) Está aí como nasceu aquele estafermo do começo da avenida, cujas colunas douradas dão-lhe grandes semelhanças com os coches fúnebres de primeira classe.

No Jornal do Comércio de 1906¹⁹⁴, são referidos os custos das principais obras de Pereira Passos no município. Para a construção do teatro foi aberta uma concorrência que tinha como condição que o orçamento máximo da obra fosse de 1.500:000\$ de réis, dentre os sete projetos apresentados o vencedor foi o do engenheiro Francisco de Oliveira Passos – filho do prefeito - que tinha um orçamento de 3.650:000\$. Apesar de ter afixado o orçamento do Teatro Municipal, foram feitos sucessivos decretos do Conselho Municipal autorizando o

¹⁹³ BARRETO, Lima. *O Conselho Municipal e a Arte*. In: _____. *Vida Urbana: Artigos e Crônicas*. São Paulo: Brasiliense, 1961b. 2ª edição. p.112.

¹⁹⁴ Jornal do Comércio: 11 de novembro de 1906. *apud* BRENNNA, *op.cit.* p.539-543.





prefeito a solicitar empréstimos cada vez maiores, e o custo final da obra foi para 6.600:000\$. O primeiro decreto já solicitava o dobro do valor orçado para a obra. Juntamente a todas as suspeitas de superfaturamento das empreitadas, havia a suspeita de que o prefeito estava se beneficiando diretamente das obras públicas da cidade.

O Prefeito fez um empréstimo de quatro milhões de libras para embellezar a cidade, e a preocupação principal e quasi exclusiva do seu programma é a abertura de ruas, que determinam as construcções em massa e a excitação descommunal dos negócios de material, em que ele se acha envolvido. Eis ahi a razão por que o público tem que ver com a prosperidade da serraria Passos.¹⁹⁵

A preocupação com o dinheiro público ia além do gasto excessivo e indevido. Segundo Brenna, alguns jornais de menor expressão como o *Correio da Manhã*¹⁹⁶, publicaram uma série de reportagens que, além do assunto anterior também tratava dos erros técnicos das obras executadas na cidade. A Figura 39 mostra a manchete da série de reportagens sobre as obras encabeçadas pelo engenheiro Lauro Muller, durante a reportagem foi dito que “já temos a Avenida errada, agora aparece a queda das muralhas do Mangue”:

Figura 39 – Engenharia á Muller - série de reportagens sobre os erros técnicos e "esbanjamentos" do dinheiro publico.



Fonte: *Correio da Manhã*, 18/10/1905¹⁹⁷

Além da equipe da prefeitura que era responsável pelas obras da cidade, Lima Barreto também apontava o Clube de Engenharia como responsável por algumas das imperícias que se espalhavam pelas obras públicas na cidade. Na publicação intitulada *O Clube da*

¹⁹⁵ *Jornal do Comércio*: 12 de fevereiro de 1906. *apud* BRENNNA, op.cit. p.435.

¹⁹⁶ O *Jornal Correio da Manhã* tinha sido fundado com a função de combater o governo, mas isto foi se alterando ao longo de sua história. Cf. NUNES, Radamés V. *op. cit.*, p. 109.

¹⁹⁷ *Engenharia a Muller*. *Correio da Manhã*: 18 de outubro de 1905. Disponível no Biblioteca Nacional Digital em: < http://memoria.bn.br/pdf/089842/per089842_1905_01560.pdf>. Acesso em: 20/05/13





Engenharia (publicado em 1918)¹⁹⁸, Barreto afirma que os membros do clube – dentre eles Paulo Frontin, engenheiro do Governo – não mereciam ter título de engenheiros, dados os malfeitos de seus serviços manifestados na própria construção de sua sede, que desabou em 1906 (Figura 40). Afirma que a instituição é “merecida das maiores vergonhas administrativas do Brasil”, não apenas pelo mau exercício de seu ofício como aos atos de corrupção os quais alguns membros estavam relacionados:

Conheço bem esse pessoal de engenheiros. Eles são completamente indignos de semelhante título. São puros niveladores e levantadores de plantas – agrimensores. (...) E quando aqueles velhos gamenhos da porta do Clube de Engenharia, dessa engenharia de que eles fazem parte e com a qual conseguiram fazer desabar-lhes o edifício duas ou mais vezes, lerem isto e rirem-se, eu lhes direi que: *Rira mieux qui rirale dernier*¹⁹⁹.

As “lendas” sobre a Avenida Central não ser retilínea como se propunha, as constatações de deformidades do muro de arrimo do Canal do Manguê juntamente com o escândalo do desabamento da sede do Clube de Engenharia colocou parte da opinião pública em consonância com Lima Barreto:

Quando ha dias começou a circular pela cidade a sensacional noticia de haver o desabamento do edificio que o Club de Engenharia mandara construir, sob sua fiscalização, na Avenida Central, a primeira impressão foi (...) piedade pelas victimas, mortos e feridos (...), piedade ainda, por nossa já tão pouca acreditada engenharia governista mais que recebia, naquelle facto desastroso, um fundo golpe da sua capacidade technica. (...) O próprio edificio do Club de Engenharia, que haveria de ser, na nossa grande artéria, um modelo para todas as construcções e que valeria por um atestado de competência dos nosso engenheiros, é aquele mesmo que, feito sem resguardos da sciencia, sob as vistas causa sinão o desleixo, a inépcia, a ganancia ou tudo isto reunido?²⁰⁰

¹⁹⁸ BARRETO, Lima. *O Clube de Engenharia*. In: _____. *Vida Urbana: Artigos e Crônicas*. São Paulo: Brasiliense, 1961b. 2ª edição. p.68.

¹⁹⁹ Do francês, a expressão significa “ri melhor quem ri por último”.

²⁰⁰ Os Culpados pelo Desmoronamento, *Correio da Manhã*: 21/02/1906. Apud BRENNNA, op. cit., p.454.





Figura 40 - Desabamento do Clube de Engenharia. Fotografia de Malta, 1906.



Fonte: BRENNNA, 1985, p.455.

Através das manifestações da imperícia da equipe técnica que executava as obras, Lima Barreto também criticava a construção da nova cidade através deste grupo de engenheiros e dos administradores do município. Estava se construindo uma cidade “catita”, mas que não atendia as suas demandas antigas, como os alagamentos nas ruas provocados pelas chuvas, fossem elas mais ou menos intensas. A cidade do Rio de Janeiro sofria com as enchentes em sua zona urbana há muitos anos (Figura 41) - provavelmente a parte da cidade ter sido edificada sobre várzeas aterradas.²⁰¹ A crônica *As Enchentes*, de 1915, relaciona à má administração e omissão do poder público para sanar os efeitos da chuva através de uma infraestrutura adequada. Este é mais um caso de crítica direta à equipe de Engenharia que realizou os projetos e obras da Reforma Urbana da era Pereira Passos, mesmo tendo sido publicada anos depois:

O Rio de Janeiro, da avenida, dos *squares*, dos freios elétricos, não pode estar à mercê de chuvaradas, mais ou menos violentas, para viver a sua vida

²⁰¹ Um temporal que transforme a cidade do Rio de Janeiro em Veneza não é, como se sabe, fato extraordinário nem tampouco novidade nos dias de hoje. Cf. DUNLOP, *op.cit.*, p.51.





integral. Como está acontecendo atualmente, ele é função da chuva. Uma vergonha! Não sei nada de engenharia, mas, pelo que me dizem os entendidos, o problema não é tão difícil de resolver como parece fazerem constar os engenheiros municipais, procrastinando a solução da questão. O Prefeito Passos, que tanto se interessou pelo embelezamento da cidade, descurou completamente de solucionar esse defeito do nosso Rio. Cidade cercada de montanhas e entre montanhas, que recebe violentamente grandes precipitações atmosféricas, o seu principal defeito a vencer era esse acidente das inundações. Infelizmente, porém, nos preocupamos muito com os aspectos externos, com as fachadas, e não com o que há de essencial nos problemas da nossa vida urbana, econômica, financeira e social.²⁰²

Figura 41 - Alagamento da Rua do Senado. Fotografia de autor desconhecido, 1909.



Fonte: Fonte: DUNLOP, 1955, p.51.

Lima Barreto criticava a iniciativa de algumas obras que tiveram princípio no governo de Pereira Passos e que foram concluídas ou expandidas anos depois, um destes casos está na crônica *A Revolta do Mar*²⁰³. Assim como as chuvas tinham um histórico de transtornos causados na cidade, as ressacas também ganharam este peso com as obras da Avenida Beira-

²⁰² BARRETO, Lima. *As Enchentes*. In: _____. *Vida Urbana: Artigos e Crônicas*. São Paulo: Brasiliense, 1961b. 2ª edição. p.27.

²⁰³ BARRETO, Lima. *As Enchentes*. In: _____. *Vida Urbana: Artigos e Crônicas*. São Paulo: Brasiliense, 1961b. 2ª edição. p.132-133.





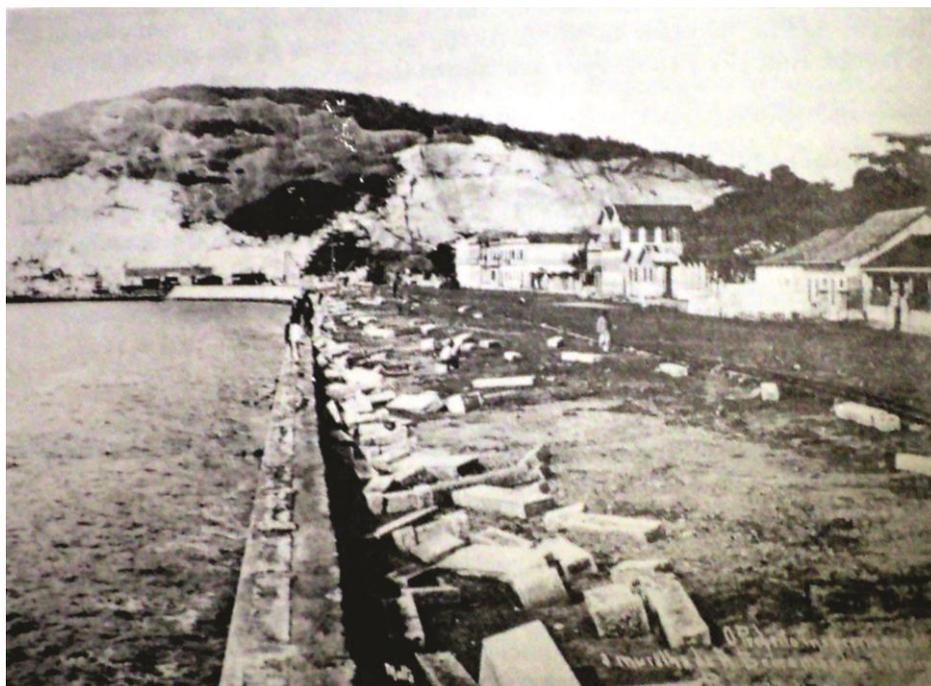
Mar, uma de maiores obras de Pereira Passos – que por conta dos efeitos de uma ressaca em 1906, teve de refazer parte da muralha ainda em construção (Figura 42). Apesar do texto aqui apresentado se referir a uma ressaca ocorrida em 1921, Barreto faz referência aos motivos que principiaram as obras da Avenida Beira-Mar, que. O cronista retoma a crítica ao emprego da verba pública, da ineficiência técnica, da atuação do governo em causa própria por conta da estruturação de uma área nobre da cidade quando outras demandas, como a do subúrbio, eram mais urgentes:

A última e formidável ressaca que devastou e destruiu grande parte da Avenida Beira-Mar merece considerações especiais que não posso deixar de fazer. (..) O mar, como a vida humana, não podia deixar de ser também um bom campo às suas “cavações” ou “escavações” e trataram de explorá-lo. De há muito que ele havia marcado os seus limites com a terra; de há muito que ele dissera a esta: o teu domínio para aí e daí não passarás. Tais homens, porém, embotados pela sede de riquezas não perceberam bem isto; e, a pretexto de melhoramentos e embelezamentos, mas, na verdade, no intuito de auferirem gordas gratificações de banqueiros, trataram de estrangulá-lo, de aterrá-lo com lama. Diziam eles que tal faziam, para tornejar belos passeios, como se o mar por si só não fosse beleza. (...) Tomaram-se de audácia e foram levando além o propósito de comprimir o mar, a fim de ganharem boas gorjetas. O mar nada disse e deixou-os, por alguns meses, encherem-no de lama. Um belo dia, ele não se conteve. Enche-se de fúria e, em ondas formidáveis, atira para a terra a lama com que o haviam injuriado.





**Figura 42 - O Prefeito inspeciona a muralha feita na Avenida Beira-Mar.
Fotografia de Augusto Malta, 1906.**



Fonte: BRENNA, 1985, p.478.

Em meio a todos estes gastos públicos em grandes obras nas áreas centrais e nos subúrbio “nobres” na zona sul da cidade, retomamos a questão da classe proletária que sofria os efeitos de uma remodelação urbana que pouco fazia por ela. A crítica de Lima Barreto tomava corpo, talvez não por um efeito direto de seu discurso na sociedade, mas porque a situação estava clara diante de toda ela:

Decreto do Prefeito nº590, de 9 de março, abre o crédito especial de 250 contos para a compra de terrenos e construção de casas para os operários.²⁰⁴

Decreto do Prefeito nº613, de 5 de junho, abre o crédito extraordinário de 900 contos para as despesas de renovação do calçamento da cidade.²⁰⁵

Decreto do Prefeito nº619, de 1º de agosto, abre o crédito extraordinário de 1600 contos “para conclusão das obras do Theatro Municipal”.²⁰⁶

Os decretos apresentados anteriormente mostravam não apenas do mínimo valor que a prefeitura disponibilizava para as habitações dos operários, mas também que assim como afirmou Lima Barreto em *Uma coisa puxa a outra...II*, havia um grande montante disponível,

²⁰⁴ Boletim da Imprensa Municipal, 1906. Apud. BRENNA, op.cit, p.463.

²⁰⁵ Boletim da Imprensa Municipal, 1906. Apud. BRENNA, op.cit., p.484.

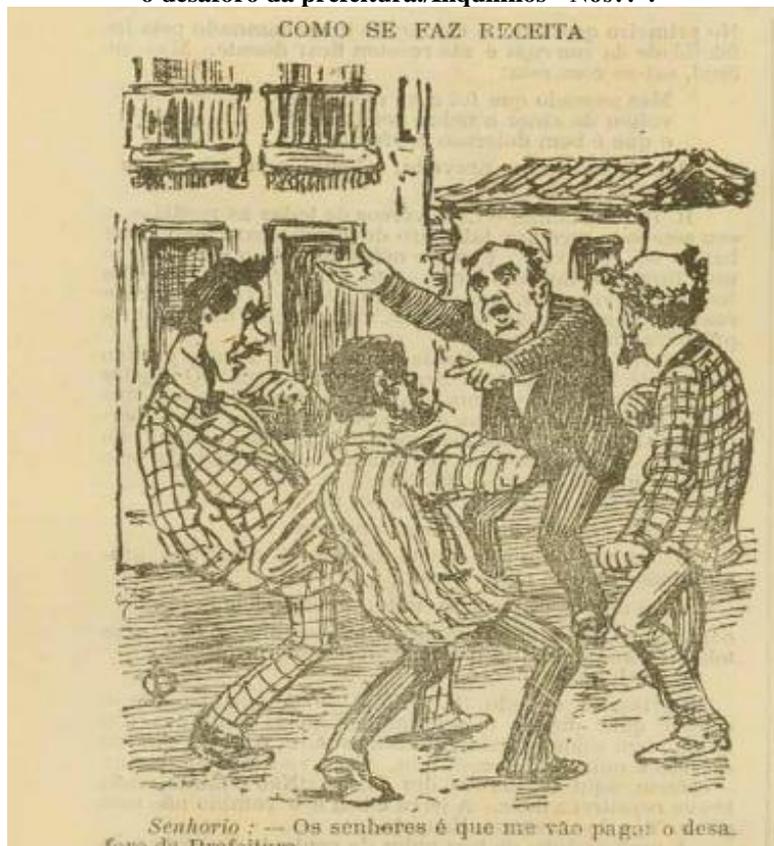
²⁰⁶ Boletim da Imprensa Municipal, 1906. Apud. BRENNA, op.cit., p.500





mas que era mal empregado. A grande procura por moradia elevou os custos dos aluguéis de casas e de cômodos (Figura 43). Algumas casas de cômodo não foram demolidas porque não estava no eixo de demolições da cidade tal qual a que o personagem *Isaiás Caminha* residia.

Figura 43 - Charge – “Senhorio - Os senhores é que me vão pagar o desaforo da prefeitura./Inquilinos - Nós?!”.



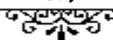
Fonte: Revista *O Malho*, 30/09/1905.²⁰⁷

O aumento do valor dos aluguéis foi um tema abordado por Lima Barreto em, ao menos, duas crônicas. A primeira aqui apresentada, *Variações*²⁰⁸, publicada em 1922, relaciona o aumento do valor dos aluguéis com a “superfluidade” da prefeitura.

Atualmente, nada mais mete medo a um pobre-diabo que a tal história de aluguel de casa: (...) Um amigo, muito meu amigo mesmo, paga atualmente, nos confins dos subúrbios, o avantajado aluguel de duzentos e cinco mil-réis por uma casa que, há dois anos, não lhe custava mais de cento e cinquenta mil-réis. Para melhorar um tão doloroso estado de coisas, a prefeitura põe

²⁰⁷ Disponível em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/omalho/revista.asp?rev=159&ano=1905>>, acesso em: 20/05/13.

²⁰⁸ BARRETO, Lima. *Variações*. In: _____. Toda Crônica. Volume II. REZENDE, Beatriz (org)..., p.484-485.





abaixo o Castelo e adjacências, demolindo alguns milhares de prédios, cujos moradores vão aumentar a procura e encarecer, portanto, ainda mais, as rendas das habitações mercenárias.(...) Fala-se, por exemplo, na vergonha que é a Favela, ali, numa das portas de entrada da cidade - o que faz a nossa edibilidade? Nada mais, nada menos do que isto: gasta cinco mil contos para construir uma avenida nas areias de Copacabana. (...) De forma que a nossa municipalidade não procura prover as necessidades imediatas dos seus munícipes, mas as suas superfluidades. (...) O que parece atualmente é que o governo, seja municipal, seja federal, é impotente para resolver a carestia da vida e o encarecimento exorbitante dos alugueis de casas.

O Jornal do Commercio de 1905 publicou uma matéria de opinião em que dizia que se sabia que a reforma agravaria a situação da moradia para a população, mas que a reforma era inevitável:

(...) mas em face de uma necessidade actual da população desta cidade, necessidade que tem de ser attendida custe o que custar, porque é evidente que a população não ha de procurar abrigo em barracas armadas na praça pública. A realização do plano de melhoramentos da cidade traçado pelo Sr. Prefeito trouxe esta consequência, que era, alias, inevitável. É sabido que um enorme numero de grandes e antigos prédios, existentes no coração da cidade, estavam já transformados em casas de commodos que abrigavam grande numero de pessoas: esses prédios estão destruídos por efeito de alargamento dessas ruas. Por outro lado, tem-se condemnado interdicto grande numero de estalagens, cortiços e outras habitações collectivas. (...) Se quando existiam largamente esses antros e pocilgas, onde a tuberculose havia podido fazer, durante longos annos de indiferença d poder público, o seu ninho nefasto, a crise da habitação subsistia, pode-se imaginar o quanto ella se agravou, agora nem mesmo isso existe!(...)

Basta dizer isto para se imaginar a que gráo terá attingido a dificuldade dos que vivem dos pequenos salários: os operários, os pequenos empregados do commércio, os funcionários públicos nos grãos inferiores da carreira, os militares de patente modesta.(...)²⁰⁹

Se o excerto anterior suscita a dúvida se era situação de calamidade da população sem moradia que causava preocupação, a crônica de Olavo Bilac na Revista Kosmos confirma que

²⁰⁹ *A pedido*, Jornal do Commercio:18 de junho de 1905. Apud BRENNNA, *op.cit.*, p367.





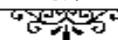
a preocupação se fundamentava na incompatibilidade de uma cidade embelezada, renovada, com a presença de um “monstruoso anacronismo” representado pela circulação dessa população nas novas vias. Assim como João do Rio afirmava que cada indivíduo possuía uma rua aonde lhe cabia, Bilac partilhava do mesmo pensamento e demonstrava o imenso desconforto que sentia com a presença dos populares na sua “cosmópolis soberana” recém construída:

E devo confessar que nunca a festa da Penha me pareceu tão barbara como este anno. É que esses carros e carroções, enfeitados com colchas de chita, puxados por muares ajaezados de festões, e cheios de gente ebria e vociferante, passeiando pela cidade a sua escandalosa bruéga; (...) - todo esse espectáculo de desvairada e bruta desordem ainda se podia compreender no velho Rio de Janeiro de ruas tortas, de betesgas escuras, de becos sórdidos. Mas no Rio de Janeiro de hoje, o espectáculo chóca e revolta como um disparate...Num dos últimos domingos, vi passar pela Avenida Central um carroção atulhado de romeiros da Penha: e naquelle amplo boulevard esplendido, sobre o asfalto polido, entre as fachadas ricas dos prédios altos, entre as carruagens e os automóveis que desfilavam, o encontro do velho vehiculo, em que os devotos bêbedos urravam, me deu a impressão de um monstruoso anachronismo: era a ressurreição da bararia, - era a idade selvagem que voltava, como uma alma do outro mundo, vindo perturbar e envergonhar a vida da idade civilizada...²¹⁰

Para compor a representação da dimensão material da cidade por Lima Barreto, são apresentadas a seguir as crônicas *As Fachadas* (1904) e *O Convento* (1911). Na primeira crônica, Lima Barreto estabeleceu suas impressões sobre o Concurso de Fachadas sediado na Escola de Belas-Artes, promovido pela Comissão Construtora da Avenida Central. A partir desta crônica pode-se apreender parte da representação de Barreto sobre a nova arquitetura que se construiria na cidade:

O logo que lança o olhar pelas paredes da sala um largo olhar é o predomínio do clássico, nas suas várias formas, inclusive o Renascimento. Houve, é bom

²¹⁰ BILAC, Olavo. “Chronica”, Revista Kosmos, outubro de 1906. Disponível no site da Biblioteca Nacional Digital em: <http://memoria.bn.br/pdf/146420/per146420_1906_00010.pdf> . Acesso em: 18/05/13.





notar, um esquecimento *das* estilos orientais. O bizantino, o persa, o não têm sequer um croquis para representar.(...) E não era de esperar outra coisa. Sobre sermos nós um povo sem uma modalidade de arte própria, argumentava para que lá se desse a predominância de artistas estrangeiros, especialmente italianos, como sendo autores da maioria dos projetos.²¹¹

A segunda crônica, *O Convento*²¹², se refere à demolição do último remanescente *colonial* dentro da Avenida Central: O Convento D’Ajuda. A partir desta crônica, Barreto protesta contra a demolição do antigo edifício que foi construído, segundo o próprio, entre os anos 1748 e 1750. Os excertos apresentados a seguir são as argumentações de Barreto para que a demolição do convento não fosse executada. O primeiro se refere à volatilidade do conceito de beleza através das épocas e que isto não justificaria a demolição do antigo edifício, tendo em vista que se sua beleza naquele momento não era mais aprazível:

Houve um grande contentamento nos arraiais dos estetas urbanos por tal fato. Vai-se o monstrengo, diziam eles (...). Eu sorri de tão santa crença, porque, se o Convento da Ajuda não é tão bonito como o Teatro Municipal, tanto um como outro não são belos. A beleza não se realizou em nenhum dos tais edifícios daquele funil elegante [a Avenida]; e se deixo o Teatro Municipal, e olho o Club Militar, a monstruosa Biblioteca, a Escola de Belas-Artes, penso de mim para mim que eles são bonitos de fato, mas um bonito de nosso tempo, convento o foi dos meados do nosso século XVIII. (...) O bonito envelhece, e bem depressa; e eu creio que, daqui a cem anos, os estetas urbanos reclamarão a demolição do Teatro Municipal com o mesmo afã com que os meus contemporâneos reclamaram a do convento.

Barreto aponta para a necessidade da preservação do convento justificada pela importância da memória inscrita nestes “anais de pedra” para retratar a cidade do passado. Pessoalmente, o autor era indiferente à manutenção das lembranças físicas do passado pelos sentimentos negativos que elas lhe despertavam, contudo, ele não negava a importância da preservação do que algumas décadas depois seria chamado de patrimônio histórico – conceito

²¹¹ BARRETO, Lima. Fachadas. In: _____ . SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org). *Contos Completos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p.584-585.

²¹² BARRETO, Lima. O Convento. In: _____ . RESENDE, Beatriz (Org). *Toda Crônica: Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Agir, 2004.p.99-100.





institucionalizado no Brasil com a criação do IPHAN²¹³ em 1937, no governo de Getúlio Vargas.

Com as minhas ideias particulares posso passar sem o passado e sem a tradição; mas os outros, aqueles que, diariamente, contam nos jornais histórias do açougue dos jesuítas, anedotas do Príncipe Natruza e outras coisas edificantes e épicas, como é que deixam desaparecer sem uma lagrima, aquele velho monumento (...)? De resto, não se pode compreender uma cidade sem esses marcos de sua vida anterior, sem esses anais de pedra que contam a sua história.

Barreto retoma a crítica à reforma feita no Rio de Janeiro como reprodução do que havia sido feito na capital argentina. A crítica pode ser vista como uma retomada daquilo que o autor havia dito em 1909 através de Isaías Caminha:

A capital da argentina não nos deixa dormir. Há conventos de fachada lisa e monótona nas suas avenidas? Não. Então este casarão deve ir abaixo. O Passos quis, o Frontin também; mas a desapropriação custaria muito e recuaram.(...) Esse furor demolidor vem dos forasteiros, dos adventícios, que querem um Rio-Paris barato ou mesmo um Buenos Aires de tostão.

Para concluir este estudo, apresenta-se a crônica *Urbanismo e Roceirismo*, publicada originalmente em 1921. Aqui se resume a visão que Lima Barreto tinha sobre as transformações da cidade. O texto questiona as medidas tomadas pelo governo para sanar a crise de superpopulação na cidade e a falta de mão de obra no campo que implicariam basicamente na mudança dos trabalhadores da indústria na cidade e deslocassem (ou retornassem) para o campo. Apesar da distância temporal dos excertos apresentados anteriormente, o contexto desta crônica trata de um desdobramento ocasionado pelos melhoramentos da cidade e do direito dos “pobres-diabos” a viver nela. Segundo Barreto, a população que vivesse na urbe teria mais garantias, ainda que fossem mínimas, do que se vivessem na zona rural. A cidade deveria ser para todos:

(...) De resto, o urbanismo foi criado pelo próprio governo da República, dando nascimento, por meio de tarifas proibitivas, a um grande surto

²¹³ Dados sobre a criação do IPHAN coletados no site da instituição, disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=11175&retorno=paginaIphan>>. Acesso em: 02/06/13.





industrial (...). Veio depois a megalomania dos melhoramentos apressados, dos palácios e das avenidas — o que atraiu para as cidades milhares e milhares de trabalhadores rurais. O governo fez isso e agora quer desfazer. (...) Há ainda mais, no que toca aos rotos, aos pobres-diabos. Na cidade, eles tem mais garantia, não estão sujeitos a mandões tirânicos e caprichosos e as autoridades são mais escrupulosas. Mais ainda: nas cidades, há hospitais, mas é verdade, mas os há. Na roça, não há nada disso. (...) A cidade é uma necessidade; e uma grande cidade, necessidade maior ainda é. (...) O campo é a estagnação; a cidade é a evolução.²¹⁴

Assim como o *romancista* Lima Barreto nos apresentou uma cidade que se modernizou, mas que afastou a população de suas áreas remodeladas, o *cronista* Lima Barreto, mostra uma consonância com parte da imprensa quanto às decisões do governo sobre as obras executadas e o uso da verba pública. Contudo, até mesmo a parcela dessa imprensa que clamava por providências por parte das esferas municipais e federais apresentava um comportamento dúbio: ora parecia realmente estar consternada com a situação de abandono da população, ora parecia clamar para que as cenas de incoerência da população pobre circulando na cidade remodelada fossem desfeitas, por que lhe feriam os olhos. O governo por sua vez, dedicava altas somas para sua “megalomania urbana” e pouco se dedicava as vítimas diretas de suas obras.

²¹⁴ BARRETO, Lima. Urbanismo e Roceirismo. In: _____. *Marginália*. São Paulo: Brasiliense, 1961. 2ª edição p.68-70.





Considerações finais

O Rio de Janeiro é uma das primeiras cidades do país a incorporar o *tipo haussmaniano* no seu modo de planejar sua remodelação urbana, introduzido no último quartel do século XIX, concomitantemente, as mudanças do modo de produção escravista para o assalariado e a proclamação da república demandaram uma grande transformação sociopolítica neste período. O Rio de Janeiro do início do século XX surge como uma capital em que sua elite e seus governantes almejavam a transformação da cidade conhecida como *Porto Sujo* para *Cidade Maravilhosa*²¹⁵, que além de atender aos princípios de higiene e salubridade difundidos desde o século anterior, a sua remodelação lhe conferiria prestígio para angariar investimentos e imigrantes.

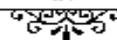
A reforma engendrada por Pereira Passos e Rodrigues Alves entre 1902 e 1906 propiciaram um palco de discussões sobre a cidade colonial que se demolia e a cidade modernizada que surgia. Dentre as várias representações sobre esta cidade em transformação, destacamos a de Lima Barreto que de sua “Vila Quilombo” narrava, refletia e propunha alternativas às mudanças que presenciou na capital federal em forma de crônicas, romances, contos e artigos de opinião.

A modernização propriamente dita não feria seus princípios, tendo em vista o que o autor disse que não gostava do passado na crônica *O Convento*, de 1911. Contudo, na mesma crônica afirma que como cidadão não poderia deixar de querer os atestados da “vida anterior” da cidade, desta forma, pode-se inferir que Barreto estava consciente da importância da preservação do que algumas décadas depois seria chamado de patrimônio histórico da cidade – conceito este institucionalizado no Brasil com a criação do SPHAN²¹⁶ em 1937. Sobre o acervo edilício, a crônica *As Fachadas*, Barreto foi taxativo ao afirmar que os edifícios que se projetavam não tinham nenhuma relação com o povo e a cultura e que sequer pareciam ter sido projetados por arquitetos brasileiros.

Apesar de não se opor a modernização da cidade, a área de abrangência e as prioridades de investimentos públicos definidos pelo prefeito e pelo presidente eram alvo da constante crítica de Lima Barreto. A modernização da capital carioca foi implementada apenas nas áreas da cidade em que os governos desejavam valorizar esteticamente para que obtivesse retorno de parte do investimento empregado. Desta forma as regiões centrais e sul

²¹⁵ Expressão “Cidade Maravilhosa” foi criada por Coelho Neto em 1908. Cf. KOK, *op.cit.*, p.80.

²¹⁶ Dados sobre a criação do IPHAN coletados no site da instituição, disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=11175&retorno=paginaIphan>>. Acesso em: 02/06/13.





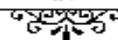
da cidade foram as que receberam as maiores quantidades de obras de melhoramentos²¹⁷. Enquanto isso, Barreto atentava para a zona norte da cidade que era tão contribuinte quanto às outras áreas da cidade, crescia rapidamente e contava com pouca – ou nenhuma – criação de infraestrutura para comportar a demanda das classes populares oriundas das áreas de demolição da cidade.

Lima Barreto expôs uma remodelação da capital carioca que teve objetivos estéticos e econômicos claramente dirigidos para reconfigurar a cidade como parte do circuito internacional de (re) produção de capital. Este pode ser um dos motivos porque a transformação da cidade se dava de modo incompleto, já que nem sempre atendia às necessidades eminentes de saúde pública, nem as falhas de planejamento para atender aos problemas sazonais como enchentes ocasionadas pelas fortes chuvas e as ressacas. Além disto, foi consoante a outros grupos da sociedade que questionavam a capacidade técnica da equipe criada para desenvolvimento e execução das obras de modernização na cidade. Isto por conta das altas somas empregadas nas obras para reparos ocasionados por falhas de concepção ou de execução estivessem elas entregues ou em plena implementação.

Outro fator que complementa a fundamentação estética da reforma implementada se encontra na segunda versão de *Clara dos Anjos*, quando o personagem Cassi Jones, transitando pela cidade remodelada, adentra numa via que ainda conservava os aspectos coloniais que motivaram a reforma de Passos. Enquanto para Barreto este contraste atestava a idealização equivocada do plano de melhoramentos, este fator era alvo de incômodo por parte da sociedade que era entusiasta da reforma. Na segunda seção do capítulo 3, apresentou-se o comportamento dúbio da imprensa e de alguns grupos que se manifestavam a favor dos populares: ora parecia realmente estar consternada com a situação de abandono da população, ora parecia clamar para que as cenas de incoerência dos populares circulando na cidade remodelada fossem desfeitas.

Além da representação deste “bolsão colonial” em plena cidade remodelada, nas obras *Clara dos Anjos e Recordações do Escrivão Isaías Caminha* se apresenta a confirmação de uma das hipóteses desta pesquisa que consistia na criação de uma experiência negativa para os indivíduos das classes populares quando estes se inserem na cidade transformada. Enquanto Caminha sofria com o preconceito dos moradores da zona sul da cidade, Cassi Jones se deparava com uma Rio de Janeiro que o fazia se sentir em uma cidade que não

²¹⁷ Neste caso estamos considerando que o centro da cidade inclui a região do porto e do canal do mangue, que eram o acesso das embarcações que viriam de outras regiões do país e do exterior.





conhecia. A sensação de ser um forasteiro dentro da própria cidade, mostra a sua estratificação socioespacial, criada de acordo com um dos princípios da reforma, manifestados pelas várias posturas municipais que inibiam a presença das classes populares nas áreas remodeladas e do discurso de Adolfo Morales de Los Rios no jornal *O Paiz*, de 1903.

Mais uma constatação feita compete à atualização da localização e abrangência do subúrbio através da análise duas versões de *Clara dos Anjos*. O subúrbio não apenas havia mudado de lugar, mas também de significado. No intervalo entre uma versão e outra da obra os arrabaldes da zona norte da cidade passaram a ser sinônimos de pobreza, e por isso não se determinavam apenas geograficamente, mas socialmente.

A comprovação da segunda hipótese, que consistia no imaginário de Lima Barreto de cidade modernizada, pode ser aqui resumida com a crônica *Uma coisa puxa a outra...II*, em que Lima Barreto propôs uma nova forma de se planejar os gastos públicos com obras que pudessem atender a todos. As entrelinhas da crônica apresentam o pensamento barretiano constante em seus textos aqui apresentados: a cidade pode e deve evoluir desde que seja inclusiva, onde seus munícipes não se sintam forasteiros ao transitar por suas ruas, que o privilégio dos novos hábitos (como o teatro, no caso desta crônica) não sejam destinados apenas a um grupo e que não padeçam com a falta de infraestrutura e moradia. Mas além destes fatores, Barreto almejava a construção de uma cidade e uma sociedade sem os preconceitos que sentiu durante boa parte de sua vida.

A partir da reorganização sócio-espacial da capital carioca feita por Pereira Passos e Rodrigues Alves que, para atrair imigrantes e investimentos esconderam o suburbano dos olhos dos estrangeiros por meio de várias medidas. Estudos de história urbana como este nos ajudam a contextualizar os processos contemporâneos de transformações urbanas. Por isso se poderia fazer um paralelo entre o que diz Lima Barreto sobre a criação da Avenida Beira- Mar para esconder a favela com o paredão construído na saída do aeroporto Antônio Carlos Jobim no Rio de Janeiro²¹⁸ e as obras da copa espalhadas pelo Brasil.

²¹⁸ Dentre outros questionamentos, a matéria *Os muros de fora e de dentro de nós* da Carta Capital de 06/09/11 apresenta a questão do muro construído na Linha Vermelha para esconder a visão da favelada Maré. Disponível em: < <http://www.cartacapital.com.br/politica/os-muros-fora-e-dentro-de-nos/> >. Acesso em: 03/06/13.





Referências Bibliográficas

ANDREATTA, Verena Vicentini. **Cidades Quadradas Paraísos Circulares**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

AZEVEDO, André Nunes de. A reforma de Pereira Passos: uma tentativa de integração urbana.[Dossiê Temático]. **Revista Rio de Janeiro**, nº10,p.39, Maio-Agosto, 2003.

BENCHIMOL, Jaime Larry. **A Modernização do Rio de Janeiro**. In: BRENNNA, Giovanna Rosso Del. O Rio de Janeiro de Pereira Passos – uma cidade em questão II. Rio de Janeiro: PUC/RJ, 1985

BRENNNA, Giovanna Rosso Del. **O Rio de Janeiro de Pereira Passos – uma cidade em questão II**. Rio de Janeiro: PUC/RJ, 1985.

BRESCIANI, Maria Stella. **Melhoramentos entre Intervenções e Projetos estéticos**. In:_____ (org).Palavras da Cidade. Porto Alegre: Editora Universitária UFRS, 2001.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro Azul, 2006. 9ªedição.

CENTURIÃO, Luis Ricardo Michaelsen. **A cidade colonial no Brasil**. Porto Alegre: EDPUCRS, 1999.

CHIAVARI, Maria Pace. **As Transformações Urbanas do século XX**. In: BRENNNA, Giovanna Rosso Del. O Rio de Janeiro de Pereira Passos – uma cidade em questão II. Rio de Janeiro: PUC/RJ, 1985

DANTAS, George A. F. **A formação das representações sobre a cidade colonial no Brasil**. 2009. 237p. Tese - Escola de Engenharia de São Carlos (EESC). São Carlos: Junho de 2009.

DUNLOP, Charles J. **O Rio Antigo**. Volume I. Rio de Janeiro: Laemmert.1955.

ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Comissão Carta Cadastral: **Carta Chorographica do Estado do Rio de Janeiro**: mandada organizar pelo presidente do Estado, o exmo. Snr. Dr. Raul de Moraes Veiga para commemorar o centenário da Independencia do Brazil, 1922. 4 mapas: 1.107,7mm x 840,3mm. Escala 1:200.000. Disponível na mapoteca virtual da Biblioteca Nacional em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart522717/cart522717.html>. Acesso em 02/04/2013.

FARIAS, Hélio Takashi Maciel. **Grande Hotel de Natal: registro histórico-memorial e restauração virtual**. 2005. 155p. Monografia – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal: 2º semestre de 2005.

FERNANDES, Nelson da Nóbrega. **O Rapto Ideológico da Categoria Subúrbio**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.





FERREIRA, Alvaro. O Porto e o Bonde no início do século XX e no início do século XXI: novas exclusões? In: **Simposio Internacional Globalización, Innovación Y Construcción De Redes Técnicas Urbanas En América Y Europa, 1890-1930**. Barcelona: Artigo. Barcelona: Universidad de Barcelona, Facultad de Geografía y Historia, 2012.

FERREZ, Marc. **O Álbum da Avenida Central: um documento fotográfico da construção da Avenida Rio Branco**. Rio de Janeiro: João Fortes Engenharia, 1982.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais: morfologia e história**. Tradução de Federico Carotti; São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

_____. **O queijo e os vermes: O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 3ª edição

GOMES, Renato Cordeiro. **João do Rio: velas do vício, ruas da graça**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

GORELIK, Adrián. **Imaginarios urbanos y imaginación urbana. Para um recorrido por los lugares comunes de los estúdios culturales urbanos**. In: _____. Miradas sobre Buenos Aires, historia cultural y critica urbana. Buenos Aires: 2004.

HARVEY, David. **Paris, capital of modernity**. Oxon (Great Britain): Routledge, 2006.

KESSEL, Carlos. **Entre o Pastiche e a Modernidade: Arquitetura Neocolonial no Brasil**. Tese. 2002. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2002.

KOK, Glória. **Rio de Janeiro na época da Av. Central**. São Paulo: Bei Comunicação, 2005.

LIRA, José Correia Tavares de. **Freguesias morais e geometria do espaço urbano: o léxico das divisões e a história de Recife**. In: BRESCIANI, Maria Stella (org). Palavras da Cidade. Porto Alegre: Editora Universitária UFRS, 2001.

MACHADO, Maria Cristina. **Gonzaga de Sá, um flaneur com pés de chumbo: cidade e modernidade em Lima Barreto**. Brasília: Revista do Departamento de Sociologia da UnB, 1998.

MACHADO, Maria Cristina Teixeira. **Lima Barreto: um pensador social na Primeira República**. Goiania: Editora da UFG; São Paulo: Edusp, 2002.

MACHADO, Maria Salete Kern. **O Imaginário Urbano**. In: BRESCIANI, Maria Stella.(org). Palavras da Cidade. Porto Alegre: Editora Universitária UFRS, 2001.

MAGALHÃES Jr. Raimundo. **Antologia de Humorismo e Sátira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957.

MASCARENHAS, Gilmar. A modernidade das redes técnicas e as temporalidades em contraste: a produção do abandono da área central do Rio de Janeiro (1890-1930). In: **Simposio Internacional Globalización, Innovación Y Construcción De Redes Técnicas**





Urbanas En América Y Europa, 1890-1930. Barcelona: Artigo. Barcelona: Universidad de Barcelona, Facultad de Geografía y Historia, 2012.

MUNICIPIO NEUTRO DO RIO DE JANEIRO. **Planta da cidade do Rio de Janeiro:** contendo todos os melhoramentos mandados executar pelo Governo da União e Prefeitura Municipal, 1911. 1 mapa: 1.210,73mm x 1.138,76mm. Disponível na mapoteca virtual da Biblioteca Nacional em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart170649/cart170649.jpg>. Acesso em: 05/04/13.

NONATO, José A. e SANTOS, Núbia M. (orgs). **Era uma vez o Morro do Castelo.** 2 ed. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000.

NUNES, Radamés V. **Sobre Crônicas, Cronistas e Cidade: Rio de Janeiro nas Crônicas de Lima Barreto e Olavo Bilac – 1900-1920.** Tese. 2008. 194p. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia: maio de 2008.

PAOLI, Paula Silveira de. **Uma história no tempo presente:** os tombamentos da arquitetura moderna pelo IPHAN. 3ª DOCOMOMO, 2010.

PAIXÃO, Cláudia Miriam Quelhas. **O Rio de Janeiro e o morro do Castelo:** populares, estratégias de vida e hierarquias sociais. 2008, 159 p. Dissertação – Universidade Federal Fluminense. Niterói: 2008.

PINHEIRO, Eloísa Petti. **Europa, França e Bahia:** difusão e adaptação de modelos urbanos (Paris, Rio e Salvador). Salvador: EDUFBA, 2002.

PINHEIRO, Manoel Carlos e FIALHO, Renato da Cunha. **Pereira Passos:** vida e obra. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos, 2006. 15p. (Coleção Estudos da Cidade). Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/ipp>>. Acesso em: 03/03/12.

RODRIGUES, João Carlos. **João do Rio:** uma biografia. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

SANTOS, Leonardo Soares. **O desmanche de uma tradição:** Reformas urbanas e herança medieval no Rio de Janeiro de fins do XIX. Revista Mundo Antigo, junho 2012.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão:** tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1995. 4ª edição.

SILVA, Adriana Carvalho. **A literatura urbana de Lima Barreto em Clara dos Anjos.** Revista Espaço e Cultura: Rio de Janeiro, nº25, p.7-16, Janeiro a Junho de 2009.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor, as batatas.** São Paulo: Editora 34, 2000. 5ª edição.

SAINT- HILAIRE, Auguste. **Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais.** São Paulo: Cia Editora Nacional, 1938. Disponível na Biblioteca Virtual da USP em: <<http://www.brasiliana.com.br/obras/viagem-pelas-provincias-do-rio-de-janeiro-e-minas-gerais-t-1/>>. Acesso em: 20/02/13.





THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ZILLY, Berthold. **Lima Barreto e a Cultura Nacional**. In: MELLO, Simone de. Gamsci e o Brasil (2006). Disponível em: <http://www.acesa.com/>. Acesso em: 03/03/12.

Fontes Primárias

A Mulher e a Rua. **Revista Kosmos**, novembro de 1907. Disponível na hemeroteca virtual da Biblioteca Nacional em: < http://memoria.bn.br/pdf/146420/per146420_1907_00011.pdf >, acesso em 14/04/13.

BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. Editora Ática: Rio de Janeiro. 1996. Disponível em: < <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000048.pdf>>. Acessado em: 04/03/12

_____. Clara dos Anjos. In:_____. SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org). **Contos Completos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. Fachadas. In:_____. SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org). **Contos Completos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. O Falso Henrique V. In:_____. SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org). **Contos Completos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **Crônicas Escolhidas**. São Paulo: Folha de São Paulo, 1995.

_____. **Diário Íntimo**. São Paulo: Brasiliense. 1961. 2ª edição.

_____. A minha candidatura. In: _____. **Marginália**. São Paulo: Brasiliense, 1961a. 2ª edição.

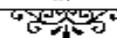
_____. A Política Republicana. In: _____. **Marginália**. São Paulo: Brasiliense, 1961a. 2ª edição.

_____. Urbanismo e Roceirismo. In: _____. **Marginália**. São Paulo: Brasiliense, 1961a. 2ª edição.

_____. Vários autores e Varias obras. In: _____. **Marginália**. São Paulo: Brasiliense, 1961a. 2ª edição.

_____. **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. 10ª edição.

_____. Uma coisa puxa a outra...II. In: _____.RESENDE, Beatriz (Org). **Toda Crônica**: Lima Barreto. Rio de Janeiro: Agir, 2004.





_____. O Convento. In: _____. RESENDE, Beatriz (Org). **Toda Crônica:** Lima Barreto. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

_____. Variações. In: _____. RESENDE, Beatriz (Org). **Toda Crônica:** Lima Barreto. Rio de Janeiro: Agir, 2004

_____. **Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá.** São Paulo: Edição Revista do Brasil, 1919. Disponível na Biblioteca Virtual da USP em: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00123200>>. Acesso em: 04/03/12.

_____. Até o final. In: _____. **Vida Urbana:** Artigos e Crônicas. São Paulo: Brasiliense, 1961b. 2ª edição.

_____. Botafogo e os Pró-homens. In: _____. **Vida Urbana:** Artigos e Crônicas. São Paulo: Brasiliense, 1961b. 2ª edição.

_____. As Enchentes. In: _____. **Vida Urbana:** Artigos e Crônicas. São Paulo: Brasiliense, 1961b. 2ª edição.

_____. A Revolta do Mar. In: _____. **Vida Urbana:** Artigos e Crônicas. São Paulo: Brasiliense, 1961b. 2ª edição.

_____. O Clube da Engenharia. In: _____. **Vida Urbana:** Artigos e Crônicas. São Paulo: Brasiliense, 1961b. 2ª edição.

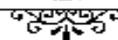
_____. O Conselho Municipal e a arte. In: _____. **Vida Urbana:** Artigos e Crônicas. São Paulo: Brasiliense, 1961b. 2ª edição.

BAEDEKER, Karl. **Baedeker's Guide:** Paris and its environs. London: Karl Baedeker Publisher, 1878. 6th Edition. Disponível no acervo virtual da Universidade de Oxford na Internet Archive em: <<http://archive.org/details/parisanditsenvi00baedgoog>>. Acesso em 20/05/13.

BAEDEKER, Karl. **Baedeker's Guide:** Paris and environs. London: Karl Baedeker Publisher, 1898. 13th Edition. Disponível no acervo virtual da Universidade de Oxford na Internet Archive em: <<http://archive.org/details/parisanditsenvi02baedgoog>>. Acesso em 20/05/13.

BILAC, Olavo. Chronica. **Jornal Gazeta de Notícias:** 05 de novembro de 1905. Disponível na hemeroteca da Biblioteca Nacional em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_04&pasta=ano%20190&pesq=Bilac>. Acesso em: 25/05/13

BILAC, Olavo. Chronica, **Revista Kosmos,** outubro de 1906. Disponível na hemeroteca virtual da Biblioteca Nacional em: <http://memoria.bn.br/pdf/146420/per146420_1906_00010.pdf>. Acesso em: 18/05/13.





BILAC, Olavo. *Chronica*, Revista Kosmos: setembro de 1904. – Disponível na hemeroteca virtual da Biblioteca Nacional em: <http://memoria.bn.br/pdf/146420/per146420_1904_00009.pdf> Acesso em 25/05/13.

Descendo o Castello, **Revista o Malho**: 02 de setembro de 1905. Disponível no site da Casa Rui Barbosa em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/omalho/revista.asp?rev=155&ano=1905>>, acesso em: 21/05/13.

EMPIRE OF BRAZIL. **Commercial and Emigrational Guide to Brazil**. Washington: Gibson Bros, Printers and Bookbinders.1886. Disponível no acervo virtual da Universidade de Michigan na Internet Archive em: <<http://ia700302.us.archive.org/33/items/empirebrazilcom00gomegoog/empirebrazilcom00gomegoog.pdf>>. Acesso em 20/05/13.

Engenharia a Muller. **Correio da Manhã**: 18 de outubro de 1905. Disponível na hemeroteca virtual da Biblioteca Nacional em: <http://memoria.bn.br/pdf/089842/per089842_1905_01560.pdf>. Acesso em: 23/05/13

GARDNER, George. **Travels in Interior of Brazil**. London: Reeve, Behan and Reeve, 1849. 2nd edition. p.4. Disponível no acervo virtual da Biblioteca Nacional: <<http://purl.pt/23394/1/P12.html>>, acessado em 01/04/2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA. Estatísticas do século XX. Disponível no site do IBGE em: <<http://www.ibge.gov.br/seculoxx/seculoxx.pdf>>. Acesso em 31/03/2013.

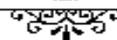
Los RIOS, Adolfo Morales. A Grande Avenida. Série de grandes obras - A avenida da prefeitura: **Jornal O Paiz**, edição de 5 de maio de 1903 em <http://memoria.bn.br/pdf/178691/per178691_1903_06805.pdf>. Acesso em 20/05/13.

Los RIOS, Adolfo Morales. Os Novos Caes. Série de grandes obras - A avenida da prefeitura. **Jornal O Paiz**, edição de 4 de junho de 1903 em <http://memoria.bn.br/pdf/178691/per178691_1903_06810.pdf>. Acesso em 20/05/13.

MELHORAMENTOS DA CIDADE PROJETADOS PELO PREFEITO DO DISTRITO FEDERAL DR. FRANCISCO PEREIRA PASSOS. In: ANDREATTA, Verena. **Cidades Quadradas Paraísos Circulares**: os planos urbanísticos para o Rio de Janeiro no século XIX. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006, Anexos, p. 27-29

O que vai por ahi. **Revista O Malho**: 17 de junho de 1905. - Disponível no site Casa Rui Barbosa em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=116300&PagFis=4925> – Acesso em 20/05/13.

Photographia Prophetica, **Revista O Malho**: 23 de abril de 1904. Disponível no site Casa Rui Barbosa em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/omalho/revista.asp?rev=84&ano=1904>> acesso em: 21/04/13.





Procurando a Casa, **Revista O Malho**: 02 de abril de 1905. Disponível no site Casa Rui Barbosa em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/omalho/revista.asp?rev=155&ano=1905>>. Acesso em: 26/05/13.

RELATÓRIOS DA COMISSAO DE MELHORAMENTOS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, 1875 e 1876. In: ANDREATA, Verena. **Cidades Quadradas Paraísos Circulares**: os planos urbanísticos para o Rio de Janeiro no século XIX. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006, Anexos, p. 9-27.

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL. Decisões Do Governo em 1904, Lei 1.261 de 31 de outubro de 1904.

RIO, João do. **A Alma encantadora das ruas**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.

Zé povo em camisa. **Revista O Malho**: 29 de outubro de 1904. – Disponível na hemeroteca virtual da Biblioteca Nacional em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=116300&PagFis=3567>>. Acesso em 20/05/13.





Agexos

